



Universidade de Évora e Instituto Superior de Agronomia

## Novos paradigmas na gestão das explorações agrícolas: exemplos de Montemor-o-Novo.



Daniela Sofia Lourenço da Costa

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em  
**Gestão e Conservação de Recursos Naturais**

Orientadora: Professora Doutora Isabel Rodrigo  
Coorientadora: Professora Doutora Teresa Pinto-Correia

Março, 2013



Universidade de Évora e Instituto Superior de Agronomia

# **Novos paradigmas na gestão das explorações agrícolas: exemplos de Montemor-o-Novo.**

Daniela Sofia Lourenço da Costa

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em  
**Gestão e Conservação de Recursos Naturais**

Orientadora: Professora Doutora Isabel Rodrigo  
Coorientadora: Professora Doutora Teresa Pinto-Correia

Março, 2013

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos é apenas uma gota de água no oceano.  
Mas o oceano seria menor se lhe faltasse uma gota.”

*Madre Teresa de Calcutá*

# Agradecimentos

---

## Muito obrigada:

Professora Isabel e professora Teresa pela forma como me receberam, por toda a disponibilidade e motivação que me foram dando, pelo vosso rigor, por serem uma fonte de inspiração e por apostarem em mim;

Filipe, Lena e Mara pelo companheirismo, motivação e amizade;

Carlos Guerra pela disponibilidade imediata e toda ajuda que me deste;

Equipa Dynamo e colegas de investigação do ISA, Lara e Rita, pela paciência e apoio;

Professores do mestrado de Gestão e Conservação de Recursos Naturais por todo o conhecimento passado;

Professor José Lima Santos por me ter encaminhado à professora Isabel para a realização desta tese de mestrado;

Colegas e amigos de mestrado, pela amizade, por todas as gargalhadas e por todos os momentos;

Professores de licenciatura em Ciência e Tecnologia Animal por me terem iniciado nesta área e por todo o apoio que me deram a continuam a dar;

Colegas e amigos de Zootecnia pelos anos que passamos juntos e pela amizade que continuamos a ter;

Aos meus coleguinhas de casa pela compreensão da minha ausência, pela amizade e por não me deixarem dormir na mitra ☺;

DreamTeam por tudo o que vivemos juntos, pelo apoio nos bons e maus momentos, e pela forte amizade que nos une;

Gustavo, pela cumplicidade do nosso olhar, pelo sorriso no meu rosto, por seres um pilar na minha vida;

À melhor família do mundo: avós, tios, primos, mano, Catarina, pais e minha pequena Anita, por me proporcionarem os melhores momentos da minha vida;

Mãe e Pai porque não há palavras para toda a confiança, carinho e dedicação por vocês demonstrado dia após dia... por terem feito de mim a pessoa que sou hoje e pelo amor incondicional que demonstram!

E, como não poderia deixar de ser, aos chefes de exploração que tornarem este trabalho possível, por terem sido tão prestáveis, pela paciência e por tudo o que me ensinaram e continuam a ensinar...

**Esta tese tem um pouco de todos vós!**

## Resumo

---

### **Novos paradigmas na gestão das explorações agrícolas: exemplos de Montemor-o-Novo.**

Palavras-chave: Multifuncionalidade, Teoria da Transição, Produtivismo, Pós-Produtivismo, Comportamentos, Atitudes.

A teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo é uma conceptualização teórica que procura explicar os desenvolvimentos inerentes à atividade agrícola, mais concretamente, aos chefes de exploração e às suas estratégias de gestão. Esta teoria defende que as estratégias de gestão dos chefes de exploração poderão estar a atravessar uma mudança de paradigma no sentido da multifuncionalidade, optando por uma combinação entre as várias funções da agricultura, não se focando apenas na produção de alimentos e fibras (Marsden, 2003; Wilson 2007). Pretende-se com este trabalho perceber como se posicionam os chefes de exploração de Montemor-o-Novo face às múltiplas opções de gestão, tendo sido para isso realizados 119 inquéritos por questionário a chefes de exploração no concelho. Com base nos seus comportamentos e atitudes obtivemos três tipos de chefes de exploração. Os resultados indicam que o produtivismo continua muito presente, não sendo evidente a ocorrência de uma transição para o pós-produtivismo.

# Abstract

---

## **New paradigms in the management of farms: examples of Montemor-o-Novo.**

Keywords: Multifunctionality, Transition Theory, Productivism, Post-Productivism, Behaviours, Attitudes.

Nowadays agriculture is confronted with an unstable atmosphere, causing uncertainty in the continuity of the farms. In this context appears the

Transition theory from productivism to post-productivism is a theoretical conceptualization that seeks to explain the developments related to the agricultural activity, more specifically, to the land managers and their management strategies. This theory claims the management strategies of land managers may be undergoing a shift towards multifunctionality, beginning to appreciate other functions besides the production of food and fiber (Marsden, 2003; Wilson, 2007). Therefore, this paper's aim is understand what the position of land managers of Montemor-o-Novo relative to the multiple management options. A survey was applied to a sample of 119 land managers, from which emerged three types of land managers based on their behaviours and attitudes. The results indicate that productivism continues very present, supporting that land managers are in no evident transition pathway towards post-productivism.

# Índice de conteúdos

---

Agradecimentos.....	I
Resumo .....	II
Abstract .....	III
Índice de figuras .....	VI
Índice de quadros .....	IX
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento teórico.....	4
2.1 A PAC e a multifuncionalidade .....	4
2.2 Teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo – no caminho da multifuncionalidade agrícola? .....	9
3. Caso de Estudo .....	15
3.1 Contextualização do caso de estudo .....	15
3.2 Caracterização biofísica .....	17
3.2.1 Clima .....	17
3.2.2 Caracterização fisiográfica .....	17
3.2.3 Ocupação do solo .....	17
3.3 Caracterização demográfica e socioeconómica do concelho.....	19
3.4 Caracterização agrícola do concelho.....	24
3.4.1 Mão-de-obra nas explorações.....	31
3.5 Caracterização agrícola por freguesia .....	34
4. Metodologia .....	37
4.1 Construção do guião do inquérito por questionário.....	37
4.2 Seleção da amostra .....	38
4.3 Aplicação dos inquéritos aos chefes de exploração .....	39
4.4 Análise estatística .....	42
4.4.1 Correlação entre variáveis discriminantes .....	44
4.4.2 Análise de Clusters .....	44
4.4.3 Estatística Descritiva .....	44
5. Resultados.....	45
5.1 Descrição dos clusters .....	46
6. Discussão .....	83
6.1 Análise e discussão individual dos tipos de chefes de exploração .....	83
6.2 Análise e discussão da tipologia de chefes de exploração .....	92
7. Considerações Finais .....	95

Referências bibliográficas.....	98
Anexos .....	105

---

## Índice de figuras

---

Figura 2.1.....	4
Evolução dos apoios atribuídos à atividade agrícola através da Política Agrícola Comum	
Figura 2.2 .....	11
Conceptualização da transição agrícola ao nível da exploração, representado graficamente por um espetro delimitado por atitudes e comportamentos produtivistas e pós-produtivistas	
Figura 2.3 .....	13
Representação das forças que conduzem à transição do produtivismo para o pós-produtivismo	
Figura 3.1.....	15
Localização da região do Alentejo no mapa de Portugal	
Figura 3.2.....	15
Localização de Montemor-o-Novo no mapa de Portugal	
Figura 3.3.....	16
Freguesias de Montemor-o-Novo e concelhos vizinhos	
Figura 3.4.....	18
Ocupação do solo do concelho de Montemor-o-Novo	
Figura 3.5.....	24
Evolução do número de explorações por classes de SAU, em Montemor-o-Novo	
Figura 3.6.....	27
Evolução da percentagem de pastagens pobres, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Figura 3.7.....	28
Evolução do número de cabeças normais de bovinos, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Figura 3.8 .....	29
Evolução do número de cabeças normais de ovinos, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Figura 3.9.....	29
Evolução do número de cabeças normais de caprinos, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Figura 3.10.....	31
Nº de explorações com atividades lucrativas não agrícolas e tipo de atividade, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1999 e 2009	

Figura 3.11.....	32
Evolução da mão-de-obra agrícola, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Figura 3.12.....	33
Evolução das UTA, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Figura 3.13.....	33
Evolução do trabalho mecanizado, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Figura 3.14.....	34
Distribuição das freguesias no concelho de Montemor-o-Novo	
Figura 3.15.....	35
Distribuição da SAU por cada freguesia do concelho de Montemor-o-Novo, à data dos RGA de 2009	
Figura 3.16.....	35
Nº de explorações por freguesia em Montemor-o-Novo, à data dos RGA de 2009	
Figura 4.1.....	37
Tópicos e dimensões que estiveram na base da construção do guião do inquérito por questionário aplicado aos chefes de exploração agrícola, formulado com base nas dimensões da teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo (Wilson,2007), consulta de especialistas e literatura	
Figura 4.2 e 4.3.....	39
Chefes de exploração no concelho de Montemor-o-Novo	
Figura 4.4.....	41
Localização espacial das explorações inquiridas no concelho de Montemor-o-Novo	
Figura 5.1.....	45
Sumário da análise de clusters realizada e qualidade dos clusters obtidos	
Figura 5.2.....	45
Dimensão dos clusters obtidos	
Figura 5.3.....	46
Importância de cada uma das variáveis discriminantes para a construção dos clusters	
Figura 5.4.....	53
Variação das classes de área na amostra e no cluster 1	
Figura 5.5.....	54
Variação da variável mão-de-obra na amostra e no cluster 1	
Figura 5.6.....	55
Variação da presença de montado nas explorações da amostra e do cluster 1	
Figura 5.7.....	55
Variação da produção de bovinos na amostra e no cluster 1	
Figura 5.8.....	56
Variação da variável % do que é comercializado na amostra e no cluster 1	

Figura 5.9.....	56
Variação da comercialização de cortiça na amostra e no cluster 1	
Figura 5.10.....	57
Variação da presença de outra pessoa/associação a gerir a caça na amostra e no cluster 1	
Figura 5.11.....	58
Variação da presença de outra pessoa a gerir apicultura na amostra e no cluster 1	
Figura 5.12.....	66
Variação do grau de escolaridade na amostra e no cluster 2	
Figura 5.13.....	67
Variação da produção de ovinos na amostra e no cluster 2	
Figura 5.14.....	68
Variação das classes de encabeçamento na amostra e no cluster 2	
Figura 5.15.....	69
Análise de frequências da questão “Escoa os produtos dessa forma porque não tem alternativa ou a produção é insuficiente?”, no cluster 2	
Figura 5.16.....	70
Variação das explorações com produção biológica não certificada na amostra e no cluster 2	
Figura 5.17.....	80
Análise de frequências da questão “Escoa os produtos dessa forma porque não tem alternativa ou a produção é insuficiente?”, no cluster 3	
Figura 5.18.....	80
Análise de frequências da questão “Não recebe subsídios porque não é elegível?” para o cluster 3	
Figura 6.1.....	94
Posicionamento dos chefes de exploração obtidos em Montemor-o-Novo, consoante a presença de atitudes e comportamentos produtivistas e pós-produtivistas	

## Índice de quadros

---

Quadro 2.1.....	8
Importância relativa das diferentes funções da agricultura, identificadas pelos investigadores do projeto MULTAGRI, tendo por base a evolução dos discursos sobre multifuncionalidade em alguns países da Europa	
Quadro 3.1.....	16
Superfície (km <sup>2</sup> ) do território em estudo e sua representatividade na NUTII Alentejo e NUTIII Alentejo Central	
Quadro 3.2.....	20
Densidade populacional (Nº/Km <sup>2</sup> ) de Montemor-o-Novo, à data dos censos de 1991, 2001 e 2011	
Quadro 3.3.....	20
Densidade populacional (Nº/Km <sup>2</sup> ) dos Concelhos da NUTIII Alentejo Central, à data dos censos 1991, 2001 e 2011	
Quadro 3.4.....	21
Densidade populacional (Nº/Km <sup>2</sup> ) da NUTIII, à data dos censos 1991, 2001 e 2011	
Quadro 3.5.....	21
População residente (Nº) por grupo etário no concelho de Montemor-o-Novo, à data dos censos 2001 e 2011	
Quadro 3.6.....	22
População residente (Nº) por nível de escolaridade mais elevado completo no concelho de Montemor-o-Novo, à data dos censos de 2011	
Quadro 3.7.....	22
Peso (%) de cada setor de atividade económica na população empregada (Nº), no concelho de Montemor-o-Novo, para os anos de 1960, 1981 e 2001	
Quadro 3.8.....	23
População empregada (Nº) por atividade económica (CAE Ver. 2.1) e peso de cada atividade (%) para o total da população empregada (Nº) no concelho de Montemor-o-Novo, à data dos censos 2001	
Quadro 3.9.....	24
Número de explorações agrícolas por classes de SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Quadro 3.10.....	25
Natureza jurídica por exploração e por SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Quadro 3.11.....	26
Evolução da Superfície irrigável (ha) e dos prados e pastagens permanentes (ha) e sua percentagem na SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	

Quadro 3.12.....	26
Superfície de prados e pastagens permanentes por classes de SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Quadro 3.13.....	27
Abandono de terras agrícolas em Portugal, Continente, Alentejo Central e Montemor-o-Novo	
Quadro 3.14.....	30
Proporção (%) de explorações agrícolas com atividades lucrativas não agrícolas, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1999 e 2009	
Quadro 3.15.....	31
Evolução das idades dos chefes de exploração agrícola, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009	
Quadro 3.16.....	36
Variação do nº de explorações agrícolas por localização geográfica em Montemor-o-Novo	
Quadro 4.1.....	40
Número de explorações selecionadas e inquiridas no concelho de Montemor-o-Novo, por freguesia e por classes de SAU	
Quadro 4.2.....	41
Número de explorações inquiridas e número de explorações registadas no Recenseamento Geral Agrícola 2009, no concelho de Montemor-o-Novo, por freguesia e por classes de SAU	
Quadro 4.3.....	43
Variáveis selecionadas como discriminantes para a construção dos clusters	
Quadro 5.1.....	48
Seleção das variáveis mais significativas relativas a características sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas do cluster 1 (n=44)	
Quadro 5.2.....	49
Seleção das variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster 1 (n=44)	
Quadro 5.3.....	51
Seleção de variáveis mais significativas relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster 1 (n=44)	
Quadro 5.4.....	60
Seleção de variáveis mais significativas relativas a características sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas do cluster 2 (n=48)	

Quadro 5.5.....	61
Seleção de variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster 2 (n=48)	
Quadro 5.6.....	64
Seleção de variáveis mais significativas relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster 2 (n=48)	
Quadro 5.7.....	72
Seleção de variáveis mais significativas relativas a caraterísticas sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas do cluster 3 (n=27)	
Quadro 5.8.....	73
Seleção de variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster 3 (n=27)	
Quadro 5.9.....	76
Seleção de variáveis relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster 3 (n=27)	
Quadro 5.10.....	78
Relação entre as variáveis “Mão-de-obra” e “Idade” para o cluster 3	
Quadro 5.11.....	79
Relação das variáveis “Principal atividade profissional” e “Rendimento familiar”	
Quadro 6.1.....	84
Principais caraterísticas dos chefes de exploração “Empresário Agrícola” e sua identificação ao paradigma produtivista ou pós-produtivista	
Quadro 6.2.....	88
Principais caraterísticas dos chefes de exploração “Agricultor Tradicional” e sua identificação ao paradigma produtivista ou pós-produtivista	
Quadro 6.3.....	90
Principais caraterísticas dos chefes de exploração “Agricultor Hobby” e sua identificação ao paradigma produtivista ou pós-produtivista	
Quadros 6.4.....	92
Análise da possível ocorrência de uma transição tendo por base os comportamentos dos últimos 10 anos e os possíveis comportamentos para os próximos 10 anos	
Quadro A.....	107
<b>Anexo 1</b> Inquérito por questionário aplicado aos chefes de exploração	
Quadro B.....	113
<b>Anexo 2</b> Variáveis discriminantes por ordem de importância	
Quadro C.....	114
<b>Anexo 3</b> Variáveis descritivas por ordem de importância	
Quadro D.....	120
<b>Anexo 4</b> Correlação Bivariada entre variáveis discriminantes	
Quadro E.....	122
<b>Anexo 5</b> Histogramas relativos às variáveis sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas, utilizadas para caracterização e discussão dos clusters	

Quadro F.....	120
<b>Anexo 5 (continuação)</b> Histogramas relativos às variáveis dos comportamentos técnico-económicos agrícolas, utilizadas para caraterização e discussão dos clusters	
Quadro G.....	129
<b>Anexo 5 (continuação)</b> Histogramas relativos às variáveis das atitudes dos chefes de exploração, utilizadas para caraterização e discussão dos clusters	

# 1. Introdução

---

Atualmente, a atividade agrícola europeia e, particularmente, os sistemas extensivos de sequeiro do Mediterrâneo, caracterizados pela baixa produtividade, atravessam um período de grande instabilidade. Ao nível da exploração, parte significativa de chefes de exploração agrícola assistem ao decréscimo dos rendimentos provenientes das respetivas explorações agrícolas devido ao aumento dos preços das matérias-primas, redução dos subsídios à produção e oscilações constantes nos preços dos produtos provenientes da agricultura; assim como um declínio do papel social da atividade e decadência dos sistemas tradicionais de ocupação do solo (Barroso *et al.*, 2012b). A um nível mundial, internacional e nacional, a questão agrícola é objeto de vários debates que se debruçam sobre temas tão diversificados como, por exemplo, a segurança alimentar, o bem-estar animal, a utilização de produtos químicos e as alterações climáticas (Barroso *et al.*, 2010). Simultaneamente, na ordem do dia está um outro debate que, para além de abarcar estes temas, se afigura de grande importância. Referimo-nos aos desafios e objetivos incluídos na nova Reforma da Política Agrícola Comum (PAC), em fase de conclusão, e que orientará o futuro da agricultura europeia no período compreendido entre 2014 e 2020. No âmbito da Reforma da PAC, é referida a necessidade de manter a competitividade da agricultura europeia nos mercados globais, garantindo elevados padrões de produção e respondendo às novas procuras por bens e serviços não-agrícolas (Pinto-Correia e Vos, 2004).

Neste contexto socioeconómico e político, a perspetiva teórica subjacente ao conceito multifuncionalidade e à teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo afiguram-se de grande interesse. A teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo explica de que forma a agricultura poderá estar a passar de um paradigma produtivista, isto é, em que a produção, enquanto fator económico, é a única preocupação dos chefes de exploração, para um paradigma pós-produtivista em que os chefes de exploração valorizam, para além da produção, outras funções como a proteção ambiental e a oferta de bens e serviços não agrícolas, ou seja, uma lógica multifuncional (Marsden, 2003; Wilson, 2007). Esta adaptação pode ser uma forma de aumentar a competitividade e, conseqüentemente, a sobrevivência das explorações. Esta transição é um processo dinâmico e, como tal, incorpora várias combinações entre as referidas funções, refletindo portanto, quer diferenças na paisagem per se, quer na gestão agrícola, quer ainda às escalas local e regional (Holmes, 2006). De

entre os fatores relevantes para o equilíbrio entre as funções enumeradas estão, por exemplo, a capacidade de inovação dos chefes de exploração e a sua habilidade ou capacidade para identificar e aplicar novas orientações na gestão das respetivas unidades de produção, mas também, as políticas públicas, como a PAC e outras eventuais políticas agrícolas nacionais, bem como o contexto institucional que apoia e enquadra as decisões dos chefes de exploração (Pinto-Correia e Vos, 2004).

Sobre este tema está a decorrer, entre 2011 e 2014, o Projeto de Investigação PTDC/CS-GEO/110994/2009 “Processos de Transição: Inovação e Estratégias de Gestão na Exploração Agrícola”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e envolvendo a Universidade de Évora e o Instituto Superior de Agronomia. O referido projeto tem como objetivos estudar as diferentes estratégias de gestão utilizadas pelos chefes de exploração agrícola; encontrar evidências da coexistência de diferentes estratégias de gestão a nível local; e, ainda, identificar e caracterizar o seu padrão de distribuição espacial. O estudo destas questões tomou como referencial geográfico as unidades produtivas agrícolas localizadas nos concelhos de Montemor-o-Novo, Odemira e Castelo de Vide.

O presente trabalho enquadra-se no Projeto de Investigação acima identificado e tem como objetivo testar como se comportam os chefes de exploração no concelho de Montemor-o-Novo, face às múltiplas opções de gestão (Marsden, 2003; Holmes, 2006; Wilson, 2007). Para esse fim é tomado como referencial geográfico as explorações agrícolas localizadas em Montemor-o-Novo. Concelho onde se iniciou a recolha de informação empírica através da realização de inquéritos por questionário aos chefes de exploração agrícola, no âmbito do Projeto de Investigação acima identificado.

A escolha deste município deve-se a três principais aspetos que, de seguida, se enumeram. Estes aspetos, que ressaltam de trabalhos de investigação realizados no concelho, são: o registo da procura pela paisagem rural, relacionada com as funções que a paisagem suporta, para além da função produção; as múltiplas opções de gestão e múltiplos perfis dos chefes de exploração agrícola no concelho; e a presença de chefes de exploração originários de áreas urbanas de Portugal ou mesmo de outros países, que procuram o rural pela qualidade de vida, e que desenvolvem estratégias de gestão inovadoras para a exploração (Barroso *et al.*, 2012b).

O trabalho encontra-se organizado em sete capítulos. O capítulo 2, designado por Enquadramento Teórico, concentra-se na apresentação da teoria que está na base do presente trabalho, nomeadamente os desenvolvimentos da PAC, o conceito

multifuncionalidade agrícola e a teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo. O capítulo 3, Caso de Estudo, faz uma apresentação das principais características sociodemográficas, socioeconómicas e agrícolas do concelho de Montemor-o-Novo consideradas relevantes para o presente estudo. O capítulo 4, Metodologia, desenvolve os conceitos inerentes à construção do inquérito por questionário aplicado na recolha de informação empírica; o procedimento utilizado na seleção da amostra das unidades produtivas agrícolas a inquirir e, ainda, os métodos de análise estatística utilizados quer na seleção da amostra a inquirir, quer no tratamento da informação empírica recolhida. No capítulo 5, Resultados, procede-se à apresentação dos clusters obtidos e respetiva caracterização. O capítulo 6, Discussão, analisa os clusters obtidos no âmbito da teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo. E, por fim, o capítulo 7, Considerações Finais, apresenta alguns pontos-chave a reter em resultado da realização deste trabalho.

## 2. Enquadramento teórico

O presente capítulo tem por objetivo fazer uma apresentação da teoria subjacente ao tema que se pretende estudar no âmbito deste trabalho. Para tal, segue-se uma contextualização referente à Política Agrícola Comum e ao conceito de multifuncionalidade e, posteriormente, à teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo.

### 2.1 A PAC e a multifuncionalidade

O desenvolvimento da atividade agrícola na Europa e o rumo que esta tomou ao longo dos anos estão intimamente ligados à evolução da Política Agrícola Comum (PAC), em vigor a partir de 1962 (Figura 2.1).

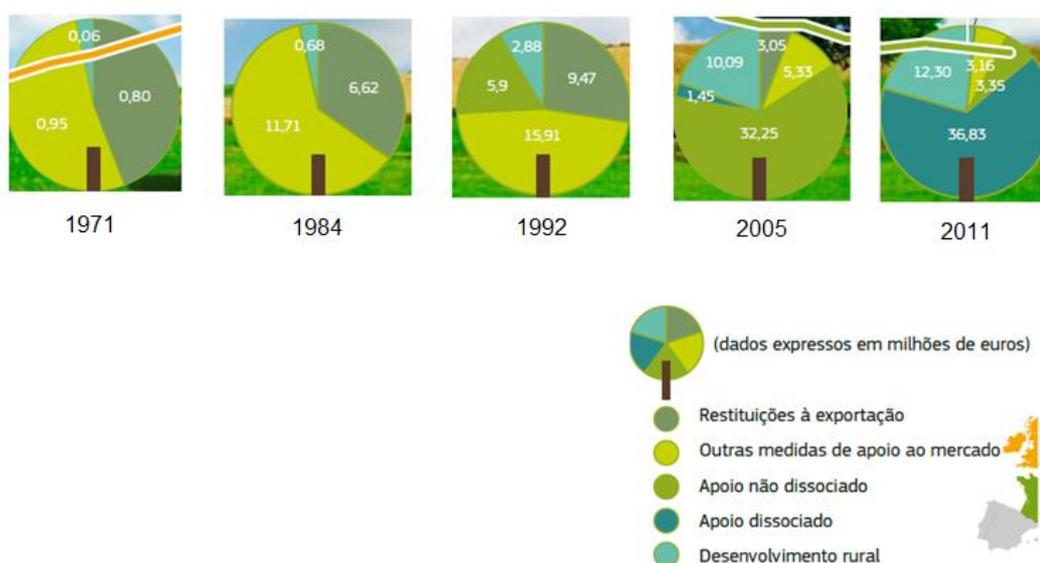


Figura 2.1 Evolução dos apoios atribuídos à atividade agrícola através da Política Agrícola Comum  
Fonte: Comissão Europeia, 2012

Mais concretamente, até ao início da década de 1990, o modelo da PAC pautou-se pela garantia de rendimento aos produtores europeus e pelo aumento da produtividade de alimentos e fibras, com recurso à intensificação dos métodos de produção e à modernização das estruturas produtivas agrícolas (Burton, 2004; Knickel *et al.*, 2009). A proteção comercial, os preços garantidos e o apoio aos mercados são exemplos de mecanismos criados tendo em vista incentivar a adoção de formas de produção cada vez mais intensivas (Martínez, 2001).

Contudo, na década de 80, começaram a surgir fatores sociais, políticos e económicos que questionavam a continuidade do modelo produtivista da PAC. Entre os fatores sociais e também políticos são de referir, entre outros aspetos, as ações de protesto dos movimentos ambientalistas que responsabilizavam a PAC pela

degradação ambiental (Rodrigo, 2001; Daniel e Perraud, 2009). Neste contexto, muitos países da Europa do Norte, como a Holanda, Dinamarca e Alemanha, começaram a reforçar, nas respetivas políticas nacionais, os critérios e restrições de natureza ambiental e, deste modo, a regular, com acrescida atenção, o exercício da atividade agrícola. Entre os fatores políticos destaca-se também o aumento das pressões internacionais no seio do GATT<sup>1</sup>, relativamente à forma de proteção da agricultura europeia proporcionada pela PAC no âmbito do comércio mundial, através da atribuição de medidas de apoio aos mercados (Rodrigo, 2001). Por fim, o acumular de excedentes por parte da agricultura europeia em sectores básicos, como o dos cereais, carne e leite - em resultado do aumento da produtividade durante as décadas anteriores, proporcionado pelas medidas de modernização das estruturas produtivas e do protecionismo económico da política agrícola europeia (Rodrigo, 2001)—, conjugado com os avultados encargos financeiros gerados por aqueles excedentes, difíceis de escoar, dada a situação financeira das economias em desenvolvimento, foram fatores económicos relevantes que também contribuíram para as dúvidas sobre a continuidade do modelo produtivista da PAC.

É neste contexto socioeconómico e político geral que Portugal ingressa na CEE no ano de 1986. Por um lado, os chefes de exploração nacionais depararam-se com uma PAC pautada por objetivos produtivistas, servindo-lhes de incentivo para uma modernização dos sistemas produtivos e, por sua vez, aumento de produtividade. Por outro lado, o paradigma produtivista da PAC encontrava-se abalado pelos fatores sociais, políticos e económicos descritos anteriormente, colocando em causa a atividade agrícola assente nos princípios até aí adotados. “Os agricultores portugueses foram convidados, sem o desejarem, a queimar etapas de um processo de desenvolvimento que eles consideravam dever passar pela intensificação dos seus sistemas de produção. Os que já deram esse passo, (...) não estão dispostos a rever esta escolha, os que não estão integrados naquele processo [de intensificação] não imaginam que a sua integração na agricultura europeia possa assumir uma outra modalidade” (Billaud e Pinton: 1999: 69-70, citado por Rodrigo, 2001).

A necessidade de introduzir alterações ao modelo vigente da PAC, em conjugação com as pressões de países que defendiam a liberalização dos mercados

---

<sup>1</sup> GATT significa Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio e foi estabelecido em 1947. Este tinha em vista harmonizar as políticas aduaneiras dos Estados signatários e esteve na base da criação da Organização Mundial de Comércio. Este refere-se a um conjunto de normas e concessões tarifárias, criado com a função de impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas, regular, provisoriamente, as relações comerciais internacionais.

agrícolas, nomeadamente, o Reino Unido e o grupo Cairns<sup>2</sup>, levaram a Comunidade Europeia a alterar significativamente a sua atitude em relação à agricultura (Martínez, 2001). Desta forma, surge a necessidade de discussão e revisão do objetivo meramente produtivista da atividade agrícola na UE, iniciando-se, assim, um processo de transição que veio a dar origem à Reforma da PAC de 1992. Nesta, os apoios deixam de ser atribuídos maioritariamente ao mercado, sendo substituídos por ajudas diretas aos chefes de exploração, sendo ao mesmo tempo criadas medidas de apoio a práticas produtivas mais ecológicas (Figura 2.1) (Burton, 2004).

A referida Reforma da PAC coincidiu com a Cimeira da Terra, realizada no Rio de Janeiro em 1992, onde emerge o princípio do Desenvolvimento Sustentável. Esta Cimeira está também associada a um maior destaque da noção de multifuncionalidade (Râmniceanu e Ackrill, 2007; Renting *et al.*, 2009). Neste contexto e retomando o percurso temporal da PAC, é de assinalar o contributo da Declaração de Cork, realizada em 1996, onde foram destacadas questões como o desenvolvimento rural e as diferentes funções da agricultura e das áreas rurais (Knickel *et al.*, 2009). Com efeito, a referida Declaração constituiu um marco importante no compromisso da Comissão Europeia para com o “princípio” da multifuncionalidade, na medida em que foi reconhecido não só que a agricultura é uma interface importante entre as pessoas e o meio ambiente, mas também que os chefes de exploração têm a responsabilidade de, no exercício da respetiva atividade económica, agir enquanto agentes produtivos e, simultaneamente, manter a qualidade dos recursos naturais dos territórios rurais (Marsden e Sonnino, 2008; Knickel *et al.*, 2009).

Os desenvolvimentos acabados de enumerar estiveram, em larga medida, subjacentes à reforma da PAC de 1999, a qual veio estabelecer uma nova estrutura de apoios à agricultura, separados em dois pilares. O primeiro centrou-se nas ajudas diretas ao rendimento, atribuídas aos chefes de exploração. O segundo passou a incluir medidas de apoio ao Desenvolvimento Rural (Figura 2.1) (Râmniceanu e Ackrill, 2007). Nesta reforma, o conceito de multifuncionalidade ganhou destaque, dando ênfase às múltiplas funções originadas pela atividade agrícola (Muniz e Saralegui, 2000), em resultado da produção conjunta, por parte do sector agrícola, de bens mercantis e não mercantis (Durand e van Huylenbroeck, 2003). Este disseminou-se nos discursos políticos europeus, na comunidade científica e na sociedade em geral,

---

<sup>2</sup> O grupo Cairns é uma organização composta por 19 países: Argentina, Austrália, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Paquistão, Paraguai, Perú, Filipinas, África do Sul, Tailândia e Uruguai. Este grupo formado em 1986 tem por objetivo lutar pela liberalização do sector agropecuário, tendo tido um papel importante na crítica ao sistema da PAC ([www.cairnsgroup.org](http://www.cairnsgroup.org), acedido a 12 de Novembro de 2012).

sendo muitas vezes associada a questões como as externalidades da produção agrícola, ao uso combinado de bens públicos e privados e, ainda, à diversificação agrícola, na perspetiva de justificar a necessidade de compensar os chefes de exploração por assegurarem várias funções (Renting *et al.*, 2008). Mais concretamente, subjacente ao conceito de multifuncionalidade estava o pressuposto de que estratégias concretas de gestão das explorações agrícolas podiam responder adequadamente às exigências da sociedade em geral, e às do consumidor, em particular, através da oferta de um leque diversificado de funções com origem na atividade agrícola (Martínez, 2002). Destas últimas, constam a produção de alimentos, não só em quantidade mas, sobretudo, de qualidade; a oferta de bens e serviços não-agrícolas, como o turismo, o lazer e a energia; a função ambiental, como a preservação da biodiversidade e da paisagem e a gestão da água; funções culturais, como a preservação do património e das tradições e, ainda, funções sociais, como a segurança alimentar, a coesão social e a criação de postos de trabalho (Râmniceanu e Ackrill, 2007; Renting *et al.*, 2008; Knickel *et al.*, 2009).

O interesse da investigação em torno do conceito de multifuncionalidade e respetiva operacionalização ganhou expressão acrescida aquando do reconhecimento, por parte da UE, de que a multifuncionalidade é um princípio orientador das reformas da PAC, nomeadamente, no âmbito da Agenda 2000 onde é expressamente identificado que a multifuncionalidade é o principal objetivo da agricultura europeia (Knickel *et al.*, 2004, citado por Cairol *et al.*, 2009). No entanto, é de salientar que, apesar do referido, o Pilar I (RPU e ajudas à produção) continua a ser mais expressivo em termos monetários comparativamente ao Pilar II (medidas agro-ambientais), demonstrando a continuidade do paradigma produtivista (Figura 2.1, ver ajudas dissociadas (RPU), ajudas não dissociadas (ajudas à produção), desenvolvimento rural (medidas agro-ambientais)).

Para além do referido, importa ainda notar a diversidade de debates em torno da noção de multifuncionalidade, a nível científico e político, que conduziram a diferentes concepções e discursos entre países e disciplinas científicas (Caron *et al.*, 2008; Daniel e Perraud, 2009). Neste âmbito, à escala da UE, podemos identificar duas grandes correntes. Por um lado, numa perspetiva economicista, a que defende a multifuncionalidade como apoio à produção agrícola, através de pagamentos aos chefes de exploração, e uma forma de compensar a "diferença de competitividade" entre os chefes de exploração europeus e os mercados internacionais (Daniel e Perraud, 2009). Por outro lado, na perspetiva do desenvolvimento rural, a corrente que defende a multifuncionalidade como parte integrante da agricultura, como a forma de a manter. O confronto entre estes dois posicionamentos contribuiu, em parte, para um

incentivo à investigação, nomeadamente em França, Holanda e Noruega, dada, em larga medida, a necessidade política destes países defenderem os respetivos interesses no âmbito das negociações agrícolas comerciais junto da OMC (Le Cotty *et al.*, 2004, citado por Cairol *et al.*, 2009). Em simultâneo, outras disciplinas, em particular, a sociologia, agronomia, ciências ambientais e a geografia, passaram a adotar este conceito, utilizando-o em diferentes discursos.

Em suma, foi neste contexto socioeconómico e político, cujos principais contornos foram acima traçados, que a Comissão Europeia passou a defender o novo modelo de agricultura europeia. Concretamente, uma agricultura moderna e competitiva, capaz de ocupar uma posição líder no mercado mundial, salvaguardando os chefes de exploração e os seus rendimentos e, simultaneamente, praticando sistemas agrícolas ambientalmente sustentáveis, gerando produtos de qualidade e valorizando e garantindo a sobrevivência das comunidades rurais (Burton e Wilson, 2006; Mather *et al.*, 2006; Cairol *et al.*, 2009). Estas orientações políticas relacionadas com a multifuncionalidade da agricultura têm sido incorporadas na legislação dos países da UE, embora interpretadas de forma diferenciada, refletindo, deste modo, os interesses nacionais (Renting *et al.*, 2008), como o Quadro 2.1. ilustra.

Quadro 2.1 Importância relativa das diferentes funções da agricultura, identificadas pelos investigadores do projeto MULTAGRI, tendo por base a evolução dos discursos sobre multifuncionalidade em alguns países da Europa.

	<i>France</i>	<i>Italy</i>	<i>Switzerland</i>	<i>Norway</i>	<i>Netherlands</i>	<i>CEE counties</i>
Economic	++	+	-	-	++	++
Social	++	++	++	++	-	++
Environmental	++	+	++	++	++	-
Cultural	++	++	+	++	-	-

Fonte: Renting *et al.*, 2005, citado por Renting *et al.*, 2008.

Assim, em alguns países, por exemplo, em França, em simultâneo com uma política agrícola de apoio à produção, a noção de multifuncionalidade é amplamente reconhecida pela sociedade, desempenhando um papel central nas políticas rurais e nos discursos nacionais. Sendo este país um exemplo da combinação entre as funções social, económica, ambiental e cultural (Quadro 2.1) (Renting *et al.*, 2008). A este propósito é de referir os esforços desenvolvidos por este Estado Membro na elaboração e aplicação de políticas territoriais com vista à promoção da multifuncionalidade da agricultura (Voituriez, 2005). Os designados por Contratos de Gestão Territorial (CTEs, Contrat d'exploração territorial) e Contratos de Agricultura Sustentável (CADs, Contrat d'Agriculture Durable), ambos destinados a incentivar

práticas agrícolas sustentáveis integradas com o território (Cairol *et al.*, 2009) são exemplos concretos daquelas políticas. Na Holanda, e noutros países da Europa Central, a multifuncionalidade agrícola foca-se sobretudo na integração das preocupações económicas e ambientais (Quadro 2.1) (Renting *et al.*, 2008).

De referir ainda as diferenças entre Estados Membros, sobre o tipo de exploração/atividades consideradas importantes e promissoras no âmbito da multifuncionalidade da agricultura. Por exemplo, na Holanda, embora a referência à multifuncionalidade seja pouco explícita nos documentos oficiais, há uma grande preocupação dos mesmos em assegurar, por parte da atividade agrícola, as funções ambientais ("serviços ecológicos"), o reforço da gestão da paisagem e da conservação da biodiversidade. Por seu lado, a Itália tem privilegiado, nas respetivas políticas orientadas para a multifuncionalidade da agricultura, a produção de alimentos de origem territorial e de qualidade. Na Inglaterra, o reconhecimento da multifuncionalidade como um paradigma para o desenvolvimento rural tende a ser restrito e, em larga medida, interpretado como um eufemismo para proteção do mercado. Neste âmbito, são raras as referências específicas à multifuncionalidade da agricultura e, quando estas ocorrem, dizem normalmente respeito a documentos específicos da UE, em vez de referenciadas a instrumentos de política interna (Buller, 2005). Em Espanha, a multifuncionalidade tem sido interpretada pelos decisores políticos como uma abordagem política que visa contribuir para a modernização e competitividade agrícola, fornecendo uma base para reorientação dos fundos para áreas menos favorecidas, reforçando a diversificação da atividade económica (Reig, 2006, 109). Por fim, nos países da Europa Central e Oriental (PECO) que aderiram à UE em 2003, a multifuncionalidade é, sobretudo, interpretada como um caminho para o desenvolvimento rural, enquanto modalidade de incentivo à criação de emprego rural (Chaplin, 2005, citado por Cairol *et al.*, 2009). De sublinhar que, apesar das diferenças enumeradas entre Estados Membros, estas não invalidam a importância que a noção de multifuncionalidade assume à escala da UE, nem o papel relevante da mesma na definição das políticas de desenvolvimento rural, tendo em vista a diversificação das economias rurais, bem como as funções sociais e económicas a assegurar pela agricultura (Renting *et al.*, 2008).

## **2.2 Teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo – no caminho da multifuncionalidade agrícola?**

Como descrito anteriormente, temos vindo a assistir, nalguns territórios rurais da Europa, a mudanças nas formas de gestão das explorações agrícolas com reflexos

nos padrões da paisagem (Barroso *et al.*, 2010). Neste contexto, a teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo sugere a coexistência espacial, temporal e estrutural de vários processos de transição no sentido da multifuncionalidade agrícola (Wilson, 2007; Pinto-Correia *et al.*, 2010). De acordo com esta perspectiva teórica, o produtivismo tem por finalidade exclusiva a produção de alimentos e fibras em quantidade. Por seu lado, o pós-produtivismo, que nesta teoria pressupõe a multifuncionalidade, é entendido como correspondendo a uma redução da intensificação agrícola e uma diversificação da gestão das explorações tendo em conta a satisfação de outras procuras do espaço rural, assim como a manutenção da qualidade ambiental (Burton e Wilson, 2006; Wilson, 2007; Wilson, 2008). De notar que os termos produtivismo e pós-produtivismo datam dos anos 90 do século passado, pelo que são relativamente recentes, e são atribuídos a Murton (1990) e Symes (1992) (Wilson, 2007). Contudo, foi com o trabalho intitulado *Constructing the countryside* (Marsden *et al.*, 1993) que o debate em torno da transição na agricultura do paradigma produtivista para o paradigma pós-produtivista ganhou maior importância, permanecendo em discussão até ao presente (Evans *et al.*, 2002).

Vários autores têm evidenciado que o referido processo de transição agrícola tem vindo a ocorrer nalguns territórios rurais do norte e centro da União Europeia (Râmniceanu e Ackrill, 2007; Wilson, 2007; Renting *et al.*, 2008; Wilson, 2008; Renting *et al.*, 2009). Estes estudos mostram que enquanto alguns chefes de exploração continuam a adotar estratégias produtivistas, outros optam por práticas agrícolas menos intensivas procedendo, deste modo, a uma reavaliação do significado da atividade agrícola (Marsden, 2003), na medida em que “convertem” espaços antes geridos com fins exclusivamente produtivos em espaços de consumo e/ou de conservação ambiental (Barroso *et al.*, 2012b). Uma vez que nem o “ritmo” destes processos de transição é semelhante no espaço e no tempo e, no mesmo espaço e tempo, podem existir várias e diferenciadas combinações dos mesmos processos de transição, as quais se encontram refletidas na paisagem (Holmes, 2006), as diferentes estratégias de gestão adotadas pelos vários chefes de exploração têm conduzido à territorialização das funções da agricultura. Com efeito, vem-se constatando que as terras com maior aptidão agrícola continuam vocacionadas para a produção de alimentos e fibras (Walford, 2003; Wilson, 2008). Enquanto outros territórios rurais mais periféricos e com solos agrícolas pobres começam a adoptar práticas de gestão pós-produtivas/multifuncionais, onde, sem descurar a função produtiva da atividade agrícola e florestal, são adotadas atividades agro-florestais extensivas que, simultaneamente, servem de suporte à conservação da vida selvagem e dos habitats permitindo, deste modo, a promoção de atividades não agrícolas, tais como o turismo,

o recreio, a caça, o lazer, a qualidade ambiental e/ou a valorização da paisagem (Burton e Wilson, 2006; Wilson, 2008). Ou seja, onde se procura encontrar “pontos de equilíbrio” entre as funções de produção, de consumo e de conservação preenchidas pela atividade agrícola (Holmes, 2006).

É neste âmbito que Wilson (2007) conceptualiza a teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo como sendo um processo complexo e diferenciado, chamando a atenção que este pode assumir um carácter de fraca, moderada ou forte multifuncionalidade. Ou seja, as explorações agrícolas poderão adotar diferentes vias da transição percorrendo trajetórias não-lineares (o pós-produtivismo não vem, necessária nem forçosamente, após o produtivismo), heterogéneas (nem todas as zonas geográficas são passíveis de adotar idênticos processos de transição), progressivas, diferenciadas e complexas (nem todas as unidades produtivas são passíveis de adotar idênticos processos de transição agrícola).

Tomando por referência a unidade produtiva agrícola, a figura abaixo traduz graficamente o acabado de descrever através de um espectro de multifuncionalidade delimitado por atitudes e comportamentos produtivistas e pós-produtivistas (Wilson, 2008).

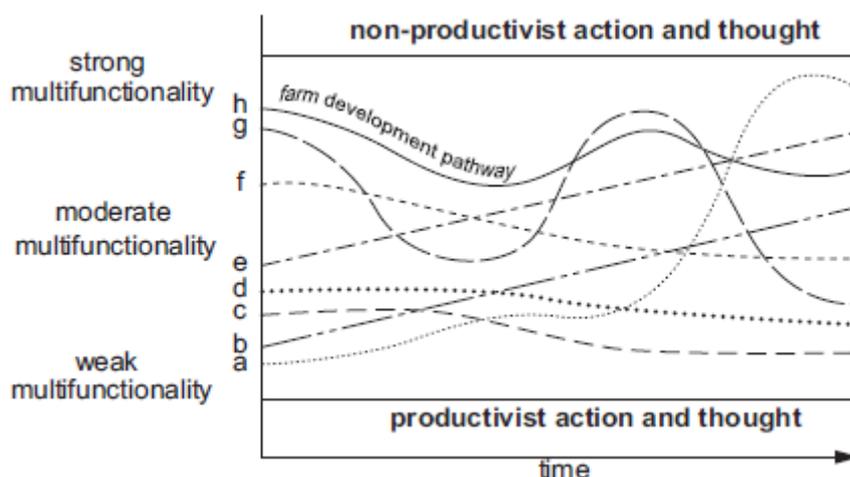


Figura 2.2 Conceptualização da transição agrícola ao nível da exploração, representado graficamente por um espectro delimitado por atitudes e comportamentos produtivistas e pós-produtivistas  
 Fonte: Wilson, 2007

De notar que a representação gráfica do paradigma da transição ao nível da exploração agrícola, visualizado na Figura 2.2, assume que a multifuncionalidade está diretamente ligada ao pós-produtivismo. Por outras palavras, assume que é possível avaliar/medir diferentes níveis de multifuncionalidade (Wilson, 2008). Assim, e no seguimento do exposto, a multifuncionalidade forte é associada ao exercício da

atividade agrícola que preenche, simultaneamente, funções sociais, económicas, culturais e ambientais, pelo que a diversificação de atividades (agrícolas e não-agrícolas) à escala da unidade produtiva é uma variável crucial para que esta possa ser identificada com o “estádio” de multifuncionalidade forte (Wilson, 2008). Neste âmbito, os chefes de exploração que, nos processos de gestão das respectivas unidades produtivas, compatibilizam as funções de produção, consumo e conservação são identificados como agentes que não só revelam uma maior tendência para o respetivo enraizamento na comunidade local, mas também promovem novas atividades que contribuem para dinamizar as economias rurais locais e gerar novos postos de trabalho (Wilson, 2008). De acordo com a literatura (Wilson, 2007; Wilson, 2008), os referidos chefes de exploração tendem também a estabelecer vínculos com outros chefes de exploração ou associações e cooperativas, podendo estes vínculos ser, ou não, formais, e evidenciar fortes preocupações com o ambiente e com a sustentabilidade das respetivas práticas agrícolas. Para além do referido, a segurança alimentar é uma outra preocupação evidenciada por estes chefes de exploração que, aliada à preservação ambiental, justifica que estes últimos rejeitem a aplicação de produtos químicos e a utilização de culturas geneticamente modificadas (Wilson, 2008).

Alguns estudos têm sido realizados na tentativa de identificar a ocorrência de uma transição agrícola do produtivismo para o pós-produtivismo ao nível dos chefes de exploração. Um exemplo é o de Burton e Wilson (2006). Estes autores testaram esta teoria numa amostragem exploratória em Marston Vale, Reino Unido. Como produtivistas consideraram os chefes de exploração que apresentavam atitudes e comportamentos pró-desenvolvimento e mencionavam interesse pela intensificação da agricultura. Como pós-produtivistas consideraram aqueles em que era possível observar um aumento das preocupações ambientais e uma diversidade de abordagens relativas à gestão da terra/vários usos. Após conceptualizar o que se entendia por produtivismo e pós-produtivismo, os autores cruzaram estas com os tipos de chefes de exploração obtidos. Este estudo, assim como outros têm mostrado a persistência de atitudes e comportamentos produtivistas. Wilson (2001) observou estes mesmos factos, o que permitia identificar uma persistência da percepção de que os chefes de exploração são os ‘gestores da terra’ e devem ter como objetivo principal da agricultura a maximização da produção.

Alguns autores sugerem o interesse da múltipla gestão da terra, isto é, com finalidades de produção de alimentos e fibras, produção de bens e serviços não agrícolas e conservação ambiental como sendo uma estratégia particularmente

ajustada a territórios rurais localizados em áreas marginais, com solos de pouca aptidão agrícola e outras limitações ambientais (ver capítulo 3.2), e, portanto, impedidos por condições naturais de poderem praticar uma agricultura competitiva, de acordo com o modelo produtivista da PAC. Este tipo de estratégia poderia manter e valorizar paisagens específicas, como sucede em Portugal com as paisagens marcadas pelos sistemas agro-silvo-pastoris. No entanto, sendo este esquema adequado ao que se passa na Europa do norte e central, torna-se importante compreender de que forma se articulam as atitudes e comportamentos dos chefes de exploração em regiões que não as da Europa mais produtivista, questionando a aplicabilidade de semelhante espectro em diferentes contextos, nomeadamente Montemor-o-Novo.

Ou seja, a adesão à gestão multifuncional pelos chefes de exploração é muito complexa (Barroso *et al.*, 2010; Pinto-Correia *et al.*, 2010), uma vez que esta se encontra condicionada por vários fatores, os quais têm origem em escalas diferenciadas, a saber: nacional, local e individual, como esquematizadas na Figura 2.3.

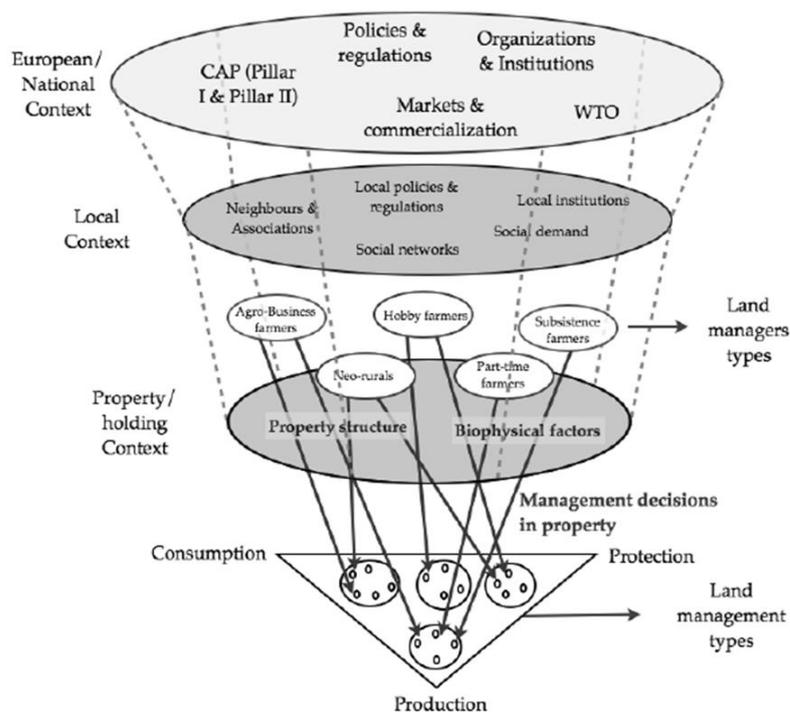


Figura 2.3 Representação das forças que conduzem à transição do produtivismo para o pós-produtivismo  
Fonte: Reunião dos Consultores, Projeto ATILA, Dezembro de 2011

À escala europeia e nacional são de considerar fatores relevantes como a PAC, sobretudo os apoios no âmbito das Organizações Comuns de Mercado (OCM), as políticas e regulamentos internacionais, as organizações e instituições, os

mercados, e ainda a Organização Mundial de Comércio. À escala local temos, concretamente, a influência das associações profissionais, dos vizinhos, das redes sociais e das instituições locais com que os chefes de exploração se relacionam. Todos estes fatores, de natureza internacional/europeia, nacional e local, em confronto com as características específicas de cada unidade produtiva, nomeadamente a estrutura desta (por exemplo, pequena ou grande dimensão física), os fatores biofísicos inerentes à localização desta (nomeadamente o tipo de solos, declive, clima, acesso a água) e também o perfil sociodemográfico de cada chefe de exploração, bem como os objectivos a alcançar com o cultivo da unidade produtiva, definidos por estes últimos, vão influenciar as opções/decisões sobre o tipo de gestão a adoptar. Como a Figura 2.3 ilustra, as estratégias de gestão adotadas pelos chefes de exploração vão dar origem a diferentes combinações entre as várias funções da agricultura.

### **2.2.1 Estarão as atitudes e comportamentos dos chefes de exploração no caminho para a multifuncionalidade?**

O objetivo apresentado no presente trabalho baseia-se em duas premissas. Por um lado, a constatação de que a atividade agrícola se encontra, no momento presente, em alguns territórios europeus, sujeita a um processo de transição de uma fase produtivista para uma outra pós-produtivista/multifuncional (Marsden, 2003; Holmes, 2006; Wilson, 2007). Por outro lado, a constatação de que esta possui particular interesse para as paisagens mediterrânicas, nomeadamente para sistemas extensivos de sequeiros, caracterizados pela sua baixa produtividade, que se encontram amplamente representados em Montemor-o-Novo. Estes são, sobretudo, representados pelo sistema de montado que permite o estabelecimento de várias funções, além da produção de alimentos e fibras, como a conservação da natureza, caça, apicultura, turismo e outras atividades de lazer, cada vez mais reconhecida pela sociedade (Barroso *et al.*, 2010; Pinto-Correia *et al.*, 2010) e políticas públicas (Menezes *et al.*, 2010). Tal facto levou-nos a questionar, neste trabalho, quais as estratégias de gestão que estão a ser adotadas pelos chefes de exploração em Montemor-o-Novo, e o seu posicionamento relativamente às várias transições.

### 3. Caso de Estudo

---

O capítulo que se inicia tem por objetivo fazer uma breve caracterização do município em estudo. Para esse fim, apresentam-se, de seguida, alguns elementos de caracterização biofísica, demográfica, socioeconómica e agrícola do concelho, e ainda uma caracterização agrícola por freguesia. A informação apresentada tem por base os resultados dos Censos Populacionais de 1991, 2001 e 2011 e dos Recenseamentos Gerais Agrícolas de 1989, 1999 e 2009.

#### 3.1 Contextualização do caso de estudo

Para a realização do presente trabalho foi selecionado o concelho de Montemor-o-Novo, no distrito de Évora.

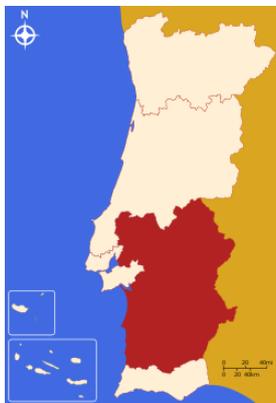


Figura 3.1 Localização da região do Alentejo no mapa de Portugal  
Fonte: [www.google.pt](http://www.google.pt)



Figura 3.2 Localização de Montemor-o-Novo no mapa de Portugal  
Fonte: [www.google.pt](http://www.google.pt)

Este concelho está inserido na NUTII Alentejo, localizada no sul de Portugal (Figura 3.1). Mais concretamente, na NUTIII Alentejo Central (Figura 3.2).

Montemor-o-Novo encontra-se limitado pelos concelhos de Vendas Novas e Montijo a oeste, Alcácer do Sal e Viana do Alentejo a sul, Évora e Arraiolos a este e Coruche a norte (Figura 3.3). Tem dez Freguesias. Destas, a de Nossa Senhora da Vila e Nossa Senhora do Bispo, apesar de detentoras de uma significativa área rural, inserem a maior parte da zona urbana do concelho, a cidade de Montemor-o-Novo (Figura 3.3).

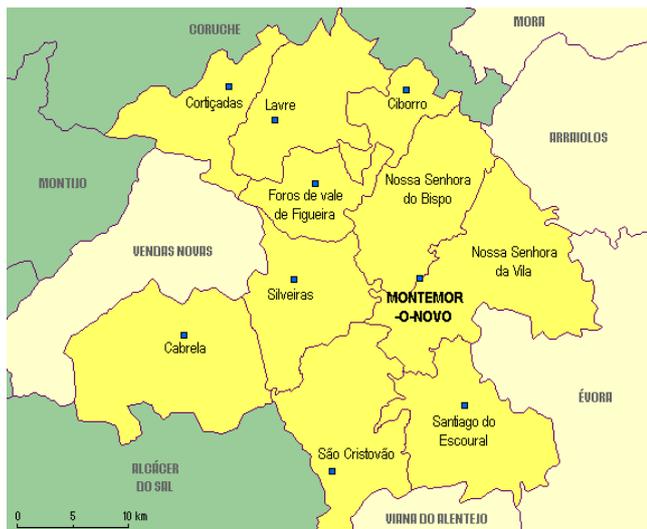


Figura 3.3 Freguesias de Montemor-o-Novo e concelhos vizinhos  
 Fonte: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009

Quadro 3.1 Superfície (km<sup>2</sup>) do território em estudo e sua representatividade na NUTII Alentejo e NUTIII Alentejo Central

Localização geográfica	Superfície (km <sup>2</sup> ) -2010	Representatividade de Montemor-O-Novo na NUTII e NUTIII
Alentejo (NUTII)	31604,9	4%
Alentejo Central (NUTIII)	7228,8	17%
Montemor-o-Novo	1233	-

Fonte: INE (2011), Censos Populacionais, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (17 de Setembro de 2012)

Montemor-o-Novo ocupa 4% da superfície total da Região do Alentejo (NUTII) e 17% do total da superfície do Alentejo Central (NUTIII) (Quadro 3.1).

O concelho apresenta uma localização geográfica bastante favorável nos eixos Lisboa/Évora/Badajoz/Madrid e norte/sul. Posiciona-se num importante nó de distribuição de tráfego rodoviário, encontrando-se ligado a cidades como Évora, Santarém, Lisboa e Alcácer do Sal (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009). A sua relativa proximidade a centros urbanos aliada à tranquilidade, qualidade ambiental, segurança, produtos de qualidade e uma forte ligação à terra, justificam a sua procura por um número cada vez maior de pessoas para segunda habitação, turismo e/ou para atividades lúdicas (Proposta aceite do Projeto de Investigação “Processos de Transição: Inovação e Estratégias de Gestão na Exploração agrícola”, 2009, pág.5).

## **3.2 Caracterização biofísica**

### **3.2.1 Clima**

O concelho de Montemor-o-Novo encontra-se sob influência do clima Mediterrânico. O Verão é quente e seco, por vezes com temperaturas superiores a 40°C, embora no Inverno a temperatura possa descer abaixo dos 0°C (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009).

A precipitação média anual, entre 1976 e 2006, foi de 51,3 mm (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009). Sendo que a maior parte (67,4%) da precipitação total anual concentrou-se entre novembro e fevereiro. De destacar os meses de julho e dezembro por terem registado o valor mais baixo (5,9 mm) e mais elevado (96,2 mm), respetivamente. Devido à escassez e irregularidade das precipitações, a seca é um fenómeno natural relativamente frequente e característico, com intensidade e efeitos variáveis no espaço e no tempo. Estas situações levam a que muitas barragens, charcas, rios e ribeiras da região fiquem sem água no Verão (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009).

### **3.2.2 Caracterização fisiográfica**

Em Montemor-o-Novo a altitude máxima não ultrapassa os 430 metros, correspondendo estas áreas à parte norte da Serra de Monfurado (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009).

Relativamente ao declive, 53% das áreas no concelho são quase planas e de declive suave (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009).

### **3.2.3 Ocupação do solo**

Segundo o Plano Diretor Municipal de Montemor-o-Novo, 75% do território municipal é espaço agro-florestal, 13% espaço agrícola e 10% espaço silvo pastorício. O espaço urbano/urbanizável representa menos de 1% do território concelhio, sendo que aproximadamente metade desta área define o perímetro urbano da cidade de Montemor-o-Novo (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2007).

No concelho, a área ocupada pela Reserva Agrícola Nacional e pela Reserva Ecológica corresponde a 13% e a 58%, respetivamente. A Rede Natura 2000 abrange dois Sítios de Importância Comunitária: O Sítio de Cabrela e O Sítio de Monfurado, correspondendo a 15% e 13% da área total do concelho, respetivamente (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2007).

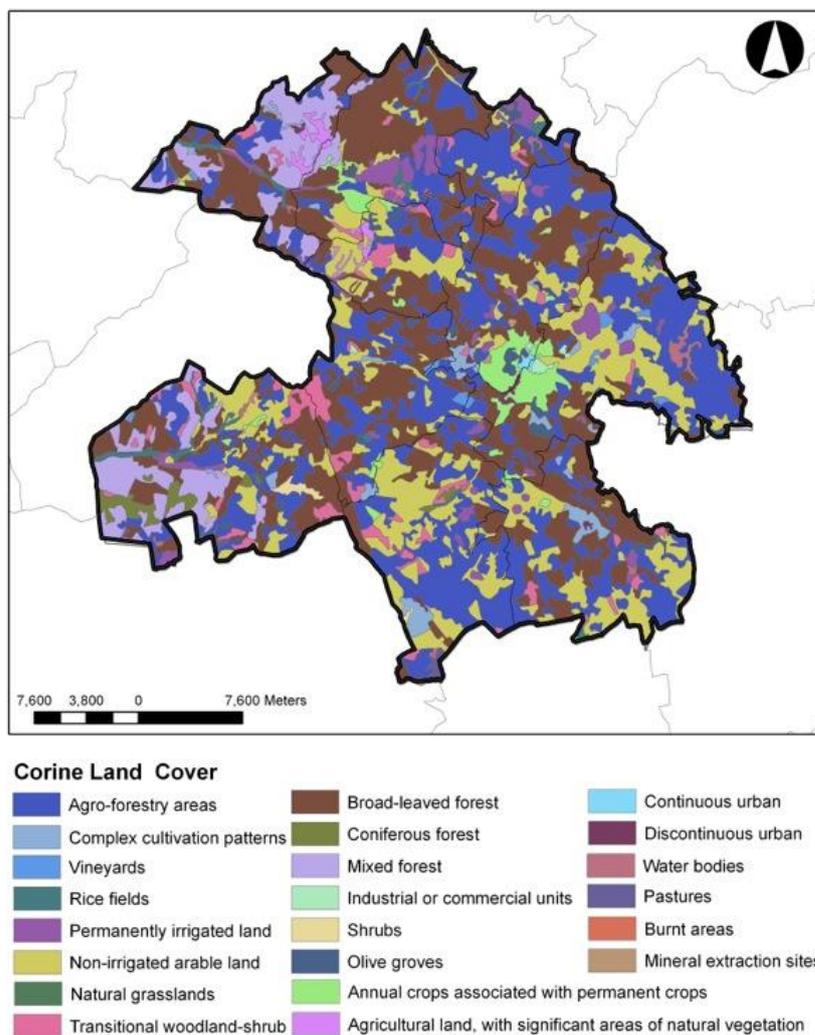


Figura 3.4 Ocupação do solo do concelho de Montemor-o-Novo  
 Fonte: Corine, 2006

O montado (a azul, Figura 3.4), que constitui uma paisagem de floresta aberta de sobreiros e azinheiras com cobertura arbórea e densidade arbustiva variável (Surová e Pinto-Correia, 2008), ocupa grandes áreas no concelho, e possui grande importância económica (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009). As principais culturas permanentes presentes em Montemor-o-Novo são o olival (a azul escuro, Figura 3.4) e a vinha (a azul claro, Figura 3.4). Já nas culturas temporárias, e tendo em conta as condições climáticas da região, os cereais para grão constituem a principal cultura praticada (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2009). Além destes sistemas agrícolas, sobressaem ainda no concelho as florestas de folhosas, como o eucalipto (a castanho, Figura 3.4), a floresta mista, constituída por eucaliptos e pinheiros (a lilás, Figura 3.4), as terras aráveis não irrigadas (a verde claro, Figura 3.4) e as zonas de transição com maior área de bosque e matos (a rosa, Figura 3.4). Por fim, a agricultura em mosaico, é também característica no concelho. Esta é composta, essencialmente, por hortas familiares, árvores de fruto, pequeno olival

tradicional ou oliveiras dispersas, e, por vezes, pequenas vinhas (Barroso *et al.*, 2012a).

O montado e a agricultura em mosaico apresentam elevado valor natural e ambiental. Para além destes aspetos e numa perspetiva patrimonial, ambos contribuem para uma paisagem de referência do sul da Europa, devido ao seu alto valor de conservação (Bugalho *et al.*, 2011) e servem de suporte a múltiplas funções relacionadas com a identidade regional, recreação e apreciação estética (Pinto-Correia e Mascarenhas, 1999; Surová e Pinto-Correia, 2008; Pinto Correia *et al.*, 2011). Entre estas funções destaca-se, para além da silvo-pastorícia, outros usos potenciais como a cinegética, a apicultura, a pesca em algumas barragens, como a Barragem dos Minutos, e o turismo rural (Pinto-Correia e Mascarenhas, 1999; Menezes *et al.*, 2010; Pinto-Correia *et al.*, 2011; Surová e Pinto-Correia, 2012).

No turismo e lazer, é de referir o desenvolvimento de empreendimentos turísticos de cariz mais rural como por exemplo, o turismo rural Herdade da Serrinha, em Santiago do Escoural, o Hotel Rural Courelas da Mata, em Lavre, ou a Herdade da Rangina Nova, em Cabrela. Estes empreendimentos permitem ao concelho dispor de condições que podem proporcionar ofertas turísticas diferenciadas, nas vertentes da natureza, cultura, gastronomia, saúde e bem-estar, entre outras (CCDR,2011). Ilustram ainda a existência de chefes de exploração que passaram a incluir, nas suas explorações, atividades complementares à agricultura, neste caso concreto atividades de turismo e de lazer.

No entanto, a par destas situações assiste-se no concelho a uma progressiva intensificação e especialização da produção pecuária e a uma redução dos cuidados aplicados à terra, ou seja, ao progressivo abandono destas por parte dos chefes de exploração (Pinto-Correia *et al.*, 2012, submetido). Estes comportamentos representam algumas das ameaças que a agricultura no concelho enfrenta, resultado de estratégias predominantemente produtivistas e da falta de iniciativa na aposta em outras formas de gestão para além da produção agrícola (Pinto-Correia, 1993, citado por Barroso *et al.*, 2012a; Rodrigo e Veiga, 2009).

### **3.3 Caracterização demográfica e socioeconómica do concelho**

O subcapítulo que se segue baseia-se em informação estatística disponível referente à população de Montemor-o-Novo, a saber: densidade populacional, distribuição etária e escolaridade da população, evolução da população envolvida em cada sector económico e importância de cada atividade económica no concelho.

Quadro 3.2 Densidade populacional (Nº/Km<sup>2</sup>) de Montemor-o-Novo, à data dos censos de 1991, 2001 e 2011

Local de residência	Densidade populacional (N.º/ km <sup>2</sup> )			
	1991	2001	2011	Var. (%) 91-11
<b>Montemor-o-Novo</b>	<b>15,12</b>	<b>15,07</b>	<b>14</b>	<b>-7%</b>

Fonte: INE (2011), Censos Populacionais, acessido em www.ine.pt (17 de Setembro de 2012)

Como é visível no Quadro 3.2, a densidade populacional tem vindo a decrescer em Montemor-o-Novo, registando uma variação de -7% entre os censos 1991 e 2011.

No entanto, torna-se importante comparar estes valores com os de outros concelhos. O Quadro 3.3 apresenta-nos as densidades populacionais verificadas para os concelhos pertencentes à NUTII Alentejo Central, onde se localiza o concelho de Montemor-o-Novo.

Quadro 3.3 Densidade populacional (Nº/Km<sup>2</sup>) dos Concelhos da NUTIII Alentejo Central, à data dos censos 1991, 2001 e 2011

Concelhos (NUTII Alentejo Central)	Densidade populacional (N.º/ km <sup>2</sup> )			
	1991	2001	2011	Var. (%) 91-11
Vendas Novas	46,6	51,6	53,3	14%
Évora	41,2	43,3	43,3	5%
Viana do Alentejo	14,6	14,3	14,6	0%
Reguengos de Monsaraz	24,5	24,5	23,3	-5%
<b>Montemor-o-Novo</b>	<b>15,1</b>	<b>15,1</b>	<b>14,1</b>	<b>-7%</b>
Estremoz	30,1	30,5	27,8	-8%
Vila Viçosa	46,5	45,5	42,7	-8%
Arraiolos	12,0	11,2	10,8	-10%
Borba	57,0	53,7	50,5	-11%
Redondo	21,6	19,8	19,0	-12%
Portel	12,5	11,8	10,7	-15%
Sousel	22,0	20,7	18,2	-17%
Mourão	11,8	11,6	9,6	-19%
Alandroal	13,5	12,1	10,8	-20%

Fonte: INE (2011), Censos Populacionais, acessido em www.ine.pt (17 de Setembro de 2012)

Para os concelhos da NUTII Alentejo Central podemos verificar que apenas dois registam variações de densidade populacional positiva, Vendas Novas (+14%) e Évora (+5%). Os restantes, à exceção de Viana do Alentejo sem oscilações (0%),

apresentam um decréscimo da densidade populacional (Quadro 3.3). Montemor-o-Novo encontra-se na quinta posição por ordem decrescente de variação populacional.

Para verificar se esta tendência se regista em todo o Alentejo, apresenta-se de seguida as variações de densidade populacional para as diferentes NUTIII.

Quadro 3.4 Densidade populacional (Nº/Km<sup>2</sup>) da NUTIII, à data dos censos 1991, 2001 e 2011

NUTIII	Densidade populacional (N.º/ km <sup>2</sup> )			
	1991	2001	2011	Var. (%) 91-11
Lezíria do Tejo	54,52	56,36	58	6%
Alentejo Litoral	18,58	18,85	18	-1%
Alentejo Central	23,96	24,02	23	-4%
Alto Alentejo	21,54	20,33	19	-12%
Baixo Alentejo	16,74	15,81	15	-12%

Fonte: INE (2011), Censos Populacionais, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (17 de Setembro de 2012)

Com base na informação contida no Quadro 3.4, podemos concluir que o decréscimo da densidade populacional no Alentejo é um facto (Quadro 3.4). A única exceção é a NUTIII Lezíria do Tejo (+6%). No entanto, esta foi recentemente incluída na NUTII Alentejo, apresentando características diferentes das restantes.

Através dos dois quadros que se seguem podemos observar a evolução dos grupos etários e a escolaridade da população residente no concelho de Montemor-o-Novo.

Quadro 3.5 População residente (Nº) por grupo etário no concelho de Montemor-o-Novo, à data dos censos 2001 e 2011

Grupo etário	População residente (N.º)		
	2001	2011	Var. 01-11
	Montemor-o-Novo		
Total	18578	17437	-6%
0 - 14 anos	2334	2098	-10%
15 - 24 anos	2370	1566	-34%
25 - 64 anos	9119	8744	-4%
65 e mais anos	4755	5029	6%

Fonte: INE (2011), Censos Populacionais, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (17 de Setembro de 2012)

Atualmente (2011), em Montemor-o-Novo, 50% da população encontra-se no escalão 25-64 anos e 29% no escalão mais de 65 anos (Quadro 3.5). No entanto, a tendência que se tem verificado entre os censos de 2001 e 2011 é a do decréscimo das classes etárias mais jovens, nomeadamente do grupo etário 15-24 anos (-34%) e o aumento das pessoas com mais de 65 anos (+6%) (Quadro 3.5). Desta forma,

verifica-se que a população se encontra duplamente envelhecida apresentando, por um lado, valores elevados ao nível da população idosa e, por outro, valores muito baixos na população jovem.

Quadro 3.6 População residente (Nº) por nível de escolaridade mais elevado completo no concelho de Montemor-o-Novo, à data dos censos de 2011

Nível de escolaridade mais elevado completo	Montemor-o-Novo - 2011
	% de pop. Residente por nível escolaridade
Nenhum	25%
Básico - 1.º ciclo	29%
Básico - 2.º ciclo	11%
Básico - 3.º ciclo	14%
Secundário	12%
Pós-secundário	1%
Superior	8%

Fonte: INE (2011), Censos Populacionais, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (17 de Setembro de 2012)

No que diz respeito à escolaridade, 29% da população detinha, em 2011, o 1º ciclo do ensino básico e 25% não apresentava qualquer nível de escolaridade. A explicar estes valores está a idade da população, uma vez que o número de pessoas, no concelho com mais de 65 anos é elevado (29%) (Quadro 3.6), sendo a frequência escolar nesse tempo, para muitos, economicamente insustentável.

De forma a perceber a importância da atividade agrícola em Montemor-o-Novo, apresentam-se, de seguida, dois quadros referentes à evolução dos sectores de atividade económica e o peso de cada atividade no total da população empregada.

Quadro 3.7 Peso (%) de cada setor de atividade económica na população empregada (Nº), no concelho de Montemor-o-Novo, para os anos de 1960, 1981 e 2001

Ano de referência	Setor de atividade económica		
	Primário	Secundário	Terciário
1960	67%	13%	20%
T 1981	51%	20%	29%
T 2001	17%	25%	58%

T-quebra de série

Fonte: PORDATA (2001), acedido em [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt) (18 de Setembro de 2012)

Em 1960, o setor primário, onde está incluída a agricultura, empregava 67% da população do concelho, em 1981, 51%, e, mais recentemente, em 2001, apenas

empregava 17% da população. Ou seja, o setor primário tem vindo a perder peso ao longo dos anos, a favor do setor secundário e, sobretudo, terciário (Quadro 3.7).

Quadro 3.8 População empregada (Nº) por atividade económica (CAE Ver. 2.1) e peso de cada atividade (%) para o total da população empregada (Nº) no concelho de Montemor-o-Novo, à data dos censos 2001

Atividade económica (CAE Rev. 2.1)	População empregada (N.º) - 2001	Peso % de cada atividade no total da população empregada
	Montemor-o-Novo	
Total	7751	-
<b>Agricultura, produção animal, caça e silvicultura</b>	<b>1320</b>	<b>17%</b>
Pesca	1	0%
Indústrias extrativas	20	0%
Indústrias transformadoras	803	10%
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	43	1%
Construção	1083	14%
Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico	1270	16%
Alojamento e restauração (restaurantes e similares)	448	6%
Transportes, armazenagem e comunicações	266	3%
Atividades financeiras	109	1%
Atividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas	228	3%
Administração pública, defesa e segurança social obrigatória	728	9%
Educação	436	6%
Saúde e ação social	565	7%
Outras atividades de serviços coletivos, sociais e pessoais	130	2%
Atividades das famílias com empregados domésticos e atividades de produção das famílias para uso próprio	301	4%
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	0	0%

Fonte: INE (2001), Censos Populacionais, acessido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (17 de Setembro de 2012)

No entanto, o Quadro 3.8 mostra que em 2001, por atividade económica (CAE Rev. 2.1), a agricultura, produção animal, caça e silvicultura eram as atividades que empregavam maior número de pessoas, com 17%, em Montemor-o-Novo.

### 3.4 Caracterização agrícola do concelho

De seguida será feita uma caracterização do sistema agrícola do concelho. Para tal analisa-se a distribuição da Superfície Agrícola Utilizada (SAU) pelo número de explorações, a natureza jurídica destas últimas, a ocupação da SAU, a atividade pecuária dominante, que outras atividades, além da agricultura, estão presentes nas explorações agrícolas e, por fim, a mão-de-obra da exploração.

Quadro 3.9 Número de explorações agrícolas por classes de SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

Recenseamento Geral Agrícola	Explorações agrícolas (Nº)			
	Total	Classes de Superfície Agrícola Utilizada		
		<5ha	5ha -<50ha	>=50ha
1989	1137	649	268	220
1999	827	357	213	257
2009	879	318	233	328
Var. % 89-09	-258%	-51%	-13%	49%
Var. % 99-09	52%	-11%	9%	28%

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

No Quadro 3.9 podemos verificar que, em Montemor-o-Novo, no ano 2009, as explorações com 50 ou mais hectares de SAU se encontravam em maior número (328), seguidas pelas que têm menos de 5ha de SAU (318), e por fim as que têm entre 5-<50ha de SAU (233).

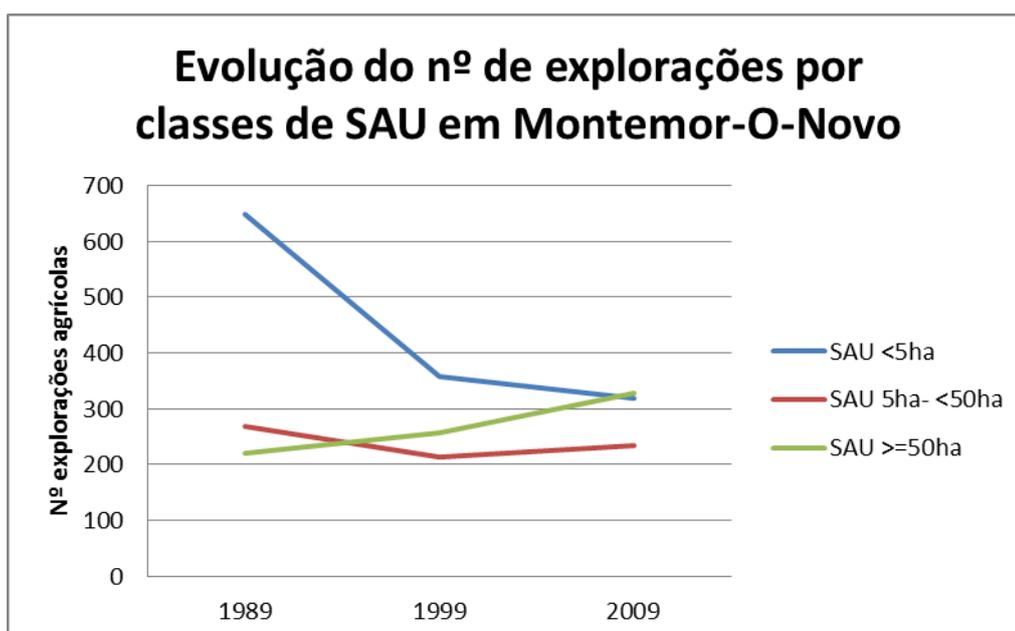


Figura 3.5 Evolução do número de explorações por classes de SAU, em Montemor-o-Novo  
Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

No entanto, na Figura 3.5 podemos observar que as explorações de pequena dimensão têm vindo a decrescer, acontecendo o contrário com as de grande dimensão e média dimensão. Ou seja, à escala do concelho, vem-se registando, nas últimas duas décadas (1989-2009), a redução do número total das unidades produtivas, acompanhado por um processo de concentração da SAU.

Quadro 3.10 Natureza jurídica por exploração e por SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

		Produtor Singular	Sociedade	Baldios	Outras formas 1)
Explorações agrícolas (Nº)	1989	1016	99	-	22
	1999	747	79	-	1
	2009	725	147	-	7
	Var. % 89-09	<b>-29%</b>	<b>48%</b>		<b>-68%</b>
	Var. % 99-09	<b>-3%</b>	<b>86%</b>		<b>600%</b>
Superfície agrícola Utilizada (ha)	1989	47350	13757	-	27952
	1999	56191	33595	-	8
	2009	50947	52383	-	3020
	Var. % 89-09	<b>8%</b>	<b>281%</b>		<b>-89%</b>
	Var. % 99-09	<b>-9%</b>	<b>56%</b>		<b>37650%</b>

1) cooperativas, associações, fundações, mosteiros, conventos, seminários, escolas privadas  
 Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

No Quadro 3.10 podemos constatar que o número de explorações agrícolas e a SAU registada como produtor singular está a diminuir. O contrário está a acontecer com o número de explorações juridicamente identificadas como sociedades. Com efeito, estas últimas registaram um aumento de +48%, entre 1989 e 2009. A Superfície Agrícola Utilizada, também registou um aumento de +281%, entre 1989 e 2009, da área ocupada por sociedade. Outras formas de natureza jurídica, como associações e cooperativas, também estão a sofrer um aumento acentuado, no entanto, são ainda em baixo número, quando comparadas com outras naturezas jurídicas (produtor singular e sociedade).

Após constatar o número de explorações, a natureza jurídica destas e a SAU no concelho de Montemor-o-Novo, torna-se importante, agora, analisar o que se produz na SAU, ou seja, como são utilizadas as terras.

Quadro 3.11 Evolução da Superfície irrigável (ha) e dos prados e pastagens permanentes (ha) e sua percentagem na SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

	Extensificação I		Extensificação II	
	Superfície irrigável das explorações (ha)	Superfície irrigável na SAU	Prados e pastagens permanentes (ha)	Prados e pastagens permanentes na SAU
2009	5177	<b>5%</b>	86238	<b>81%</b>
1999	6364	<b>7%</b>	42622	<b>47%</b>
1989	4290	<b>5%</b>	10770	<b>12%</b>

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em www.ine.pt (8 de Fevereiro de 2012)

No Quadro 3.11, podemos verificar que a importância relativa da superfície irrigada na SAU tem-se mantido constante ao longo das duas décadas analisadas. Por seu lado, no que diz respeito à área de prados e pastagens permanentes, constata-se que esta tem vindo a ganhar peso na SAU, representando em 2009, 81% da SAU. Este valor está em consonância com o sistema de produção extensivo que predomina no concelho.

Quadro 3.12 Superfície de prados e pastagens permanentes por classes de SAU, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

Superfície de prados e pastagens permanentes (ha)				
Classes de área (cultura agrícola)				
	Total	<5 ha	5 <50 ha	>=50 ha
1989	10770	202	1078	9490
1999	42622	218	1751	40654
2009	86238	377	2717	83142
Var. % 89-09	<b>75468</b>	<b>86,6%</b>	<b>152,0%</b>	<b>776,1%</b>
Var. % 99-09	<b>43616</b>	<b>72,9%</b>	<b>55,2%</b>	<b>104,5%</b>

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em www.ine.pt (8 de Fevereiro de 2012)

Este aumento da percentagem de prados e pastagens permanentes na SAU verifica-se em todas as classes de SAU (Quadro 3.12). Ou seja, nas explorações de grande, média e pequena, dimensões físicas.

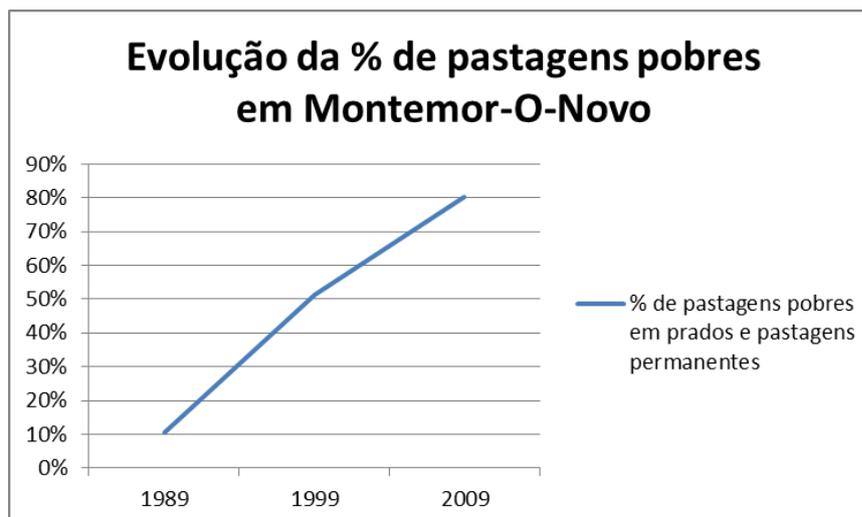


Figura 3.6 Evolução da percentagem de pastagens pobres, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

No entanto, a figura 3.6, ilustra a percentagem de prados e pastagens pobres no total dos prados e pastagens permanentes. Desta forma é possível verificar que, em 2009, 80% dos prados e pastagens permanentes eram pastagens pobres.

Resumindo, em Montemor-o-Novo 81% da SAU estava ocupada, em 2009, com prados e pastagens permanentes (Quadro 3.11) e destes, 80% eram prados e pastagens pobres (Figura 3.6). Ou seja, 65% do total da área da SAU era ocupada por prados e pastagens pobres.

Tendo em conta os valores apresentados para a ocupação da SAU, surge a questão do abandono agrícola. Este é um conceito muito abordado em debates, estudos, políticas e comunicação social. Para medir o abandono agrícola foi utilizado um indicador sugerido por Joaquim Rolo (2006) que relaciona a superfície total das explorações, a superfície agrícola utilizada, a superfície de pastagens pobres em terra limpa e a superfície territorial. Através deste procedimento de cálculo do indicador podemos comparar a percentagem de terras abandonadas calculada em Portugal, Continente, Alentejo Central e Montemor-o-Novo.

Quadro 3.13 Abandono de terras agrícolas em Portugal, Continente, Alentejo Central e Montemor-o-Novo

<b>Abandono de terras agrícolas (%)</b>				
	Portugal	Continente	Alentejo central	Montemor-o-Novo
1989-1999	0,59	0,72	7,98	<b>5,45</b>
1999-2009	-4,24	-4,36	7,78	<b>17,38</b>
1989-2009	-3,65	-3,64	15,76	<b>22,83</b>

Fonte: Indicador adoptado: Ano 2009-1999 = ((superfície total das explorações 2009 – superfície total das explorações em 1999) + (superfície agrícola não utilizada em 2009 – idem em 1999) + (superfície de pastagens pobres em terra limpa em 2009 – idem em 1999)) / superfície territorial (cf. Joaquim Cabral Rolo, 2006, Rendimentos: terra e valores acrescentados das actividades agro-rurais – quantificações e dinâmicas espaciais Programa de Investigação e de Formação pós-graduada. Oeiras, INIAP/EAN, p.264)

Relativamente a Portugal e ao Continente, podemos observar que houve uma diminuição do abandono agrícola. O inverso aconteceu no Alentejo central e em Montemor-o-Novo, uma vez que os valores de variação são positivos. O concelho em estudo merece especial destaque, pois podemos observar um aumento do abandono das terras agrícolas de 5% entre 1989 e 1999, 17% entre 1999 e 2009, e 23% entre 1989 e 2009.

Apresenta-se, de seguida, uma breve análise do número de efetivos das espécies mais utilizadas em sistema extensivo: bovinos, ovinos e caprinos. Para tal é utilizada a unidade “cabeça normal”. Este é um indicador pecuário cujo cálculo relaciona os efetivos, convertidos em cabeças normais, em função das espécies e das idades, através de uma tabela de conversão, e em que um animal adulto da espécie bovina corresponde a 1 CN (<http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos/conceitos.aspx>, acedido a 4 de Outubro de 2012).

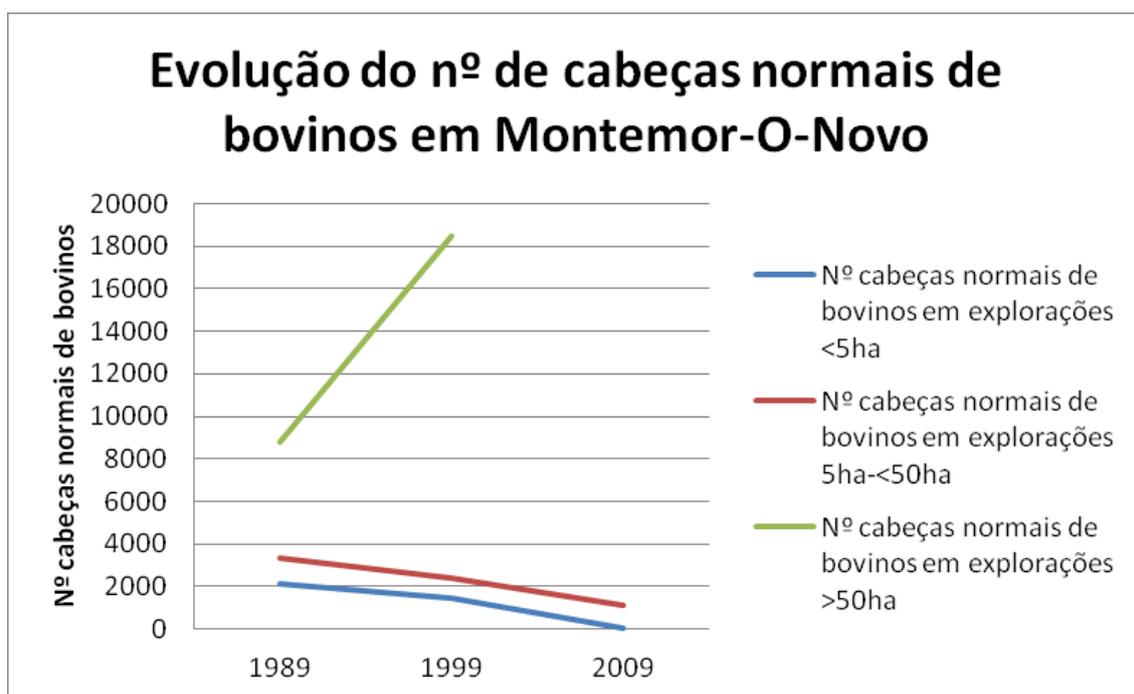


Figura 3.7 Evolução do número de cabeças normais de bovinos, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Relativamente à produção de bovinos, podemos constatar a diminuição do número de cabeças normais nas explorações com SAU <5ha e entre 5-<50ha. No entanto, as explorações  $\geq$ 50ha de área de SAU estão a registar um aumento bastante acentuado do número de cabeças normais. Estas eram 8779 em 1989, e 29174, em 2009 (Figura 3.7). Ou seja, nestas duas décadas registou-se uma variação de +232%.

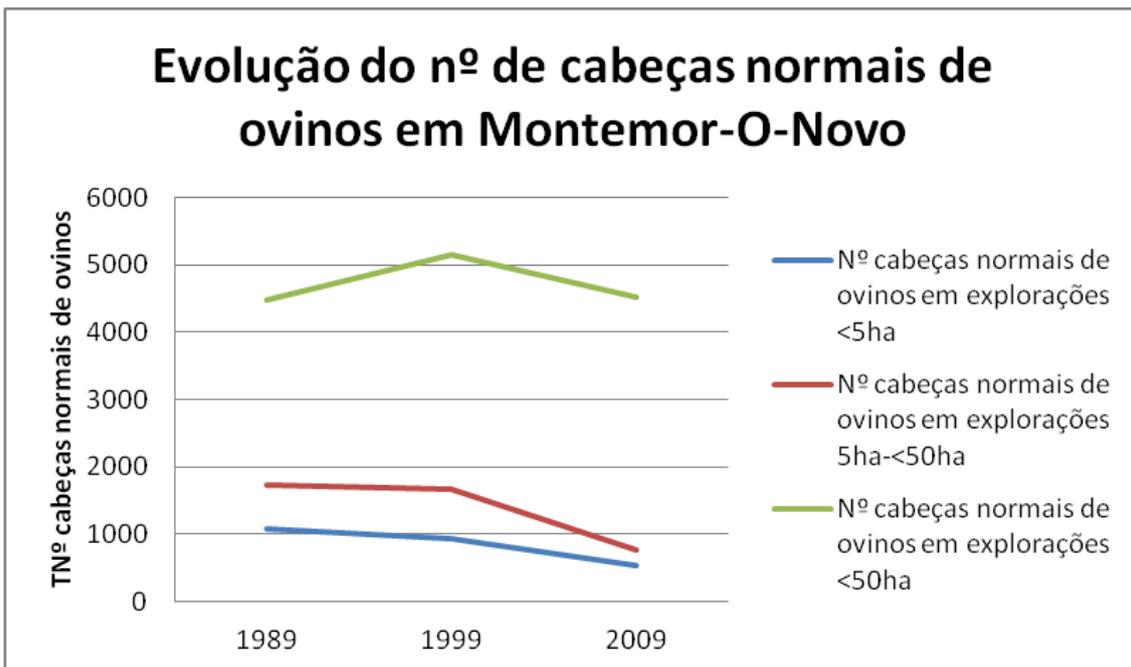


Figura 3.8 Evolução do número de cabeças normais de ovinos, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Relativamente aos ovinos, o decréscimo do número de cabeças normais é geral para as explorações de todas as classes de área de SAU (Figura 3.8).

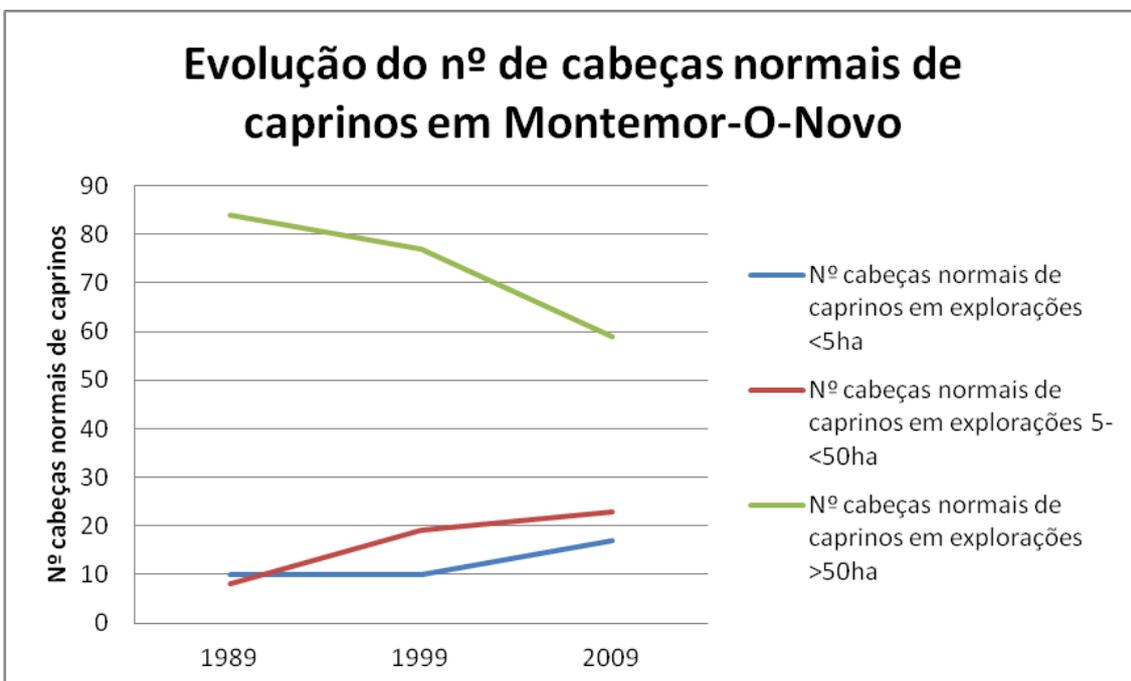


Figura 3.9 Evolução do número de cabeças normais de caprinos, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Por fim, o número de cabeças normais de caprinos tem vindo a decrescer nas explorações  $\geq 50$ ha de área de SAU, apresentando uma variação de -30%, entre 1989 e 2009. No entanto, nas explorações com SAU  $< 5$ ha e  $5 < 50$ ha, o número de cabeças normais de caprinos tem vindo a aumentar, apresentando uma taxa de variação de +70%, entre 1989 e 2009, nas explorações de pequena dimensão, e +188%, entre 1989 e 2009, nas de média dimensão (Figura 3.9).

Principalmente nas explorações com SAU  $\geq 50$ ha, as variações dos efetivos pecuários analisados estão intimamente relacionadas com a evolução da Política Agrícola Comum, uma vez que os chefes de exploração do concelho tentam conduzir as suas produções de forma a rentabilizar os subsídios provenientes da PAC (Pilar I).

Além das utilizações da SAU descritas anteriormente, alguns chefes de exploração têm tirado partido de outras atividades não agrícolas que lhe permitam rentabilizar os recursos disponíveis. Contudo, como de seguida constatamos, esta estratégia não parece ser muito bem sucedida.

Quadro 3.14 Proporção (%) de explorações agrícolas com atividades lucrativas não agrícolas, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1999 e 2009

	1999	2009	Var. % 99-09
Montemor-o-Novo	3,87%	3,41%	<b>-12%</b>

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Com efeito, de acordo com o Quadro 3.14, entre 1999 e 2009 registou-se um decréscimo de -12% da proporção das explorações agrícolas que praticavam atividades lucrativas não agrícolas, entre 1999 e 2009. Representando estas, em 2009, 3,41% do total das explorações agrícolas do concelho.

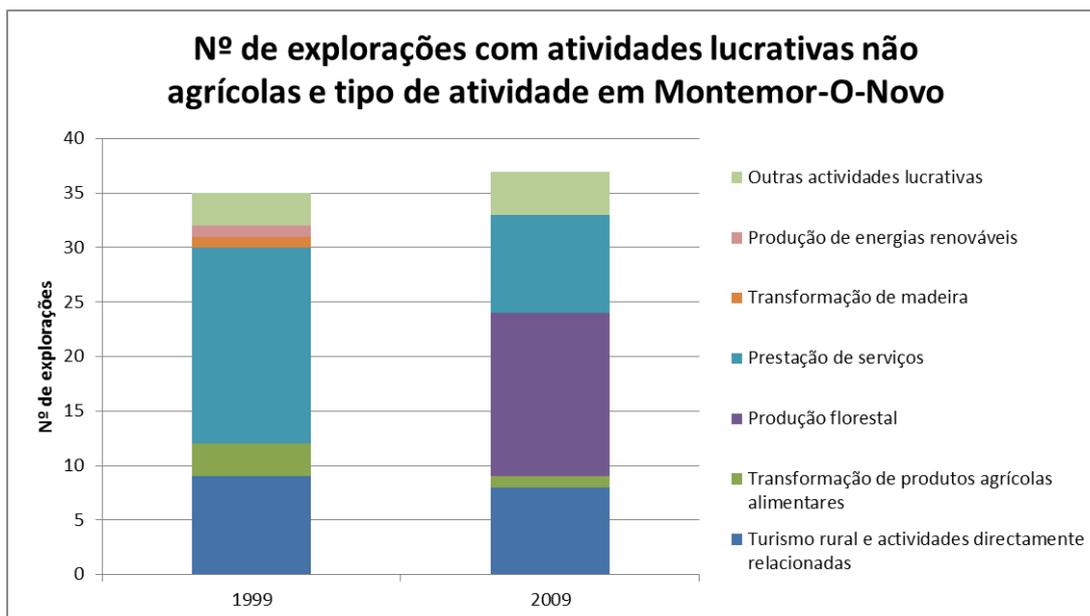


Figura 3.10 Nº de explorações com atividades lucrativas não agrícolas e tipo de atividade, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1999 e 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Na Figura 3.10 podemos observar quais as outras atividades que vêm sendo opção para os chefes de exploração e como estes têm optado por umas em detrimento de outras. Em 1999, as atividades não agrícolas de eleição eram a prestação de serviços, o turismo rural e a transformação de produtos agrícolas alimentares. Estas atividades sofreram uma grande quebra até 2009, passando a ser a atividade de eleição a produção florestal, valor este intimamente ligado à extração da cortiça dos sobreiros característicos da região, e das plantações de pinhal e eucaliptal.

### 3.4.1 Mão-de-obra nas explorações

De seguida será feita uma descrição sobre o trabalho nas explorações, ou seja, do trabalho dos chefes de exploração agrícola, da mão-de-obra agrícola e do trabalho mecanizado.

Quadro 3.15 Evolução das idades dos chefes de exploração agrícola, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

	Chefes de exploração agrícola (Nº)				
	1989	1999	2009	Var. % 89-09	Var. % 99-09
15 - 24 anos	9	4	6	<b>-33%</b>	<b>50%</b>
25 - 34 anos	63	39	33	<b>-48%</b>	<b>-15%</b>
35 - 44 anos	156	91	87	<b>-44%</b>	<b>-4%</b>
45 - 54 anos	243	178	144	<b>-41%</b>	<b>-19%</b>
55 - 64 anos	351	227	239	<b>-32%</b>	<b>5%</b>
65 e mais anos	315	288	370	<b>17%</b>	<b>28%</b>

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

No quadro anterior podemos analisar a distribuição etária dos chefes de exploração agrícola no concelho de Montemor-o-Novo. Verificamos que entre 1989 e 2009 existem taxas de variação negativas para todos os grupos etários, à exceção dos que têm 65 anos ou mais. Ou seja, nas últimas duas décadas (1989 a 2009) registou-se um processo de envelhecimento dos chefes de exploração do concelho. No entanto, entre 1999 e 2009, já se começa a ver um aumento em +50% do número de chefes de explorações entre 15-24 anos e +5% nos que têm entre 55 e 64 anos (Quadro 3.15). Por outras palavras, na última década (1999 a 2009) constatou-se a instalação de jovens agricultores ainda que em reduzido número.

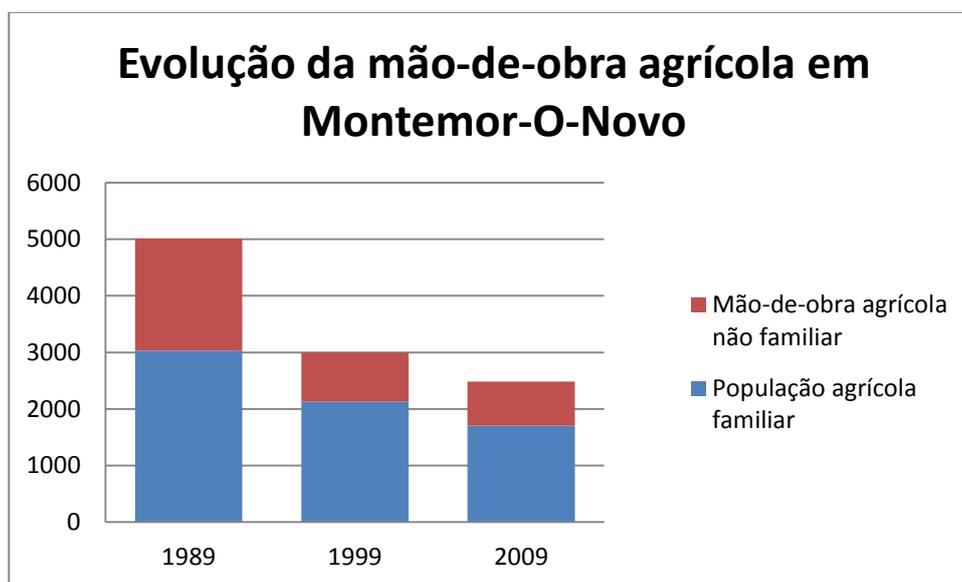


Figura 3.11 Evolução da mão-de-obra agrícola, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

No que respeita à mão-de-obra agrícola, esta tem vindo a decrescer ao longo dos últimos vinte anos. A mão-de-obra agrícola não familiar apresenta uma variação de -66% e a população agrícola familiar apresenta uma diminuição de -44%, entre os censos de 1989 e 2009 (Figura 3.11).

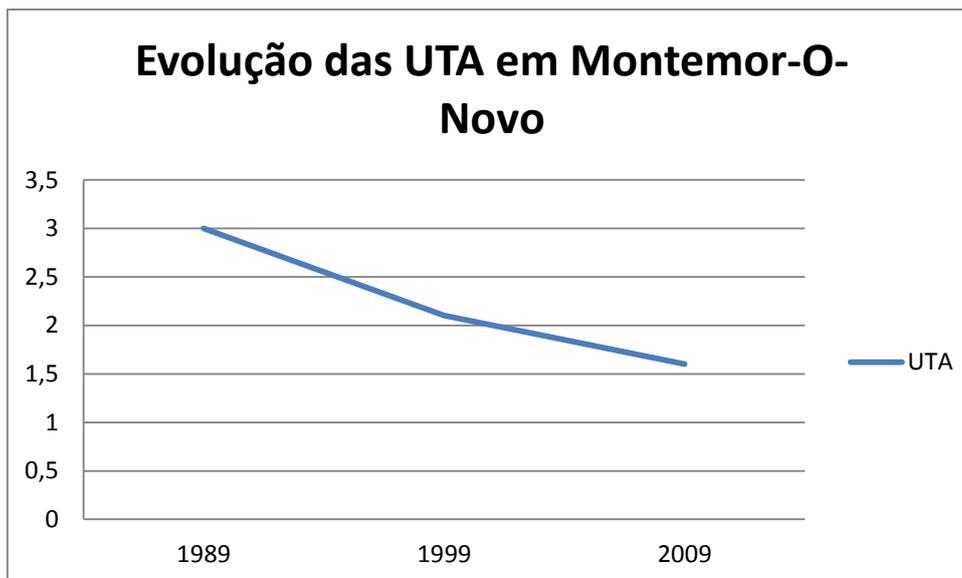


Figura 3.12 Evolução das UTA, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009  
 Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Esta diminuição do trabalho ligado à agricultura é também evidente quando a mesma é calculada em termos do indicador Unidade de Trabalho Ano (UTA). Por UTA entende-se a medida equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano medido em horas. Ou seja, 1UTA corresponde a 240 dias de trabalho a 8 horas por dia (<http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos/conceitos.aspx>, acedido a 4 de Outubro de 2012). A Figura 3.12 mostra-nos que, de 1989 e 2009, a Unidade de Trabalho Ano teve uma variação de -47%, sendo em 2009, de 1,6 UTA's.

Após verificar a diminuição da mão-de-obra nas explorações do concelho, procede-se, de seguida, à análise da evolução do número de tratores.

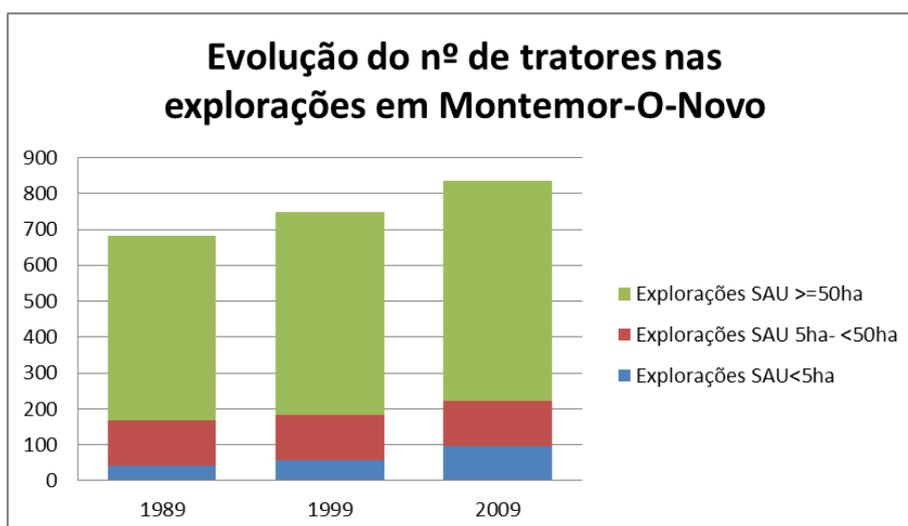


Figura 3.13 Evolução do trabalho mecanizado, em Montemor-o-Novo, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009  
 Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Como nos sugere a Figura 3.13, o número de tratores nas explorações agrícolas tem vindo a aumentar nos últimos vinte anos. A variação do número destes, entre 1989 e 2009, é de +23%. Podemos observar que este aumento se deu essencialmente nas explorações com SAU  $\geq 50$ ha e  $< 5$ ha. Como é compreensível, em 2009, quase 75% dos tratores existentes no concelho encontram-se distribuídos pelas explorações de maior dimensão.

### 3.5 Caracterização agrícola por freguesia

O concelho de Montemor-o-Novo encontra-se dividido em dez freguesias (Figura 3.14), tendo sido todas consideradas para a realização dos inquéritos por questionário.



Figura 3.14 Distribuição das freguesias no concelho de Montemor-o-Novo

Fonte: [www.google.pt](http://www.google.pt)

De forma a perceber melhor alguns aspetos da atividade agrícola em cada uma das freguesias, são apresentados de seguida alguns valores referentes a cada uma delas.

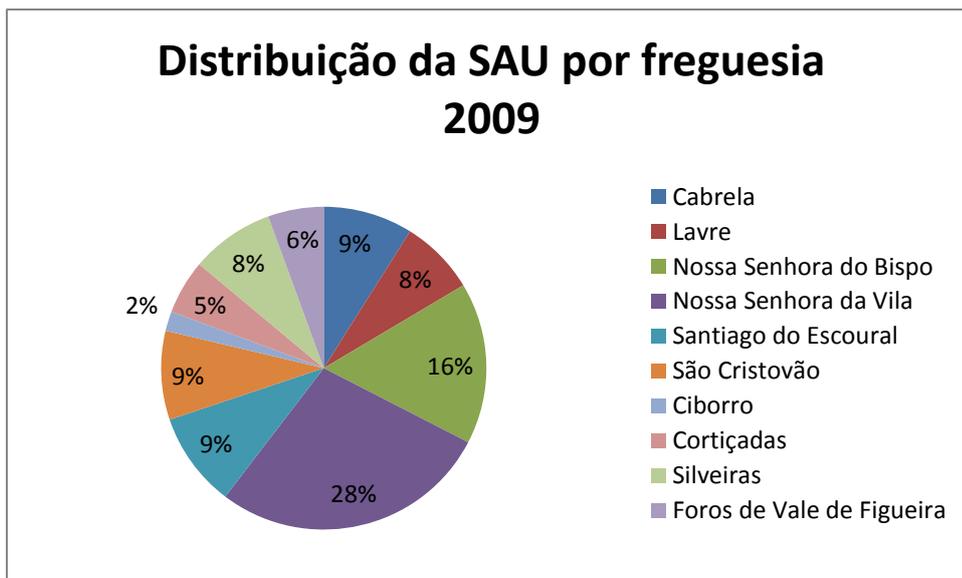


Figura 3.15 Distribuição da SAU por cada freguesia do concelho de Montemor-o-Novo, à data dos RGA de 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

No que diz respeito à distribuição da SAU por freguesia, Nossa Senhora da Vila apresenta a maior percentagem (28%), seguida da freguesia de Nossa Senhora do Bispo (16%). As freguesias com menor área de SAU são o Ciborro com 2%, e Cortiçadas com 5% (Figura 3.15).

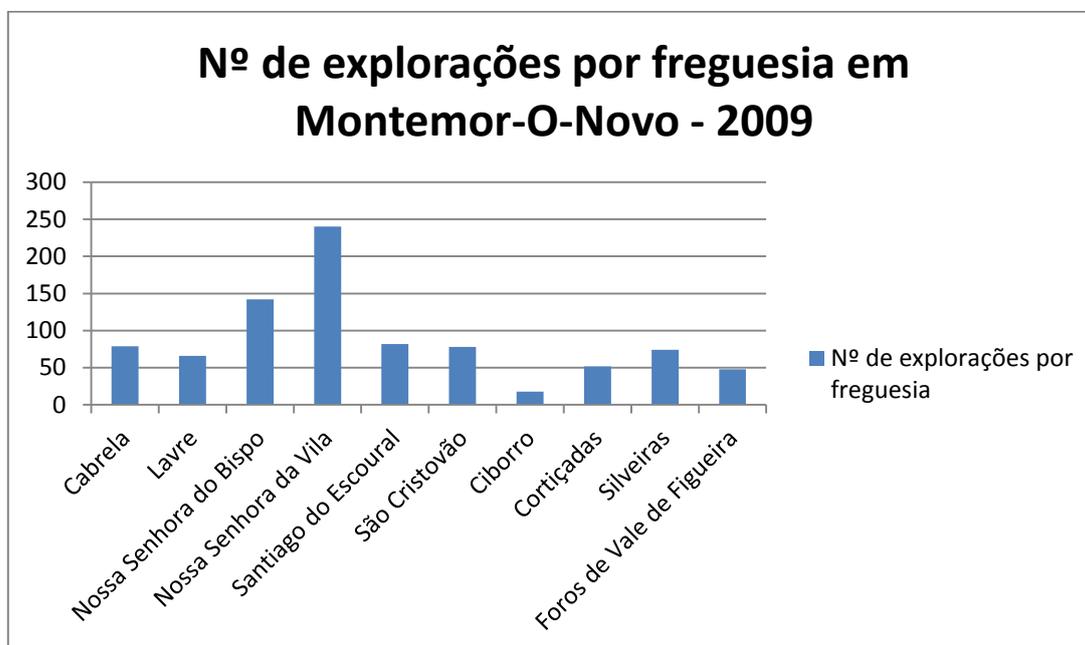


Figura 3.16 Nº de explorações por freguesia em Montemor-o-Novo, à data dos RGA de 2009

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Na Figura 3.16 é possível observar o número de explorações agrícolas por freguesia. Dos valores apresentados, sobressai a freguesia de Nossa Senhora da Vila

(240) e Nossa Senhora do Bispo (142) por terem valores mais elevados, e a do Ciborro por ser a freguesia com menor número de explorações (18).

Quadro 3.16 Variação do nº de explorações agrícolas por freguesia em Montemor-o-Novo

	Variação	
	1989-2009	1999-2009
<b>Montemor-o-Novo</b>	-23%	6%
Cabrela	20%	52%
Lavre	-12%	0%
Nossa Senhora do Bispo	-37%	-16%
Nossa Senhora da Vila	-31%	-6%
Santiago do Escoural	-27%	0%
São Cristóvão	-37%	13%
Ciborro	-38%	38%
Cortiçadas	-17%	63%
Silveiras	64%	45%
Foros de Vale de Figueira	-2%	26%

Fonte: INE (2009), Recenseamento Geral Agrícola, acedido em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) (8 de Fevereiro de 2012)

Através do cálculo das taxas variações entre 1989 e 2009, do número total de unidades produtivas por freguesia, podemos constatar que na generalidade das freguesias houve uma diminuição do número de explorações. Contudo, entre 1999 e 2009 registou-se um aumento das mesmas. Podemos, no entanto, dar destaque a Cabrela e a Silveiras que apresentam taxas de variação positivas em todos os períodos temporais em análise. Já Nossa Senhora da Vila e Nossa Senhora do Bispo continuam a apresentar valores negativos, o que nos indica que, apesar de serem as freguesias com maior número de explorações, estas continuam a diminuir, o que não acontece nas restantes freguesias (Quadro 3.16).

Os valores referentes ao número de explorações agrícolas por freguesia, à data dos RGA 1989, 1999 e 2009, estão de acordo com o que foi referido anteriormente no Quadro 3.9. De recordar que neste se observou uma taxa de variação de -258% no número total de explorações entre 1989 e 2009 e de +52% entre 1999 e 2009, tendência esta que, naturalmente, também se verifica ao nível da freguesia (Quadro 3.16).

## 4. Metodologia

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia adotada para a realização deste trabalho. Depois de clarificar os princípios teóricos subjacentes à elaboração do guião do inquérito por questionário que foi aplicado, descreve-se o procedimento inerente à seleção da amostra, justificam-se as alterações metodológicas efetuadas, na prática, durante a realização dos inquéritos e, por fim, apresenta-se a análise estatística utilizada no tratamento da informação empírica recolhida através da aplicação do inquérito por questionário.

### 4.1 Construção do guião do inquérito por questionário

Para a realização do objetivo do presente estudo foi aplicada a técnica de investigação de inquérito por questionário, o qual incluiu maioritariamente questões de resposta fechada, e algumas de resposta aberta.

A construção do guião do inquérito aplicado aos chefes de exploração agrícola teve por base as dimensões teóricas da Teoria da Transição do produtivismo para o pós-produtivismo (Wilson, 2007), as quais serão explicitadas de seguida (Figura 4.1).

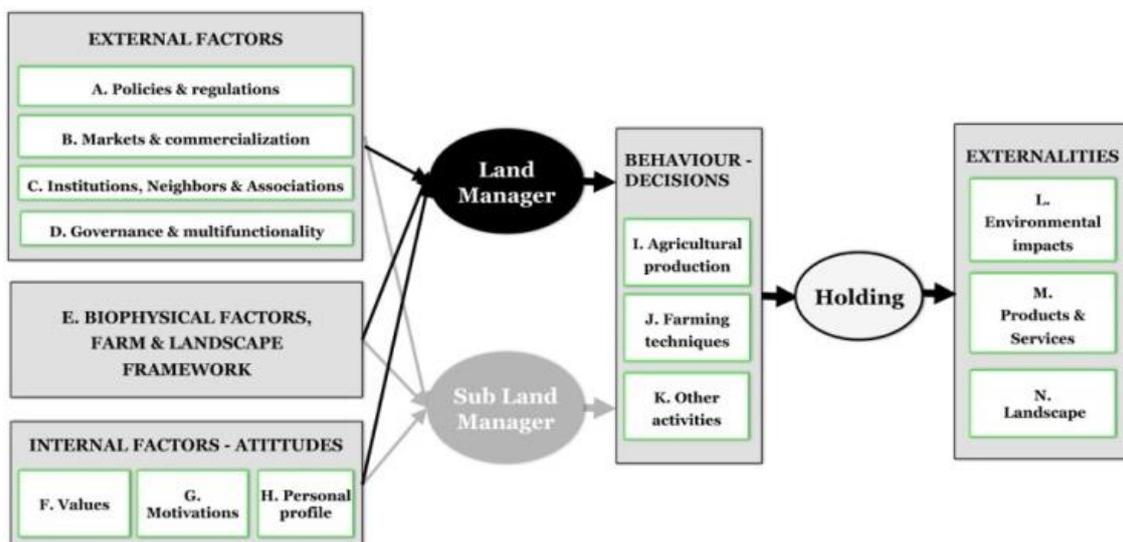


Figura 4.1 Tópicos e dimensões que estiveram na base da construção do guião do inquérito por questionário aplicado aos chefes de exploração agrícola, formulados com base nas dimensões da teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo (Wilson, 2007), consulta de especialistas e literatura  
Fonte: Barroso *et al.*, 2012b

Como a figura acima explicita, as dimensões de análise contemplam cinco tópicos, a saber: fatores externos, fatores biofísicos, fatores internos, comportamentos e externalidades. O tópico fatores externos abarca quatro dimensões: políticas e regulamentos; mercados e comercialização; instituições, vizinhos e associações;

governo e multifuncionalidade. O tópico fatores biofísicos está relacionado com a agricultura e a paisagem. Este inclui as dimensões solo, declive, água disponível, estrutura e dimensão física da exploração. O tópico fatores internos contempla os valores sociais, aqui explicitados na forma como o chefe de exploração pensa, as suas crenças e motivações, e ainda o seu perfil socioeconómico. O tópico comportamentos e decisões concentra-se nas seguintes dimensões: tipos de produções agrícolas; técnicas agrícolas praticadas e presença de outras atividades não agrícolas. Por último, o tópico externalidades incluiu as dimensões: impactos ambientais; produtos e serviços; e paisagem.

As referidas dimensões foram adaptadas à realidade portuguesa com base na bibliografia consultada, no conhecimento prévio da região e em estudos anteriores realizados pela equipa do projeto, mais concretamente nos Projetos de Investigação: “Multifuncionalidade à escala da paisagem e da exploração e a marginalização agrícola” da Universidade de Évora em 2007-2009; e “Contributo para a identificação de procura social das paisagens do Alentejo” da Universidade de Évora, cofinanciado pela DRAP Alentejo e CCDR Alentejo em 2009-2011. Para estas adaptações foram ainda consultados especialistas nacionais e internacionais, de diversas áreas como agronomia, economia, sociologia e geografia que debateram, com a equipa portuguesa, as dimensões relacionadas com os processos do produtivismo/pós-produtivismo e contribuíram para a construção do guião do inquérito por questionário aplicado às explorações agrícolas.

Após a construção do guião e antes de este ser aplicado à amostra da população em estudo, foi testado. Este teste foi concretizado com cinco chefes de exploração, exteriores à amostra a inquirir, o que permitiu realizar alguns ajustes no guião do inquérito por questionário posteriormente aplicado. O modelo do inquérito por questionário aplicado consta no Anexo 1.

## **4.2 Seleção da amostra**

No âmbito do projeto de investigação no qual este trabalho se insere foram selecionados três concelhos: Montemor-o-Novo, Odemira e Castelo de Vide. Para o total dos três concelhos foi selecionada uma amostra representativa de explorações agrícolas, estratificada por freguesia e por classes de SAU (<5ha; 5-<50ha; >=50ha).

Num primeiro momento, de forma a conhecer o universo social total a inquirir foi consultado o Recenseamento Geral Agrícola 2009, realizado pelo INE, onde se teve acesso ao número total de explorações por freguesia e por classes de SAU em cada um dos três concelhos acima enumerados. De seguida, foi calculada (cálculo em <http://www.surveysystem.com/sscalc.htm#one>, acedido 5 de Março de 2012), a

amostra, ou seja, o número de explorações a inquirir, cumprindo o requisito de que estas deveriam ser distribuídas proporcionalmente por freguesia e classes de SAU (<5ha, 5-<50ha, >=50ha), tendo sido fixada uma margem de erro de 5 (Hill e Hill, 2009). No entanto, tendo em conta que este trabalho apenas se concentra nos resultados dos inquéritos realizados aos chefes de exploração localizados no concelho de Montemor-o-Novo, a análise deste município por si só acarreta um erro mais elevado comparativamente à sua análise no conjunto dos três concelhos (como foi feito no âmbito do projeto). Assim, no caso de Montemor-o-Novo, esta margem de erro foi de 8,35, o que corresponde ao erro inerente à utilização da amostra (119 explorações), em vez de toda a população (879 explorações).

De seguida foi utilizado o programa ArcGis9.3, onde se introduziu a informação disponível no cadastro rústico de Montemor-o-Novo e o número de explorações a inquirir por freguesia e por classes de SAU. Com base nestes três elementos foi identificada, de forma aleatória, a localização espacial das explorações a inquirir.



Figura 4.2 e 4.3 Chefes de exploração no concelho de Montemor-o-Novo  
Fonte: Fotografias próprias

Posteriormente, entre os meses de abril e julho de 2012, foram realizados inquéritos presenciais por questionário aos chefes de exploração de cada uma das unidades produtivas seleccionadas para o concelho de Montemor-o-Novo. O processo decorreu com três inquiridores.

### **4.3 Aplicação dos inquéritos aos chefes de exploração**

Tendo em conta que, em determinadas situações, foi difícil encontrar o chefe de exploração na propriedade, foram requeridos contactos a diversas Associações de Agricultores. Para colmatar erros subjacentes a esta alteração metodológica foram solicitados contactos a diferentes Associações e não a apenas uma. Este método permitiu realizar alguns inquéritos a chefes de exploração que geriam terras no

concelho, mas viviam fora de Montemor-o-Novo, ou que estavam no seu emprego e, por isso, não se encontravam na exploração agrícola durante o dia.

No quadro que se segue (Quadro 4.1) podemos observar o número de explorações que foram inicialmente seleccionadas e as que foram, realmente, inquiridas. Para podermos comparar estes valores foi adicionada uma terceira coluna onde consta a diferença entre estes valores.

Quadro 4.1 Número de explorações seleccionadas e inquiridas no concelho de Montemor-o-Novo, por freguesia e por classes de SAU

		Classes de área									Total		
		<5ha SAU			5-<50ha SAU			>=50ha SAU					
		Explorações seleccionadas	Explorações inquiridas	Diferença									
		Nº	Nº	Nº									
<b>Montemor-o-Novo</b>		<b>40</b>	<b>40</b>	<b>0</b>	<b>31</b>	<b>28</b>	<b>-3</b>	<b>43</b>	<b>51</b>	<b>8</b>	<b>114</b>	<b>119</b>	<b>5</b>
Freguesias	Cabrela	1	1	0	3	2	-1	6	11	5	10	14	4
	Lavre	4	4	0	2	2	0	3	4	1	9	10	1
	Nossa Senhora do Bispo	8	7	-1	5	5	0	5	5	0	18	17	-1
	Nossa Senhora da Vila	15	16	1	8	8	0	9	9	0	32	33	1
	Santiago do Escoural	4	5	1	2	2	0	5	6	1	11	13	2
	São Cristóvão	2	1	-1	2	1	-1	5	5	0	9	7	-2
	Cíborro	1	1	0	1	0	-1	1	0	-1	3	1	-2
	Cortiçadas	2	1	-1	2	2	0	2	2	0	6	5	-1
	Silveiras	2	3	1	3	2	-1	5	7	2	10	12	2
	Foros de Vale Figueira	1	1	0	3	4	1	2	2	0	6	7	1

Como podemos constatar (Quadro 4.1), o número de explorações sofreu, em certas situações, alguns desvios entre o planeado e o realizado. Estes pequenos acertos não têm implicações graves uma vez que o número de inquiridos realizados (119) continua a ser representativo.

O quadro seguinte (Quadro 4.2) contém o número de explorações inquiridas no trabalho de campo e as registadas no concelho, pelo INE, no âmbito do Recenseamento Geral Agrícola 2009, por freguesia e por classes de SAU.

Quadro 4.2 Número de explorações inquiridas e número de explorações registadas no Recenseamento Geral Agrícola 2009, no concelho de Montemor-o-Novo, por freguesia e por classes de SAU

		Classes de área							
		<5ha SAU		5-<50ha SAU		>=50ha SAU		Total	
		RGA 2009	Amostra inquirida	RGA 2009	Amostra inquirida	RGA 2009	Amostra inquirida	RGA 2009	Amostra inquirida
		Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
<b>Montemor-o-Novo</b>		<b>301</b>	<b>40</b>	<b>241</b>	<b>28</b>	<b>337</b>	<b>51</b>	<b>879</b>	<b>119</b>
Freguesias	Cabrela	4	1	25	2	50	11	79	14
	Lavre	28	4	14	2	24	4	66	10
	Nossa Senhora do Bispo	61	7	41	5	40	5	142	17
	Nossa Senhora da Vila	114	16	59	8	67	9	240	33
	Santiago do Escoural	28	5	17	2	37	6	82	13
	São Cristóvão	17	1	18	1	43	5	78	7
	Ciborro	4	1	4	0	10	0	18	1
	Cortiçadas	18	1	18	2	16	2	52	5
	Silveiras	17	3	21	2	36	7	74	12
	Foros de Vale Figueira	10	1	24	4	14	2	48	7

No Quadro 4.2 podemos observar que, por exemplo, na freguesia de Nossa Senhora da Vila foi onde se realizaram mais inquéritos, em contraste com a do Ciborro. De notar que estas eram as freguesias com maior e menor número de explorações, respetivamente, de acordo com o RGA 2009.

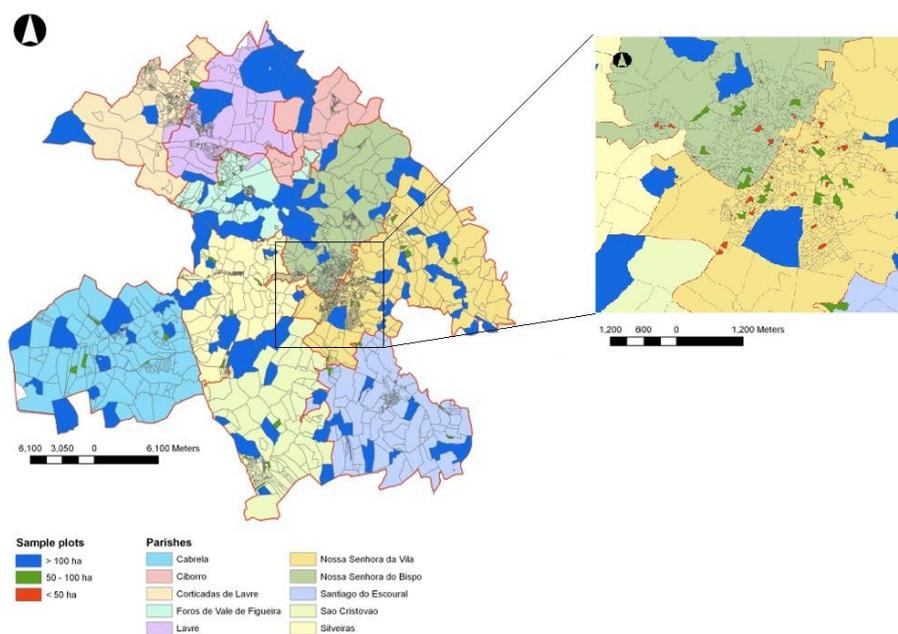


Figura 4.4 Localização espacial das explorações inquiridas no concelho de Montemor-o-Novo  
Fonte: ArcGis 9.3

Na Figura 4.4 é possível observar a distribuição espacial das explorações inquiridas. Como podemos verificar, através da figura e do respetivo zoom, as explorações de maior (>=50ha de SAU; azul), média (5-<50ha de SAU; verde) e

pequena (<5ha de SAU; vermelho) dimensão de Superfície Agrícola Utilizada encontram-se distribuídas uniformemente pelo concelho.

Desta forma, a amostra abarcou 119 explorações do total das 879 existentes no concelho (INE). Ou seja, um número considerado suficiente para, posteriormente, se poder realizar uma análise estatística robusta dos dados recolhidos e, deste modo, poder tirar conclusões generalizáveis (Maroco, 2010).

#### **4.4 Análise estatística**

Neste subcapítulo são apresentados os procedimentos estatísticos aplicados à informação obtida através dos inquéritos por questionário realizados aos chefes de exploração. Subjacente a este propósito está o objetivo deste trabalho: perceber como se comportam os chefes de exploração de Montemor-o-Novo face às múltiplas opções de gestão.

Face ao exposto, elaborou-se, com base em procedimentos metodológicos estatísticos, uma tipologia dos chefes de exploração inquiridos. Esta tipologia foi construída tendo por base as variáveis/questões do inquérito por questionário, que foi aplicado, que traduziam práticas/comportamentos/estratégias de gestão técnico-agrícolas. Simultaneamente, e com o objetivo de caracterizar cada um dos chefes de exploração inquiridos foram utilizadas as variáveis/questões que, no mesmo inquérito, estavam associadas a atitudes produtivistas/pós-produtivistas e de caracterização dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas.

Para a realização da análise estatística do presente estudo foi utilizado como programa estatístico o SPSS21. Tendo em vista os objetivos descritos, utilizaram-se 265 variáveis (Anexo 1). Destas, 30 foram selecionadas como variáveis discriminantes, responsáveis pela construção dos clusters (Quadro 5.1), e as restantes 235 como variáveis descritivas, não separam os clusters, mas servem de apoio à sua caracterização.

Quadro 4.3 Variáveis selecionadas como discriminantes para a construção dos clusters

<b>VARIÁVEIS DISCRIMINANTES</b>
<b>TIPO DE OCUPAÇÃO DO SOLO</b>
Especialização/Diversificação (Quantas ocupações do solo tem?)
Tem montado?
Tem olival tradicional?
Tem olival irrigado?
Tem prado/pastagem?
Tem cereais (grão ou forragem)?
Tem vinha?
Tem culturas hortícolas em produção intensiva?
Tem horta familiar e/ou árvores de fruto dispersas?
Tem pomar estreme?
Tem povoamento florestal puro- pinhal?
Tem povoamento florestal puro- eucaliptal?
Tem povoamento florestal puro- reflorestação de sobreiros?
Tem povoamento florestal misto?
Tem matos?
Tem produção de plantas ornamentais?
<b>TIPO DE PECUÁRIA E RESPETIVA GESTÃO</b>
Faz produção de gado?
Especialização/Diversificação (Quantas espécies produz?)
Produz bovinos?
Produz ovinos?
Produz caprinos?
Produz suínos?
Produz equídeos?
Produz aves?
Produz outros animais?
Utiliza raças autóctones ou cruzadas com autóctones?
E exploração encontra-se dentro da seguinte classe de encabeçamento:
Tem pecuária intensiva (suinicultura/vacaria)?
Que % de alimentação dos animais é comprada?
Tipo de comercialização ds animais

Como consta no Quadro 4.3, das variáveis discriminantes selecionadas, 16 dizem respeito a práticas técnico-económicas relacionadas com a gestão dos usos do solo e 14 relacionadas com o tipo de pecuária e modalidades da respetiva gestão.

#### **4.4.1 Correlação entre variáveis discriminantes**

De modo a perceber como as variáveis discriminantes se relacionavam entre si calculou-se Medidas de Associação, nomeadamente a Correlação Bivariada. Esta permitiu determinar e explicar as relações causais entre as variáveis, ou seja, medir a intensidade e direção da associação entre cada uma das variáveis com cada uma das restantes, através do Coeficiente de Correlação de Bravais-Pearson (Anexo 4).

Uma vez que as variáveis “Número de ocupações do solo” e “Número de espécies de gado” apresentavam valor de correlação bastante significativo com várias das restantes variáveis, estas foram excluídas da análise.

#### **4.4.2 Análise de Clusters**

Com o objetivo de identificar uma tipologia dos chefes de exploração inquiridos no concelho de Montemor-o-Novo, procedeu-se a uma Análise de Clusters. Esta “é uma técnica exploratória de análise multivariada que permite agrupar sujeitos ou variáveis em grupos homogêneos relativamente a uma ou mais características comuns”. “Cada observação pertencente a um determinado Cluster é similar a todas as outras pertencentes a esse Cluster, e é diferente das observações pertencentes aos outros Clusters” (Maroco, 2010, 419). A análise de Clusters foi realizada com recurso ao Método TwoSteep Cluster. A justificar esta opção está o facto de a maioria das variáveis a utilizar ser de natureza categórica.

#### **4.4.3 Estatística Descritiva**

Após a identificação dos clusters, e como estratégia de apoio à análise e caracterização de cada um deles, procedeu-se à realização de Análises de Frequências (Maroco, 2010). Concretamente, esta técnica estatística permite obter a frequência de cada uma das possíveis respostas dentro de cada variável. Pontualmente, recorreu-se a tabelas de dupla entrada de forma a compreender como se relacionam entre si as respostas de duas variáveis distintas.

## 5. Resultados

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os resultados decorrentes da análise efetuada, e que se encontra descrita no capítulo anterior.

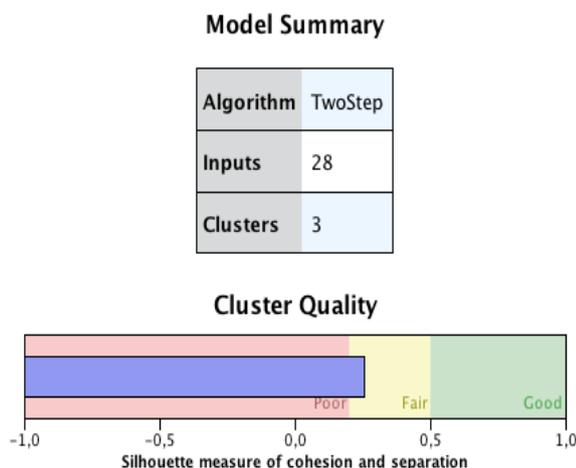


Figura 5.1 Sumário da análise de clusters realizada e qualidade dos clusters obtidos

Após alguns ensaios, considerou-se que seria de três o número de clusters (tipos de chefes de exploração) a considerar para análise posterior, como o conteúdo da Figura 5.1 confirma.

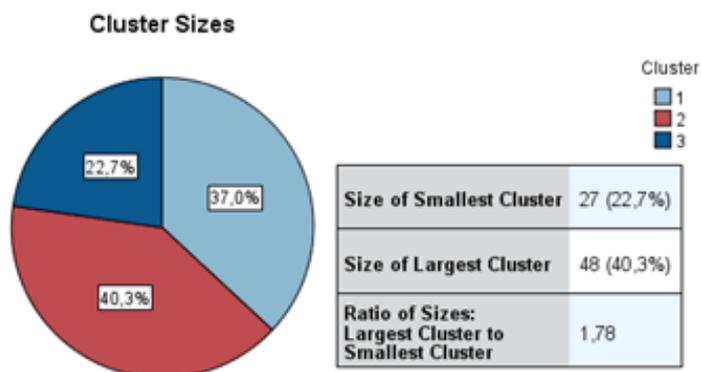


Figura 5.2 Dimensão dos clusters obtidos

O cluster 1 engloba 44 chefes de exploração, o cluster 2 é constituído por 48 e o cluster 3 abarca 27 (Figura 5.2). A importância de cada uma das 28 variáveis discriminantes para a formação dos clusters consta no anexo 2. Contudo, é de referir, desde já, o contributo relativo diferenciado das variáveis discriminantes para a definição dos três clusters.

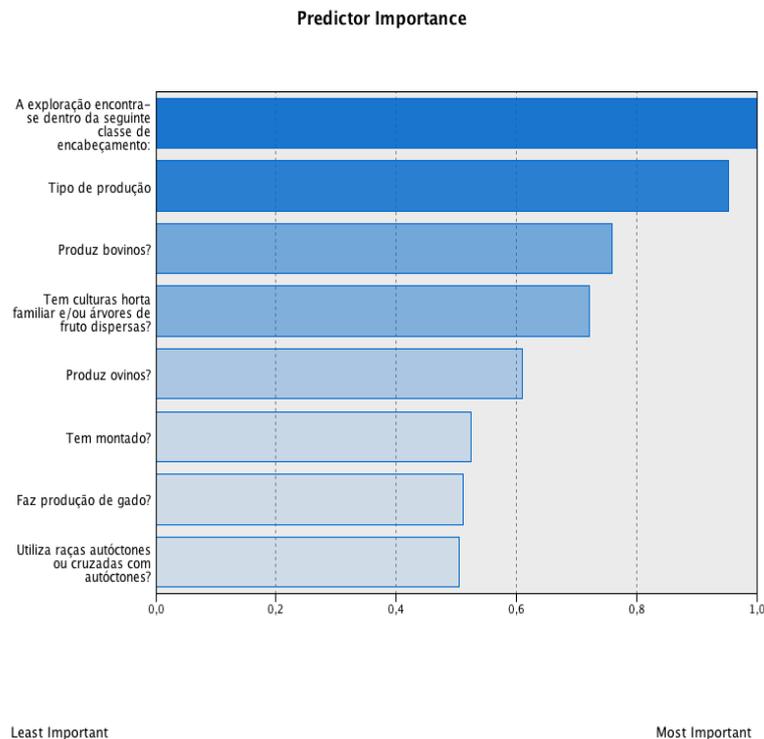


Figura 5.3 Importância de cada uma das variáveis discriminantes para a construção dos clusters

Foram sobretudo as oito variáveis que constam na Figura 5.3 as que assumiram o papel relevante naquela partição.

## 5.1 Descrição dos clusters

De seguida descreve-se o conteúdo de cada um dos clusters de acordo com três categorias: características sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas, comportamentos técnico - económicos agrícolas e atitudes dos chefes de exploração.

Dado o elevado número total de variáveis utilizadas na amostra (265), embora com estatuto diferenciado, optou-se por aqui utilizar apenas as que se revelaram mais relevantes, do ponto de vista estatístico, para a definição e caracterização de cada um dos clusters. Esta importância é avaliada, de acordo com o método estatístico utilizado, por uma escala de 0 a 1, sendo 0 sem importância e 1 muito importante (Anexo 2 e 3). Pontualmente, far-se-á também apelo a variáveis que apresentam resultados relevantes tendo em conta a hipótese de investigação a estudar.

A apresentação das variáveis relevantes em cada um dos três clusters, tendo em vista as questões de investigação a analisar, são de seguida apresentadas sob a forma de tabelas. Para tal construíram-se três tipos de tabelas para cada um dos clusters, a saber: uma relativa às características sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e respetivas unidades produtivas, outra aos comportamentos

técnico-económicos agrícolas adotados, e outra respeitante às atitudes dos chefes de exploração. A primeira coluna de cada tabela apresenta cada uma das variáveis em análise, nas colunas seguintes constam as respostas e respetivas frequências (apenas as que apresentaram valores acima de 10%, uma vez que se considera que as respostas com valor inferior correspondem a informação pouco relevante), por ordem decrescente de importância. A última coluna de cada uma das tabelas contém: i) o valor de importância da variável em questão para a caracterização do cluster, e ii) qual o estatuto da variável, discriminante ou descritiva. Os respetivos histogramas encontram-se no Anexo 5.

Quadro 5.1 Seleção das variáveis mais significativas relativas a características sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas do cluster1 (n=44)

Variáveis	Respostas (>=10%)										Importância e tipo de variável
Área da exploração	>=50 ha	93,2%									0,66 Descritiva
Objetivo da exploração	Agrícola	86,4%									0,34 Descritiva
Mão-de-obra da exploração	Não familiar	61,4%	Familiar	27,3%	Ambas	11,4%					0,31 Descritiva
Escolaridade do chefe de exploração	Ensino universitário	61,4%	Secundário	25%	Básico	11,4%					0,27 Descritiva
Rendimento familiar depende:	Da atividade agrícola na exploração	59,1%	De fora da exploração	20,5%	Da exploração e de fora (50/50)	20,5%					0,26 Descritiva
Profissão do chefe de exploração?	Produtor agrícola/pecuário/florestal	56,8%	Outras profissões	22,7%	Prestação de serviços à agricultura	13,6%					0,19 Descritiva
Concelho em que passou a infância?	Montemor-o-Novo	40,9%	Outros concelhos de Portugal (exceto Lisboa e concelhos do Alentejo)	22,7%	Outros concelhos do Alentejo	13,6%	AM Lisboa	11,4%	Fora do país	11,4%	0,1 Descritiva
Idade do chefe de exploração?	45-54 anos	25%	>65 anos	25%	55-64 anos	22,7%	40-44 anos	18,2%			0,10 Descritiva
Concelho de residência do chefe de exploração?	Montemor-o-Novo	65,9%	Outros concelhos de Portugal (exceto Lisboa e concelhos do Alentejo)	15,9%							0,05 Descritiva
Género do chefe de exploração?	Masculino	93,2%									0,03 Descritiva

Cluster1 (n=44)

Quadro 5.2 Seleção das variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster1 (n=44)

Variáveis	Respostas (>=10%)						Importância e tipo de variável
A sua exploração está dentro da seguinte classe de encabeçamento:	<=0,6CN/ha	70,5%	>0,6 e <=1,4CN/ha	20,5%			1 Discriminante
Tipo de comercialização pecuária	Comercial grande escala (>50 ovelhas/cabras ou >50 aves ou >10 porcos ou >10 vacas)	97,7%					0,95 Discriminante
Produz bovinos?	Sim	86,4%	Não	13,6%			0,76 Discriminante
Tem horta familiar e/ou árvores de fruto dispersas?	Não	97,7%					0,72 Discriminante
Daquilo que produz quanto é vendido?	Tudo (+90%)	100%					0,69 Descritiva
Produz ovinos?	Não	59,1%	Sim	40,9%			0,61 Discriminante
Recebe RPU?	Sim	97,7%					0,55 Descritiva
Tem montado?	Sim	100%					0,52 Discriminante
Faz produção de gado?	Sim	100%					0,51 Discriminante
Tem raças autóctones ou cruzadas de autóctones?	Possui pelo menos uma raça cruzada de autóctone	36,4%	Possui pelo menos uma raça autóctone	27,3%	Não possui raças autóctones	27,3%	0,51 Discriminante
Recebe ajudas à produção?	Sim	93,2%					0,49 Descritiva
% de alimentação comprada para os animais	Pouco (1 a 24%)	36,4%	Intermédio (25 a 90%)	31,8%	Nada (0%)	31,8%	0,42 Discriminante
Qual o peso aproximado dos subsídios no rendimento total da exploração?	Médio (50 a 74%)	43,2%	Médio reduzido (25 a 49%)	25%	Reduzido (<25%)	22,7%	0,38 Descritiva
Qual a sua principal produção?	Carne	63,6%	Cortiça/madeira	20,5%			0,34 Descritiva
Escoa os produtos dessa forma para obter maior lucro?	Sim	68,2%	Não	31,8%			0,3 Descritiva
Recebe Medidas Agro-Ambientais?	Não	56,8%	Não	43,25%			0,22 Descritiva
Colabora com quantas associações de carácter facultativo?	Uma	56,8%	Duas	29,5%	Nenhuma	13,6%	0,22 Descritiva
Quantas atividades existem na exploração promovidas por outros?	Uma	38,6%	Duas ou mais	38,6%	Nenhuma	22,7%	0,20 Descritiva
Faz produção especial por motivos económicos?	Não	70,5%	Sim	29,5%			0,1 Descritiva

Quadro 5.2 Seleção das variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-econômicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster1 (n=44) (continuação)

Mecanização (como mobiliza a terra?)	Mobilização intermédia (escarificador +grade)	59,1%	Mobilização reduzida (sementeira direta ou escarificador)	20,5%	Sem mobilização	11,4%	0,14 Descritiva
Como aduba a terra?	Química e orgânica	40,9%	Apenas química	29,5%	Apenas orgânica	27,3%	0,11 Descritiva
Tecnologia de irrigação	Sequeiro	59,1%	Sistemas de rega (aspersão, micro-aspersão, gota-a-gota, pivot)	36,4%			0,10 Descritiva
Porque tem vindo ou não a reduzir as mobilizações na terra?	Outros motivos não ambientais	59,1%	Ambientais	15,9%	Ambientais e outros	11,4%	0,07 Descritiva
Faz produção especial por motivos ambientais?	Não	86,4%	Sim	13,6%			0,04 Descritiva
Faz produção especial pela qualidade dos produtos?	Não	90,9%					0,04 Descritiva
Não faz nenhum tipo de produção especial?	Não faz produção especial	56,8%	Faz produção especial	43,2%			0,03 Descritiva

Quadro 5.3 Seleção de variáveis mais significativas relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster1 (n=44)

Variáveis	Respostas (>=10%)								Importância e tipo de variável
Quais os cenários futuros que gostaria de ver para o concelho?	Extensificação da agricultura/pastoreio extensivo	40,9%	Intensificação da agricultura/aumento das áreas de regadio	20,5%	Aposta na conservação da natureza	11,4%			0,09 Descritiva
Gostaria de ver esses cenários por motivos ambientais ou biofísicos?	Não	59,1%	Sim	31,8%					0,08 Descritiva
Os subsídios, nas condições atuais, são essenciais para a agricultura.	Concordo completamente	50%	Concordo	25%	Discordo totalmente	11,4%			0,08 Descritiva
Gostaria de ver esses cenários por motivos económicos?	Sim	47,7%	Não	43,2%					0,07 Descritiva
As decisões mais importantes na exploração são tomadas sem consultar ninguém.	Discordo	45,5%	Discordo totalmente	27,3%	Concordo	15,9%			0,07 Descritiva
Investir noutras atividades além da agricultura permite aumentar o rendimento da exploração.	Concordo	43,2%	Concordo completamente	36,4%	Discordo	13,6%			0,05 Descritiva
Os produtos devem ser vendidos o mais perto possível do local de produção.	Concordo	43,2%	Discordo	25%	Concordo completamente	15,9%	Não concordo, nem discordo	11,4%	0,04 Descritiva
Os produtos vindos de outras partes do mundo são positivos para a agricultura local.	Discordo	31,8%	Discordo totalmente	29,5%	Não concordo, nem discordo	22,7%	Concordo	13,6%	0,04 Descritiva

Quadro 5.3 Seleção de variáveis mais significativas relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster1 (n=44)  
(continuação)

Relacionar-me com pessoas diferentes permite solucionar melhor os problemas na exploração.	Concordo	63,6%	Concordo completamente	31,8%					0,04 Descritiva
Quais as características fundamentais para uma exploração ter sucesso no concelho:	Aposta em produtos de qualidade	29,5%	Diversificação agrícola	20,5%	Introdução de novas tecnologias	15,9%	Aposta na produção intensiva	15,9%	0,03 Descritiva
O estado ou outra entidade pública não deve ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.	Discordo	50%	Concordo	20,5%	Não concordo, nem discordo	13,6%			0,03 Descritiva
O crescente interesse e fixação de pessoas de fora nesta área é positivo.	Concordo	65,9%	Concordo completamente	20,5%	Não concordo, nem discordo	11,4%			0,03 Descritiva
O associativismo é essencial para a agricultura.	Concordo completamente	47,7%	Concordo	43,2%					0,03 Descritiva
A agricultura tem um papel central nas áreas rurais.	Concordo completamente	70,5%	Concordo	25%					0,02 Descritiva
A qualidade da terra não afeta a gestão que se faz nela.	Discordo totalmente	52,3%	Discordo	31,8%	Concordo	13,6%			0,02 Descritiva
Porque aumentaria ou não a área irrigada?	Outros motivos não ambientais	86,4%							0,02 Descritiva
A utilização de produtos químicos piora a qualidade da terra.	Concordo	38,6%	Discordo	22,7%	Concordo completamente	15,9%	Não concordo, nem discordo	11,9%	0,01 Descritiva
O fim dos subsídios conduz ao abandono das terras.	Concordo	38,6%	Concordo completamente	31,8%	Discordo	15,9%			0,01 Descritiva

**Cluster 1 → Tipo de chefe de exploração 1 → Empresário Agrícola (n=44)**

Caraterização sociodemográfica e económica do chefe de exploração e das respetivas unidades produtivas

O tipo de chefe de exploração aqui designado por “Empresário Agrícola” gere, sobretudo, unidades produtivas agrícolas de grande dimensão física. Das 44 unidades englobadas neste grupo, 93% possuem área de SAU maior ou igual a 50ha (Quadro 5.1).

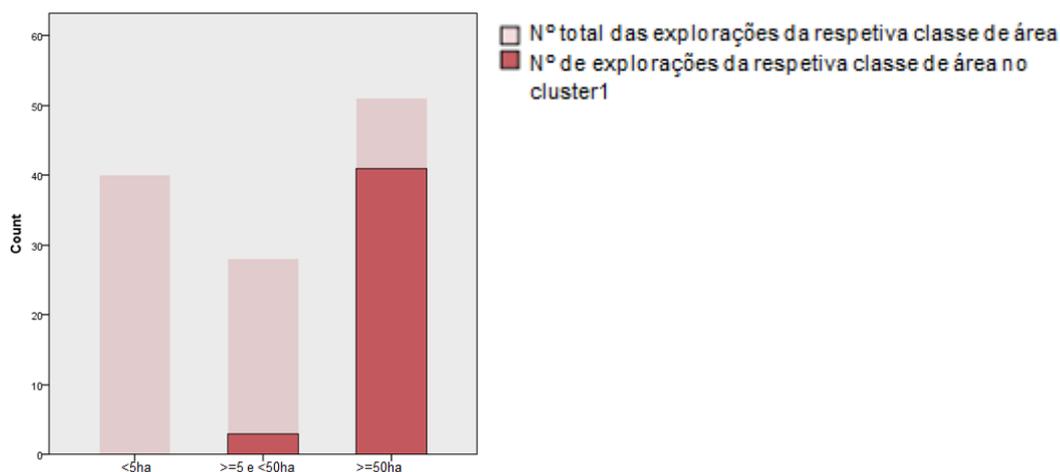


Figura 5.4 Variação das classes de área na amostra e no cluster1

É de notar que das 51 explorações com área de SAU  $\geq 50$ ha que constavam na amostra a inquirir (Quadro 4.1), 41, ou seja, 80% encontram-se neste cluster (Figura 5.4). Na esmagadora maioria das explorações deste grupo (86%), a gestão dos recursos produtivos está centrada em objetivos exclusivamente agrícolas (entenda-se agrícola como inclusivo da produção agrícola, pecuária e florestal) (Quadro 5.1). Em 61% dos 44 casos, a mão-de-obra que trabalha na exploração é não familiar (Quadro 5.1).

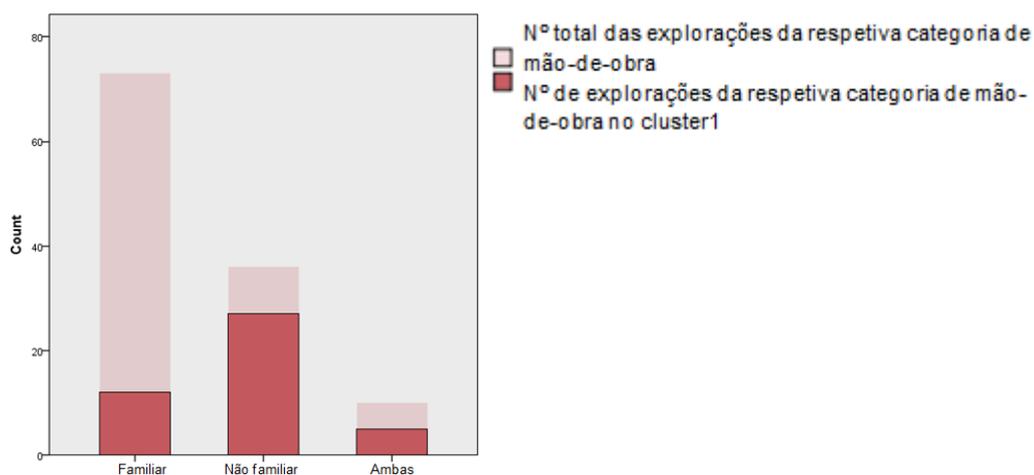


Figura 5.5 Variação da variável mão-de-obra na amostra e no cluster1

Com efeito, do total das 36 explorações inquiridas que recorrem a força de trabalho assalariada, 27 (75%) encontram-se neste cluster (Figura 5.5).

Dos chefes de exploração incluídos neste grupo, apenas 41% passou a infância em Montemor-o-Novo, 23% fê-lo noutros concelhos de Portugal (excluindo Alentejo e Lisboa), 14% noutros concelhos do Alentejo, 11% na área metropolitana de Lisboa e 11% fora do país (Quadro 5.1). No momento da realização do inquérito, 66% residia em Montemor-o-Novo e 16% noutros concelhos de Portugal (excepto Alentejo e Lisboa) (Quadro 5.1). São maioritariamente, 93%, do sexo masculino (Quadro 5.1) e, na sua maioria, têm idade superior a 45 anos, concretamente, entre os 45 e os 54 anos, 25% possui 65 ou mais anos, 23% tem entre 55 e 64anos e 18% tem idade entre os 40 e 44 anos (Quadro 5.1). Apresentam altos níveis de escolaridade, mais precisamente, 61% possui licenciatura e 25% o ensino secundário (Quadro 5.1). A maioria (57%) exerce como atividade profissional principal a agricultura/pecuária/produção florestal, 23% trabalha noutras profissões e 14% tem como atividade principal a prestação de serviços à agricultura (ex. veterinários) (Quadro 5.1). De salientar também que apenas em 59% dos casos o rendimento familiar depende da exploração, 21% este rendimento é originado fora da exploração e para 21% dos inquiridos este rendimento tem origem na exploração e fora dela (Quadro 5.1).

#### Comportamentos técnico-económicos agrícolas

Os chefes de exploração do tipo “Empresário Agrícola” caracterizam-se, sobretudo, por possuírem áreas de montado (100%) e serem produtores de gado (100%) (Quadro 5.2).

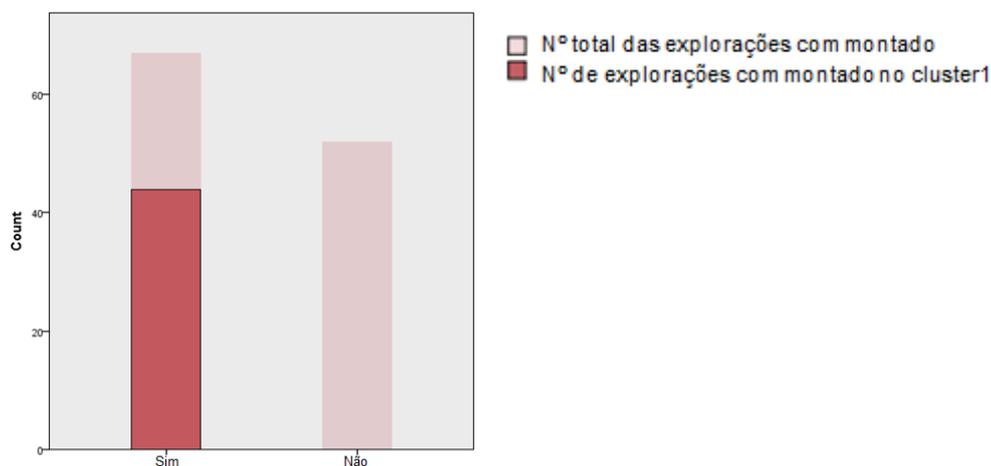


Figura 5.6 Variação da presença de montado nas explorações da amostra e do cluster1

Das 67 explorações inquiridas que possuem montado, 44 (66%) encontram-se neste cluster (Figura 5.6).

Na produção pecuária sobressai o gado bovino, 86% do total dos inquiridos no cluster, e o ovino, embora com menos expressão, concretamente 41% do total dos inquiridos no cluster (Quadro 5.2).

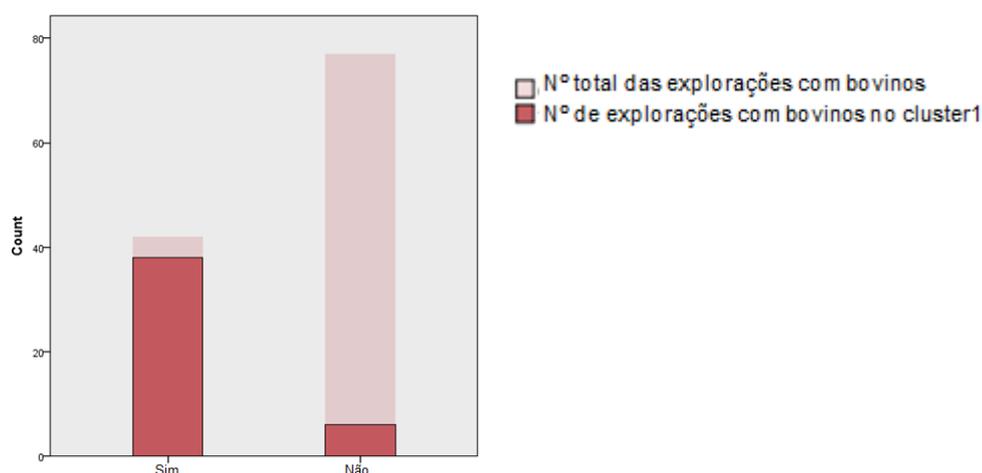


Figura 5.7 Variação da produção de bovinos na amostra e no cluster1

Do total das 42 explorações inquiridas que produzem bovinos, 38 (91%) encontram-se neste cluster (Figura 5.7).

O encabeçamento animal é menor ou igual a 0,6CN/ha em 71% dos casos e maior do que 0,6 e menor ou igual a 1,4CN/ha em 21% (Quadro 5.2). Dos chefes de exploração do presente cluster, 36% possui pelo menos uma raça cruzada de autóctone, 27% tem, pelo menos, uma raça autóctone e só 27% não possui qualquer raça autóctone (Quadro 5.2). A alimentação adquirida para o efetivo pecuário é reduzida (1-24%) em 36% dos casos, intermédia (25 a 90%) em 32% e nenhuma em 32% dos inquiridos (Quadro 5.2). Estes chefes de exploração caracterizam-se ainda por terem a respetiva produção orientada para o mercado (90% para venda). No que

respeita à orientação final da produção pecuária, podemos dizer que se trata de produtores comerciais em grande escala, isto é, em 98% vendem a totalidade da produção (ver Quadro 5.2).

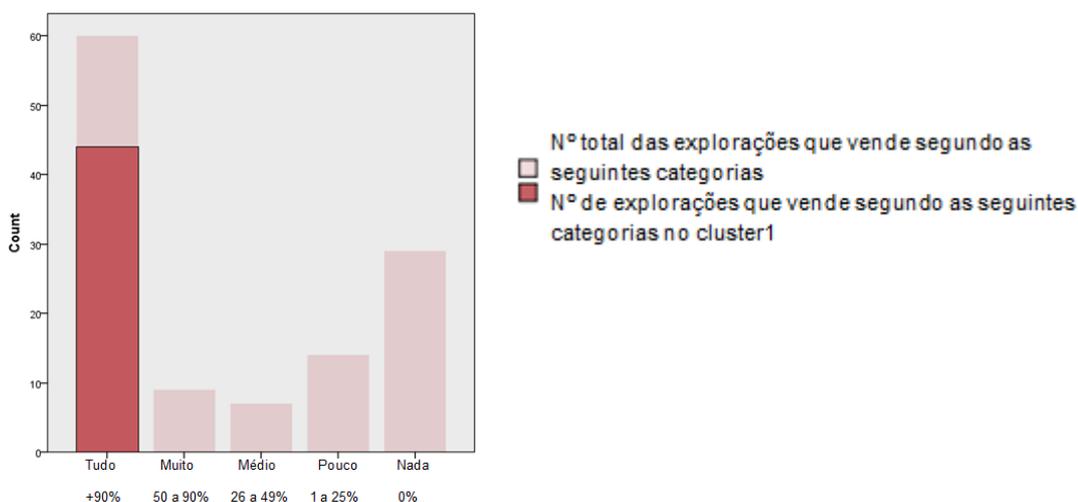


Figura 5.8 Variação da variável % do que é comercializado na amostra e no cluster1

De notar que do total das 60 explorações inquiridas e cuja produção está direccionada para o mercado, isto é, que vendem mais de 90% do total da produção, 44 (73%) encontram-se no cluster sob análise (ver Figura 5.8). Os principais produtos são a carne (64% do total das respostas) e a cortiça/madeira (21%) (Quadro 5.2).

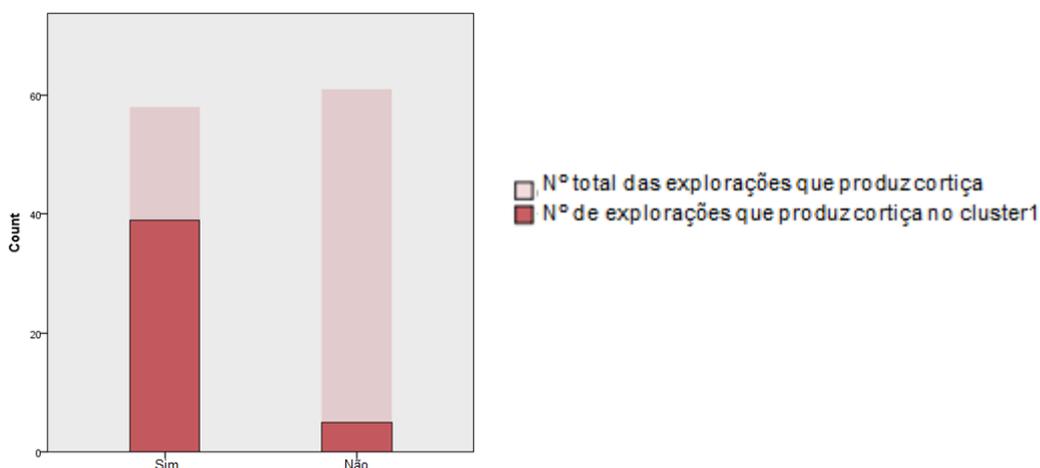


Figura 5.9 Variação da comercialização de cortiça na amostra e no cluster1

Do total das 58 explorações inquiridas que comercializam cortiça, 39 (67%) encontram-se neste cluster (Figura 5.9).

As mobilizações do solo são maioritariamente (59%), mobilização intermédia (escarificador e grade de discos) (Quadro 5.2). Dos 44 chefes de exploração em análise neste cluster, 59% mencionou que o facto de ter diminuído, ou não, as mobilizações está relacionado com outros motivos que não os ambientais. Foram apenas 16% os que referiram motivos ambientais para a diminuição, ou não, desta

prática agrícola (Quadro 5.2). A adubação, em 41% dos casos é química e orgânica, e em 30% só química (Quadro 5.2). Do total dos inquiridos, 59% possuem explorações em sistemas produtivos de sequeiro e 36% possuem sistemas de rega (aspersão, micro-aspersão, gota-a-gota ou pivôt) (Quadro 5.2).

Para além do mencionado, importa ainda referir que a maioria dos inquiridos (68%) privilegia o escoamento da produção tendo em conta a maximização do lucro (Quadro 5.2), embora dependam de subsídios de políticas públicas. Concretamente, 43% dos inquiridos disse que o rendimento dos subsídios representava entre 50% a 74% do rendimento total da exploração e para 25% este valor representa 25% a 49% do mesmo (Quadro 5.2). Dos subsídios que recebem dominam os do Pilar I da PAC, 98% estão abrangidos pelo Regime de Pagamento Único (RPU) e 93% por ajudas à produção (Quadro 5.2). No que se refere aos subsídios do Pilar II, as medidas agro-ambientais surgem com menor significado, 43% dos inquiridos disseram receber este tipo de ajudas (Quadro 5.2).

Relativamente ao associativismo, 57% afirmou pertencer a uma associação e cerca de um terço (30%) a duas ou mais (Quadro 5.2). Simultaneamente, mais de um terço (39%) disse existir pelo menos uma pessoa a gerir outra atividade na exploração e 39% disse existirem pelo menos duas. Estas atividades são, regra geral, a caça e/ou apicultura. Só 23% dos inquiridos mencionou não existir na respetiva exploração qualquer atividade promovida por outra pessoa (Quadro 5.2).

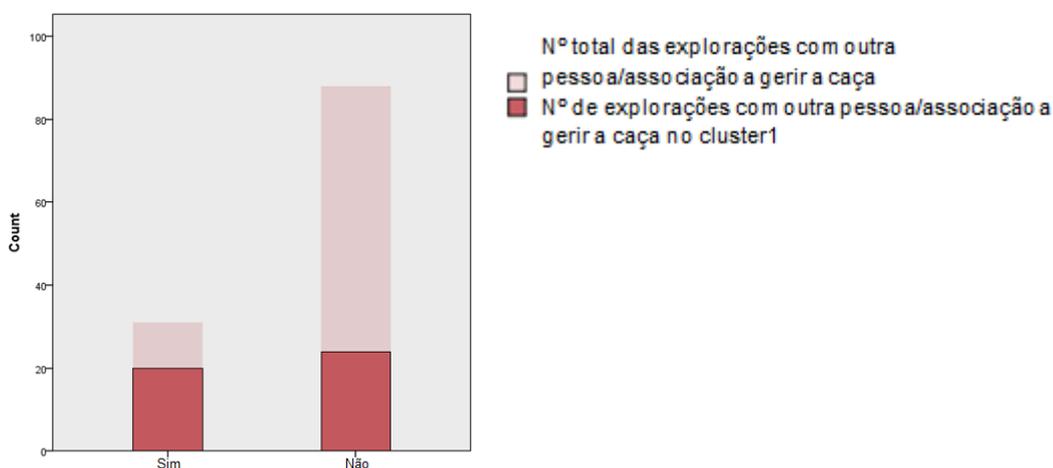


Figura 5.10 Variação da presença de outra pessoa/associação a gerir a caça na amostra e no cluster1

De notar que no total das 31 explorações que possuem outra pessoa/associação a gerir caça na respetiva unidade produtiva, 20 (65%) encontram-se neste cluster (Figura 5.10).

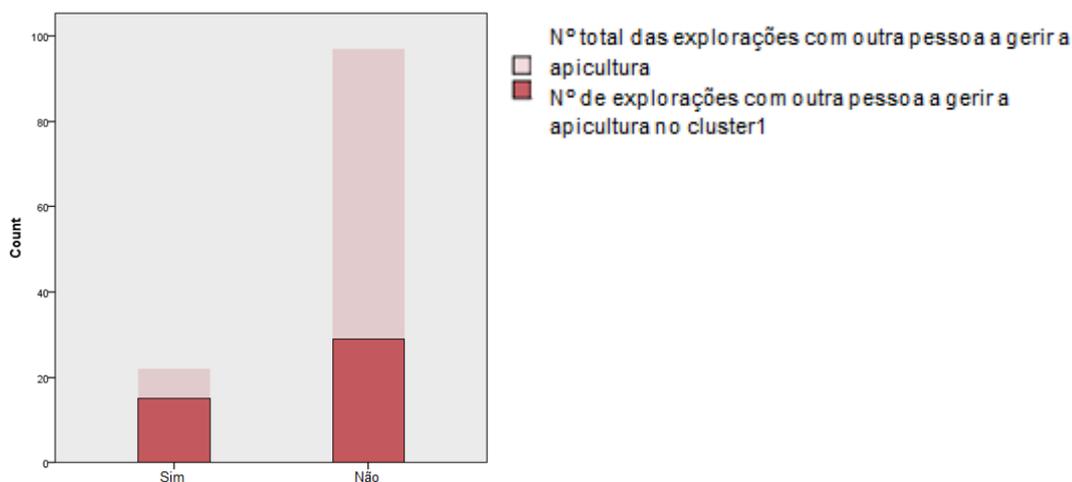


Figura 5.11 Variação da presença de outra pessoa a gerir apicultura na amostra e no cluster1

Do total das 22 explorações inquiridas onde existe outra pessoa a praticar apicultura, 15 (68%) encontram-se neste cluster (Figura 5.11).

Em termos de produções especiais, concretamente a biológica certificada, biológica não certificada ou integrada, apenas 43% disse praticar uma delas (Quadro 5.4). Dos que a praticam, 30% diz fazê-la por motivos económicos, 14% por motivos ambientais e 9% pela qualidade dos produtos (Quadro 5.2).

#### Atitudes dos chefes de exploração

Quando se questionou os chefes de exploração deste grupo sobre os cenários que gostariam de ver concretizados na agricultura, 41% referiu a extensificação desta, já 21% preferiu a intensificação e só 11% se reconhece na aposta na conservação da natureza (Quadro 5.3). Relativamente à justificação da escolha de cada um destes cenários, 48% disse ser por motivos económicos e 32% por motivos ambientais ou biofísicos (Quadro 5.3).

Questionou-se os chefes de exploração “Empresário Agrícola” sobre as características que consideravam fundamentais para uma exploração ter sucesso no concelho. Dos 44 inquiridos em análise, um terço (30%) mencionou a aposta em produtos de qualidade, 21% a diversificação agrícola, 16% a introdução de novas tecnologias e 16% a aposta na produção intensiva (Quadro 5.3).

Relativamente à importância dos subsídios das políticas públicas, os chefes de exploração em análise neste cluster consideram-nos essenciais para a atividade agrícola, nas condições atuais. Concretamente, 50% concordou completamente com esta afirmação e 25% disse concordar (Quadro 5.3). Este cenário ajuda a compreender a resposta à seguinte questão: “O fim dos subsídios conduz ao

abandono das terras” com efeito; 39% concordou e 32% disse concordar completamente (Quadro 5.3).

Relativamente à afirmação “Investir noutras atividades, além da agricultura, permite aumentar o rendimento da exploração” 43% dos inquiridos concordou e 36% concordou completamente (Quadro 5.3). No entanto, a agricultura possui, para estes, o papel central nas áreas rurais (96%). Sobre o crescente interesse e fixação de pessoas de fora no concelho, dos 44 chefes de exploração, a maioria concordou (66%) ou concordou completamente (21%) (Quadro 5.3).

No que diz respeito à interação com outros intervenientes, a maioria (64%) concordou que ao relacionar-se com pessoas diferentes poderá solucionar melhor os problemas da exploração (Quadro 5.3). Da mesma forma, 46% dos inquiridos mencionou discordar que as decisões mais importantes na exploração devam ser tomadas sem consultar ninguém (Quadro 5.3). Em concordância com o referido anteriormente, 48% concordou completamente que o associativismo seja essencial para a agricultura. Relativamente à afirmação “O estado ou outra entidade pública não deve ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração”, a maioria (50%) dos inquiridos discordou, no entanto, cerca de um quarto (21%) concordou com a afirmação (Quadro 5.3).

Sobre a comercialização dos produtos, 43% dos 44 casos em análise, concordou que estes devam ser vendidos o mais perto possível do local de produção, e 25% discordou de tal afirmação (Quadro 5.3). Do mesmo modo, 62% dos inquiridos não estão de acordo que os produtos devam ser vendidos maioritariamente para grandes superfícies (Quadro 5.3).

Relativamente à qualidade do solo, 84% dos inquiridos não concordou que esta não afecte a gestão que se faz nela. (Quadro 5.3). Em relação à utilização de produtos químicos, 39% concordou que estes pioram a qualidade da terra, em oposição aos 23% que discordaram que estes possam ter impactos negativos no solo (Quadro 5.3). Já a possibilidade de aumentar, ou não, a área irrigada está em 86% das situações relacionada com outros motivos que não os ambientais (Quadro 5.3).

Quadro 5.4 Seleção de variáveis mais significativas relativas a características sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas do cluster2 (n=48)

Variáveis	Respostas (>=10%)								Importância e tipo de variável
Área da exploração	<5ha	45,8%	>=5-50ha	39,6%	>=50ha	14,6%			0,66 Descritiva
Objetivo da exploração	Agrícola e residencial	60,4%	Agrícola	35,4%					0,34 Descritiva
Mão-de-obra da exploração	Familiar	87,5%							0,31 Descritiva
Escolaridade do chefe de exploração	Básico	39,6%	Primária	20,8%	Secundário	18,8%	Sem escolaridade	12,5%	0,27 Descritiva
Rendimento familiar depende:	De fora da exploração	66,7%	Da exploração e de fora (50/50)	18,8%	Da exploração	14,6%			0,26 Descritiva
Profissão do chefe de exploração?	Produtor agrícola/pecuário/florestal	31,3%	Outras profissões	27,1%	Reformados da agricultura	25%	Reformados de outras profissões	14,6%	0,19 Descritiva
Concelho em que passou a infância?	Montemor-o-Novo	86,3%							0,1 Descritiva
Idade do chefe de exploração?	>65 anos	47,9%	55-64 anos	29,2%	45-54 anos	18,8%			0,10 Descritiva
Concelho de residência do chefe de exploração?	Montemor-o-Novo	89,6%							0,05 Descritiva
Género do chefe de exploração?	Masculino	83,3%							0,03 Descritiva

Cluster2 (n=48)

Quadro 5.5 Seleção de variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster2 (n=48)

Variáveis	Respostas (>=10%)										Importância e tipo de variável
A sua exploração está dentro da seguinte classe de encabeçamento:	<=0,6CN/ha	39,6%	>0,6 e <=1,4CN/ha	33,3%	>1,4e <2,8CN/ha	18,3%					1 Discriminante
Tipo de comercialização pecuária	Comercial pequena escala (10-50 ovelhas/cabras ou 20-50 aves ou 3-10 porcos ou 3-10 vacas)	47,9%	Comercial grande escala (>50 ovelhas/cabras ou >50 aves ou >10 porcos ou > 10 vacas)	33,3%	Produção familiar (<10 ovelhas/cabras e <20 aves e <3 porcos e <3 vacas)	18,8%					0,95 Discriminante
Produz bovinos?	Não	91,7%									0,76 Discriminante
Tem horta familiar e/ou árvores de fruto dispersas?	Sim	91,7%									0,72 Discriminante
Daquilo que produz quanto é vendido?	Pouco (1-25%)	27,1%	Nada (0%)	27,1%	Tudo (+90%)	16,7%	Muito (50- 90%)	14,6%	Médio (26- 49%)	14,6%	0,69 Descritiva
Produz ovinos?	Sim	95,8%									0,61 Discriminante
Recebe RPU?	Não	60,4%	Sim	39,6%							0,55 Descritiva
Tem montado?	Não	64,6%	Sim	35,4%							0,52 Discriminante
Faz produção de gado?	Sim	100%									0,51 Discriminante

Quadro 5.5 Seleção de variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster2 (n=48) (continuação)

Tem raças autóctones ou cruzadas de autóctones?	Não possui raças autóctones	39,6%	Possuí pelo menos uma raça autóctone	33,3%	Possuí pelo menos uma raça cruzada de autóctone	18,8%			0,51 Discriminante
Recebe ajudas à produção?	Não	52,1%	Sim	47,9%					0,49 Descritiva
Que % de alimentação para pecuária que é comprada?	Pouco (1 a 24%)	45,8%	Nada (0%)	29,2%	Intermédio (25 a 90%)	22,9%			0,42 Discriminante
Qual o peso aproximado dos subsídios no rendimento total da exploração?	Sem subsídios	43,8%	Reduzido (<25%)	25%	Médio (50-74%)	20,8%	Médio reduzido (25-49%)	10,4%	0,38 Descritiva
Qual a sua principal produção?	Carne	54,2%	Hortícolas/fruta	37,5%					0,34 Descritiva
Escoa os produtos dessa forma para obter maior lucro?	Não	79,2%	Sim	20,8%					0,3 Descritiva
Recebe Medidas Agro-Ambientais?	Não	91,7%							0,22 Descritiva
Colabora com quantas associações de carácter facultativo?	Nenhuma	52,1%	Uma	27,1%	Duas ou mais	20,8%			0,22 Descritiva
Quantas atividades existem na exploração promovidas pro outros?	Nenhuma	66,7%	Uma	16,7%	Duas ou mais	16,7%			0,20 Descritiva
Faz produção especial por motivos económicos?	Não	89,6%	Sim	10,4%					0,1 Descritiva

Quadro 5.5 Seleção de variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster2 (n=48) (continuação)

Mecanização (como mobiliza a terra?)	Mobilização intermédia (escarificador +grade)	43,8%	Mobilização intensiva (escarificador+grade+charrua)	37,5%	Mobilização reduzida (sementeira direta ou escarificador)	14,6%		0,14 Descritiva
Como aduba a terra?	Química e orgânica	75%	Apenas orgânica	14,6%				0,11 Descritiva
Tecnologia de irrigação	Sistemas de rega (aspersão, micro-aspersão, gota-a-gota, pivot)	62,5%	Sequeiro	25%	Sulcos tradicionais	12,5%		0,10 Descritiva
Porque tem vindo ou não a reduzir as mobilizações na terra?	Outros motivos não ambientais	83,3%	Ambientais	12,5%				0,07 Descritiva
Faz produção especial por motivos ambientais?	Não	87,5%	Sim	12,5%				0,04 Descritiva
Faz produção especial pela qualidade dos produtos?	Não	75%	Sim	25%				0,04 Descritiva
Não faz nenhum tipo de produção especial?	Não faz produção especial	60,4%	Faz produção especial	39,6%				0,03 Descritiva

Quadro 5.6 Seleção de variáveis mais significativas relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster2 (n=48)

Variáveis	Respostas (>=10%)								Importância e tipo de variável
Quais os cenários futuros que gostaria de ver para o concelho?	Intensificação da agricultura/aumento das áreas de regadio	54,2%	Extensificação da agricultura/pastoreio extensivo	22,9%					0,09 Descritiva
Gostaria de ver esses cenários por motivos ambientais ou biofísicos?	Não	77,1%	Sim	22,9%					0,08 Descritiva
Os subsídios, nas condições atuais, são essenciais para a atividade agrícola.	Concordo	39,6%	Discordo	20,8%	Concordo completamente	18,8%	Discordo totalmente	16,7%	0,08 Descritiva
Gostaria de ver esses cenários por motivos económicos?	Não	68,8%	Sim	31,3%					0,07 Descritiva
As decisões mais importantes na exploração são tomadas sem consultar ninguém.	Discordo	43,8%	Concordo completamente	22,9%	Concordo	22,9%	Discordo totalmente	10,4%	0,07 Descritiva
Investir noutras atividades além da agricultura permite aumentar o rendimento da exploração.	Concordo	43,8%	Não concordo, nem discordo	20,8%	Concordo completamente	16,7%	Discordo	16,7%	0,05 Descritiva
Os produtos devem ser vendidos o mais perto possível do local de produção.	Concordo	54,2%	Concordo completamente	25%	Discordo	18,8%			0,04 Descritiva
Os produtos vindos de outras partes do mundo são positivos para a agricultura local.	Discordo totalmente	43,8%	Discordo	35,4%	Não concordo, nem discordo	10,4%			0,04 Descritiva

Quadro 5.6 Seleção de variáveis mais significativas relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster2 (n=48) (continuação)

Relacionar-me com pessoas diferentes permite aumentar o rendimento da exploração.	Concordo	58,3%	Concordo completamente	29,2%					0,04 Descritiva
Quais as características fundamentais para uma exploração de sucesso no concelho:	Diversificação agrícola	31,3%	Aposta em produtos de qualidade	20,8%	Aposta na produção intensiva	18,8%	Aposta na produção biológica	12,5%	0,03 Descritiva
O estado ou outra entidade pública não devem ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.	Discordo	43,8%	Concordo	37,5%	Concordo completamente	12,5%			0,03 Descritiva
O crescente interesse e fixação de pessoas de fora nesta área é positivo.	Concordo	50%	Concordo completamente	16,7%	Discordo	16,7%	Não concordo, nem discordo	12,5%	0,03 Descritiva
O associativismo é essencial para a agricultura.	Concordo completamente	52,1%	Concordo	39,6%					0,03 Descritiva
A agricultura tem um papel central nas áreas rurais.	Concordo completamente	75%	Concordo	25%					0,02 Descritiva
A qualidade da terra não afeta a gestão que se faz nela.	Discordo	39,6%	Discordo totalmente	33,3%	Concordo	18,8%			0,02 Descritiva
Porque aumentaria ou não a área irrigada?	Outros motivos não ambientais	93,8%							0,02 Descritiva
A utilização de produtos químicos piora a qualidade da terra.	Concordo	33,3%	Concordo completamente	31,3%	Discordo	18,8%	Não concordo, nem discordo	12,5%	0,01 Descritiva
O fim dos subsídios conduz ao abandono das terras.	Concordo	37,5%	Concordo completamente	31,3%	Discordo	14,6%	Não concordo, nem discordo	10,4%	0,08 Descritiva

**Cluster 2 → Tipo de chefe de exploração 2 → Agricultor Tradicional (n=48)**

Caraterísticas sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas

O tipo de chefe de exploração “Agricultor Tradicional” gere unidades produtivas agrícolas de pequena e média dimensão física. Das 48 unidades englobadas neste grupo, 46% possuem área de SAU menor do que 5ha e 40% apresentam área de SAU entre 5 e 50ha (Quadro 5.4). As suas explorações têm objetivos agrícola e residencial (entenda-se agrícola como inclusivo da produção pecuária e florestal), em 60% dos casos e, exclusivamente agrícola em 35% (Quadro 5.4). Ao contrário do tipo “Empresário agrícola”, em 88% dos 48 casos, a mão-de-obra que trabalha na exploração é familiar (Quadro 5.4), o que vai de acordo ao descrito no caso de estudo (Figura 3.11).

É de notar que 86% dos chefes de exploração incluídos neste grupo passaram a infância em Montemor-o-Novo e, no momento de realização do inquérito, 90% residia no mesmo concelho (Quadro 5.4). São, maioritariamente (83%) do sexo masculino (Quadro 5.4) e, na sua maioria com idade igual ou superior a 65 anos. Concretamente, 48% têm 65 ou mais anos, 29% têm idades entre os 55 e os 64 anos e 19% possui entre os 45 e os 54 anos (Quadro 5.4), o que vai de acordo ao apresentado no Quadro 3.15 da caraterização do caso-de-estudo. Apresentam graus de escolaridade mais baixos comparativamente ao tipo “Empresário agrícola”. Mais concretamente, dos 48 chefes de exploração, 40% possui ensino básico, 21% apresenta ensino primário, 19% o ensino secundário e 13% não possui escolaridade (Quadro 5.4).

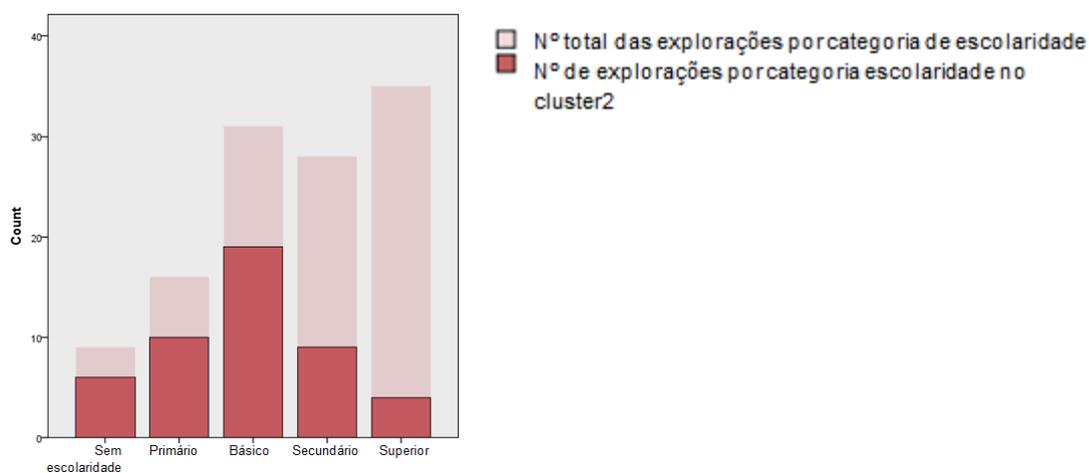


Figura 5.12 Variação do grau de escolaridade na amostra e no cluster2

Relativamente ao grau de escolaridade, dos chefes de exploração inquiridos na amostra, 67% dos que não têm escolaridade, 63% dos que têm ensino primário e 62% dos que possuem o ensino básico encontram-se neste cluster (Figura 5.12).

Dos chefes de exploração deste grupo, 31% exerce atividade profissional relacionada com a agricultura/pecuária/produção florestal, 27% trabalha noutras profissões, 25% são reformados da agricultura e 15% reformados de outras profissões (Quadro 5.4). De salientar é também que a maioria (67%) apresenta rendimento familiar originado fora da exploração, o que está relacionado com atividades profissionais secundárias e pensões de reforma (Quadro 5.4).

### Comportamentos técnico-económicos agrícolas

Os chefes de exploração do tipo “Agricultor Tradicional” caracterizam-se, sobretudo, por serem produtores de gado (100%) e, na sua maioria (92%), possuem horta familiar e/ou árvores de fruto dispersas (Quadro 5.5). Ao contrário do tipo “Empresário agrícola”, neste, apenas 35% tem montado e 98% não possui bovinos (Quadro 5.5). Nas unidades produtivas do presente cluster, relativamente à produção pecuária, domina o gado ovino (96%) (Quadro 5.5), de acordo com o descrito na Figura 3.7 do caso de estudo.

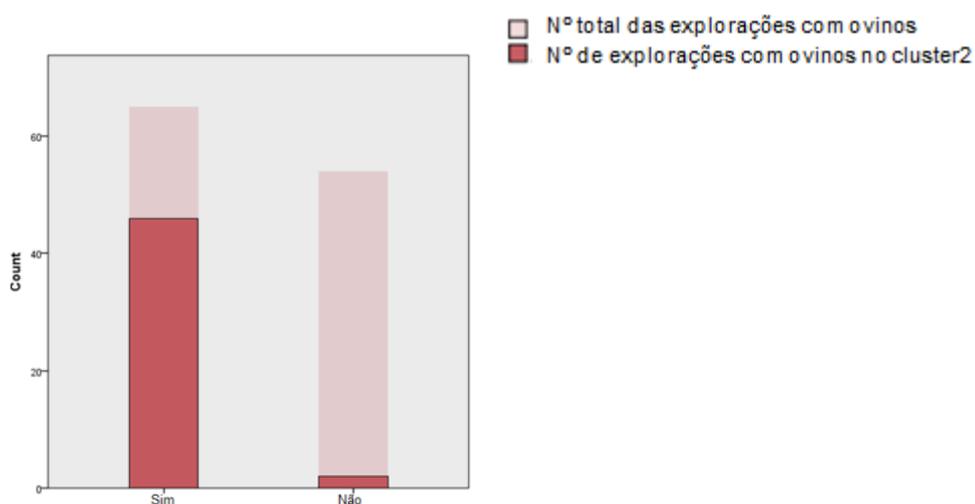


Figura 5.13 Variação da produção de ovinos na amostra e no cluster2

Do total das 65 explorações inquiridas que produzem ovinos, 46 (71%) encontram-se neste cluster (Figura 5.13).

O encabeçamento animal é menor do que 0,6CN/ha em 40% das explorações, entre 0,6 e 1,4CN/ha em 33% e entre 1,4 e 2,8CN/ha em 18%, apresentando encabeçamentos superiores comparativamente ao grupo anterior (Quadro 5.5).

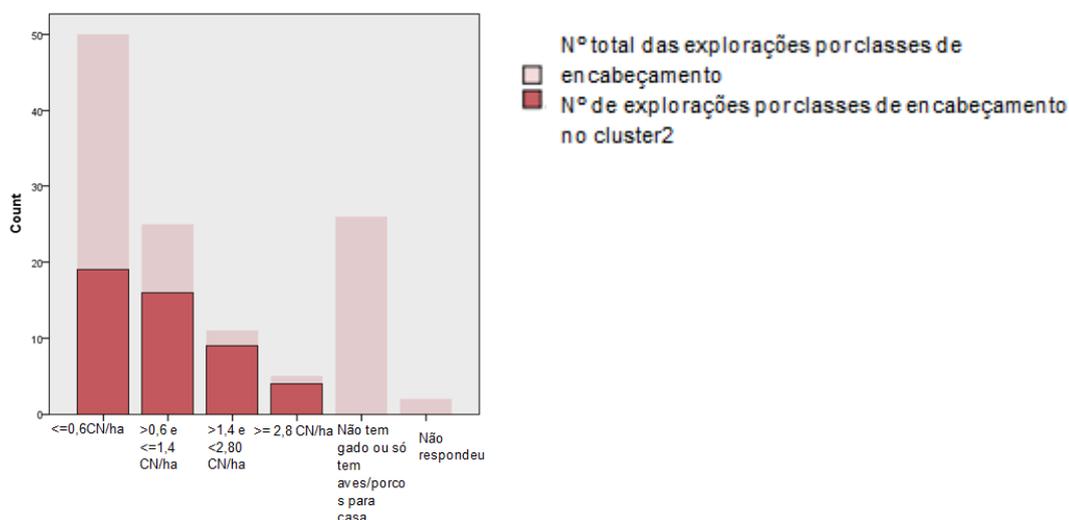


Figura 5.14 Variação das classes de encabeçamento na amostra e no cluster2

Relativamente às classes de encabeçamento, 64% das explorações agrícolas com encabeçamento entre 0,6 e 1,4CN/ha, 82% das que têm entre 1,4 e 2,8CN/ha e 80% das que têm mais de 2,8CN/ha encontram-se neste cluster (Figura 5.14). Sendo este o grupo que apresenta valores mais elevados de encabeçamento animal.

Destes últimos, 40% não possui raças autóctones, 33% pelo menos uma raça autóctone e 19% possui pelo menos uma raça cruzada de autóctone (Quadro 5.5). A alimentação adquirida para a alimentação do efetivo pecuário é reduzida (1 a 24%) em 46% dos casos, nenhuma em 29% e intermédia (25 a 90%) em 23% (Quadro 5.5). No que respeita à orientação da produção pecuária, podemos dizer que se tratam de produtores de pequena escala em 48% dos casos, produtores de grande escala em 33% dos casos e produtores orientados para o consumo familiar em 19% (Quadro 5.5). Os principais produtos vendidos são a carne (54%) e os hortícolas/fruta (38%) (Quadro 5.5).

As mobilizações no solo são, maioritariamente (44%), mobilização intermédia (escarificador e grade de discos) ou, em mais de um terço dos inquiridos (38%), mobilização intensiva (grade de discos, escarificador e charrua) (Quadro 5.5). Dos 48 chefes de exploração em análise neste cluster, 83% mencionou que o facto de ter diminuído, ou não, as mobilizações está relacionado com outros motivos que não os ambientais (Quadro 5.5). A adubação é sobretudo (75%) química e orgânica (Quadro 5.5). Os sistemas de rega (aspersão, micro-aspersão, gota-a-gota ou pivôt) estão presentes em 62% das explorações e 25% estão em sistema produtivos de sequeiro (Quadro 5.5).

Ao contrário do cluster “Empresário Agrícola”, o “Agricultor Tradicional” não escoar os seus produtos tende em conta a maximização do lucro (79% das respostas) (Quadro 5.5).

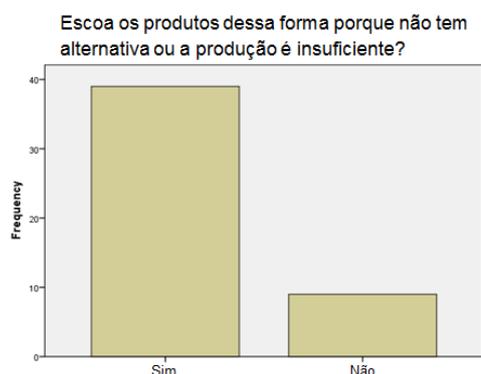


Figura 5.15 Análise de frequências da questão “Escoa os produtos dessa forma porque não tem alternativa ou a produção é insuficiente?”, no cluster2

A explicação está no facto de estes chefes de exploração não terem produção suficiente para procurar formas alternativas de escoar o produto (81% das respostas) (Figura 5.15). No que se refere aos subsídios das políticas públicas, 44% dos 48 chefes de exploração em análise neste cluster, afirmaram não os receber (Quadro 5.5). No entanto, dos chefes de exploração que os recebem, 25% afirmou que estes representavam menos de 25% do rendimento total da exploração, e, para outros 25% os subsídios representam entre 50 a 74% do rendimento (Quadro 5.5). Dos subsídios que recebem dominam os do Pilar I da PAC, à semelhança do cluster anterior, 40% estão abrangidos pelo Regime de Pagamento Único (RPU) e 48% por ajudas à produção (Quadro 5.5). No que se refere aos subsídios do Pilar II, estes são insignificantes neste grupo, sendo 92% dos 48 chefes de exploração a não usufruírem de Medidas Agro-Ambientais (Quadro 5.5).

Relativamente ao associativismo, 52% dos inquiridos mencionaram não pertencer a nenhuma associação, 27% afirmou pertencer a uma associação e 21% a duas ou mais (Quadro 5.5). Ao contrário dos “Empresários agrícolas”, 68% disse não haver outras pessoas a gerir atividades na exploração, apenas, 17% disse haver uma pessoa e 17% duas ou mais (Quadro 5.5). Em termos de produções especiais, concretamente a biológica certificada, biológica não certificada ou integrada, apenas 40% disse praticar uma delas (Quadro 5.5).

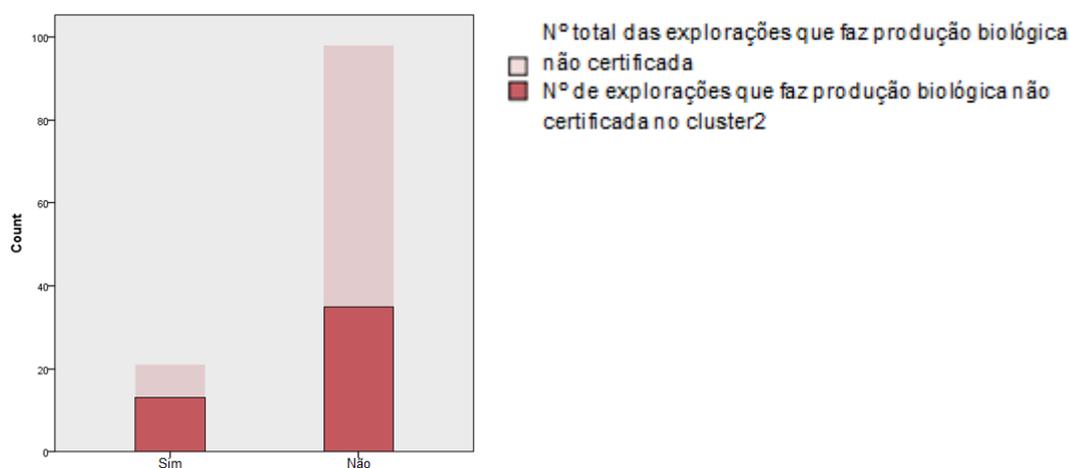


Figura 5.16 Variação das explorações com produção biológica não certificada na amostra e no cluster2

De notar que do total das 37 explorações que fazem produção biológica não certificada na amostra, 29 (78%) encontram-se neste cluster (Figura 5.16). Dos chefes de exploração que a praticam, 25% diz fazê-la pela qualidade dos produtos, 13% por motivos ambientais e 10% por motivos económicos (Quadro 5.5). Durante a realização dos inquéritos por questionário era frequente os chefes de exploração referirem que não colocavam produtos químicos nas suas hortas e árvores de fruto, uma vez estas eram utilizadas para a sua alimentação.

#### Atitudes dos chefes de exploração

Quando se questionou os chefes de exploração deste tipo sobre os cenários que gostariam de ver concretizados para a agricultura, 54% referiu a intensificação desta, 23% preferiu a extensificação (Quadro 5.6). Relativamente à justificação da escolha de cada um destes cenários, 31% disse ser por motivos económicos e 23% por motivos ambientais ou biofísicos (Quadro 5.6).

Questionou-se os chefes de exploração “Agricultor Tradicional” sobre as características que consideravam fundamentais para uma exploração ter sucesso no concelho, dos 48 inquiridos em análise, cerca de um terço (31%) mencionou a diversificação agrícola, 21% aposta em produtos de qualidade, 19% na aposta na produção intensiva e 13% introdução de novas tecnologias (Quadro 5.6).

Em concordância com o tipo “Empresário agrícola”, relativamente à importância dos subsídios das políticas públicas, os chefes de exploração em análise neste cluster consideram-nos essenciais para a atividade agrícola, nas condições atuais. Concretamente, 40% concordou com esta afirmação, no entanto, 21% disse discordar (Quadro 5.6). Este cenário ajuda a compreender a resposta à seguinte questão: “O fim dos subsídios conduz ao abandono das terras” com efeito, 38% concordou e 31% disse concordar completamente (Quadro 5.6).

Relativamente à afirmação “Investir noutras atividades além da agricultura permite aumentar o rendimento da exploração”, 44% concordou e 21% disse não concordar nem discordar (Quadro 5.6). No entanto, a atividade agricultura possui, para estes, o papel central nas áreas rurais (100%). Sobre o crescente interesse e fixação de pessoas de fora no concelho, dos 48 chefes de exploração, a maioria concordou (50%) (Quadro 5.6).

No que diz respeito à interação com outros intervenientes, a maioria (58%) concordou que ao relacionar-se com pessoas diferentes poderá solucionar melhor os problemas na exploração (Quadro 5.6). Da mesma forma, 44% dos inquiridos mencionou discordar que as decisões mais importantes na exploração devam ser tomadas sem consultar ninguém (Quadro 5.6). Em concordância com o referido anteriormente, 52% concorda completamente que o associativismo seja essencial para a agricultura. Relativamente à afirmação “O estado ou outra entidade pública não deve ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração”, as opiniões dos chefes de exploração encontram-se divididas, 44% dos inquiridos discordou, no entanto, 38% concordou com a afirmação (Quadro 5.6).

Sobre a comercialização dos produtos, 79% dos 48 casos em análise concordaram ou concordaram completamente que estes devam ser vendidos o mais perto possível do local de produção (Quadro 5.6). Do mesmo modo, 79% dos inquiridos não estão de acordo que os produtos devam ser vendidos maioritariamente para grandes superfícies (Quadro 5.6).

Relativamente à qualidade do solo, 73% dos inquiridos não concorda que esta não afecte a gestão que se faz nela. (Quadro 5.6). Em relação à utilização de produtos químicos, a maioria (64%) concordou que estes pioram a qualidade do solo (Quadro 5.6). Já a possibilidade de aumentar, ou não, a área irrigada está em 94% das situações relacionada com outros motivos que não os ambientais (Quadro 5.6).

Quadro 5.7 Seleção de variáveis mais significativas relativas a características sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas do cluster3 (n=27)

Variáveis	Respostas (>=10%)										Importância e tipo de variável
Área da exploração	<5ha	66,7%	>=5-50ha	22,2%	>=50ha	11,1%					0,66 Descritiva
Objetivo da exploração	Agrícola e residencial	40,7%	Agrícola	29,6%	Residencial	25,9%					0,34 Descritiva
Mão-de-obra da exploração	Familiar	70,4%	Não familiar	22,2%							0,31 Descritiva
Escolaridade do chefe de exploração	Secundário	29,6%	Básico	25,9%	Primária	18,5%	Ensino universitário	14,8%	Sem escolaridade	11,1%	0,27 Descritiva
Rendimento familiar depende:	De fora da exploração	77,8%	Da exploração	14,8%							0,26 Descritiva
Profissão do chefe de exploração?	Reformado de outras profissões	40,7%	Produtor agrícola/pecuário/florestal	22,2%	Outras profissões	18,5%	Reformado da agricultura	14,8%			0,19 Descritiva
Concelho em que passou a infância?	Montemor-o-Novo	74,1%									0,1 Descritiva
Idade do chefe de exploração?	>65 anos	63%	55-64 anos	18,5%	25-34 anos	11,1%					0,10 Descritiva
Concelho de residência do chefe de exploração?	Montemor-o-Novo	85,2%									0,05 Descritiva
Género do chefe de exploração?	Masculino	85,2%									0,03 Descritiva

Cluster3 (n=27)

Quadro 5.8 Seleção das variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster3 (n=27)

Variáveis	Respostas (>=10%)						Importância e tipo de variável
A sua exploração está dentro da seguinte classe de encabeçamento:	Sem gado ou só aves/porcos para casa	96,3%					1 Discriminante
Tipo de comercialização pecuária	Não tem animais	55,6%	Produção familiar (<10 ovelhas/cabras e <20 aves e <3 porcos e <3 vacas)	22,2%	Comercial pequena escala (10-50 ovelhas/cabras ou 20-50 aves ou 3-10 porcos ou 3-10 vacas)	22,2%	0,95 Discriminante
Produz bovinos?	Não	100%					0,76 Discriminante
Tem horta familiar e/ou árvores de fruto dispersas?	Sim	66,7%	Não	33,3%			0,72 Discriminante
Daquilo que produz quanto é vendido?	Nada (0%)	59,3%	Tudo (+90%)	29,6%			0,69 Descritiva
Produz ovinos?	Não	96,3%					0,61 Discriminante
Recebe RPU?	Não	88,9%	Sim	11,1%			0,55 Descritiva
Tem montado?	Não	77,8%	Sim	22,2%			0,52 Discriminante
Faz produção de gado?	Não	51,9%	Não	48,1%			0,51 Discriminante
Tem raças autóctones ou cruzadas de autóctones?	Não possuí gado	51,9%	Não possuí raças autóctones	48,1%			0,51 Discriminante
Recebe ajudas à produção?	Não	92,6%					0,49 Descritiva
% de alimentação comprada para os animais?	Não possuí gado	51,9%	Pouco (1-24%)	37%	Intermédio (25 a 90%)	11,1%	0,42 Discriminante

Quadro 5.8 Seleção das variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster3 (n=27) (continuação)

Qual o peso aproximado dos subsídios no rendimento total da exploração?	Sem subsídios	85,2%							0,38 Descritiva
Qual a sua principal produção?	Hortícolas/fruta	66,7%							0,34 Descritiva
Escoa os produtos dessa forma para obter maior lucro?	Não	88,9%	Sim	11,1%					0,3 Descritiva
Recebe Medidas Agro-Ambientais	Não	96,3%							0,22 Descritiva
Colabora com quantas associações de carácter facultativo?	Nenhuma	74,1%	Uma	18,5%					0,22 Descritiva
Quantas atividades existem na exploração promovidas por outros?	Nenhuma	74,1%	Uma	22,2%					0,20 Descritiva
Faz produção especial por motivos económicos?	Não	96,3%							0,1 Descritiva
Mecanização (como mobiliza a terra?)	Mobilização intermédia (escarificador +grade)	29,6%	Mobilização intensiva (escarificador+grade+charrua)	29,6%	Outra	18,5%	Mobilização reduzida (sementeira direta ou escarificador)	14,8%	0,14 Descritiva
Como aduba a terra?	Química e orgânica	48,1%	Apenas orgânica	22,2%	Apenas química	14,8%	Não aduba	14,8%	0,11 Descritiva
Tecnologia de irrigação	Sistemas de rega (aspersão, micro-aspersão, gota-a-gota, pivot)	48,1%	Sequeiro	29,6%	Sulcos tradicionais	22,2%			0,10 Descritiva

Quadro 5.8 Seleção das variáveis mais significativas relativas a comportamentos técnico-económicos agrícolas dos chefes de exploração do cluster3 (n=27) (continuação)

Porque tem vindo ou não a reduzir as mobilizações na terra?	Outros motivos não ambientais	88,9%			0,07 Descritiva
Faz produção especial por motivos ambientais?	Não	100%			0,04 Descritiva
Faz produção especial pela qualidade dos produtos?	Não	77,8%	Sim	22,2%	0,04 Descritiva
Não faz nenhum tipo de produção especial?	Não faz produção especial	77,8%	Faz produção especial	22,2%	0,03 Descritiva

Quadro 5.9 Seleção de variáveis relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster3 (n=27)

Variáveis	Respostas (>=10%)							Importância e tipo de variável	
Quais os cenários futuros que gostaria de ver para o concelho?	Intensificação da agricultura/aumento das áreas de regadio	66,7%	Extensificação da agricultura/ pastoreio extensivo	11,1%				0,09 Descritiva	
Gostaria de ver esses cenários por motivos ambientais ou biofísicos?	Não	88,9%	Sim	11,1%				0,08 Descritiva	
Os subsídios, nas condições atuais, são essenciais para a agricultura.	Discordo	33,3%	Concordo	29,6%	Discordo totalmente	18,5%	Concordo completamente	11,1%	0,08 Descritiva
Gostaria de ver esses cenários por motivos económicos?	Sim	70,4%	Não	29,6%				0,07 Descritiva	
As decisões mais importantes na exploração são tomadas sem consultar ninguém.	Discordo	37%	Discordo totalmente	37%	Concordo	22,2%			0,07 Descritiva
Investir noutras atividades além da agricultura permite aumentar o rendimento da exploração.	Concordo	59,3%	Concordo completamente	18,5%	Não concordo, nem discordo	11,1%			0,05 Descritiva
Os produtos devem ser vendidos o mais perto possível do local de produção.	Concordo	48,1%	Concordo completamente	33,3%				0,04 Descritiva	
Os produtos vindos de outras partes do mundo são positivos para a agricultura local.	Discordo totalmente	63%	Discordo	29,6%				0,04 Descritiva	

Quadro 5.9 Seleção de variáveis relativas a atitudes dos chefes de exploração do cluster3 (n=27) (continuação)

Relacionar-me com pessoas diferentes permite solucionar melhor os problemas na exploração.	Concordo completamente	55,6%	Concordo	33,3%					0,04 Descritiva		
Quais as características fundamentais para uma exploração de sucesso no concelho:	Aposta na produção intensiva	18,5%	Diversificação agrícola	18,5%	Aposta em produtos de qualidade	18,5%	Introdução de novas tecnologias	14,8%	Aposta na produção biológica	14,8%	0,03 Descritiva
O estado ou outra entidade pública não devem ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.	Concordo	33,3%	Discordo	25,9%	Concordo completamente	14,8%	Não concordo, nem discordo	14,8%			0,03 Descritiva
O crescente interesse e fixação de pessoas de fora nesta área é positivo.	Concordo	55,6%	Concordo completamente	25,9%	Não concordo, nem discordo	11,1%					0,03 Descritiva
O associativismo é essencial para a agricultura.	Concordo	59,3%	Concordo completamente	37%							0,03 Descritiva
A agricultura tem um papel central nas áreas rurais.	Concordo completamente	63%	Concordo	29,6%							0,02 Descritiva
A qualidade da terra não afeta a gestão que se faz nela.	Discordo totalmente	48,1%	Discordo	40,7%							0,02 Descritiva
Porque aumentaria ou não a área irrigada?	Outros motivos não ambientais	92,6%									0,02 Descritiva
A utilização de produtos químicos piora a qualidade do solo.	Concordo	48,1%	Concordo completamente	25,9%	Não concordo, nem discordo	14,8%					0,01 Descritiva
O fim dos subsídios conduz ao abandono das terras.	Concordo	37%	Discordo	25,9%	Discordo completamente	18,5%	Concordo completamente	14,8%			0,08 Descritiva

**Cluster 3 → Tipo de chefe de exploração 3 → Agricultor Hobby (n=27)**

Caraterísticas sociodemográficas e económicas dos chefes de exploração e das respetivas unidades produtivas

O tipo de chefe de exploração, aqui designado por “Agricultor Hobby” gere, sobretudo, 67%, unidades produtivas agrícolas de pequena dimensão física. Das 27 unidades englobadas neste grupo, 67% possuem área de SAU menor do que 5ha (Quadro 5.7). Nas explorações deste grupo, a gestão dos recursos produtivos está orientada para objetivos agrícola e residencial (entenda-se agrícola como inclusivo da produção pecuária e florestal) (41%), só agrícola em um terço dos casos (30%) ou só residencial (26%) (Quadro 5.7). Em 70% dos 27 casos, a mão-de-obra que trabalha na exploração é familiar (Quadro 5.7), o que vai de acordo ao apresentado na descrição do caso de estudo (Figura 3.11).

Dos chefes de exploração incluídos neste grupo, 74% passou a infância em Montemor-o-Novo (Quadro 5.7). No momento de realização do inquérito, 85% residia no mesmo concelho (Quadro 5.7). São maioritariamente (85%) do sexo masculino e, na sua maioria (63%) têm idade igual ou superior e 65 anos (Quadro 5.7).

Quadro 5.10 Relação entre as variáveis “Mão-de-obra” e “Idade” para o cluster 3

	A mão-de-obra na exploração é maioritariamente:			Total
	Familiar	Não familiar	Ambas	
Idade				
25a34anos	2	0	1	3
45a54anos	1	1	0	2
55a64anos	3	2	0	5
>65anos	13	3	1	17
Total	19	6	2	27

Uma forma de justificar os 22% das 27 explorações deste cluster que possuem mão-de-obra não familiar é considerando a idade dos chefes de exploração. Como nos mostra o Quadro 5.10, três das explorações que apresentam este tipo de mão-de-obra pertencem a chefes de exploração com mais de 65 anos, pelo que poderão ser pessoas que pela sua idade necessitam de ajuda na manutenção das suas explorações.

Relativamente à escolaridade, um terço (30%) dos chefes de exploração em análise neste cluster possui o ensino secundário, 26% o ensino básico e 19% o primário. A maior parte (41%) destes chefes de exploração encontram-se reformados de outras profissões não ligadas à agricultura (Quadro 5.7).

Quadro 5.11 Relação das variáveis “Principal atividade profissional” e “Rendimento familiar”

	O seu rendimento familiar depende essencialmente:			Total	
	Da atividade agrícola na exploração	De fora da exploração	Da exploração e de fora (50/50)		
Qual a sua principal atividade profissional?	Agricultura/Pecuária/ Produção florestal	4	1	1	6
	Prestação de serviços ligados à agricultura	0	1	0	1
	Reformado-agricultura	0	4	0	4
	Reformado-outras profissões	0	11	0	11
	Outras profissões	0	4	1	5
	Total	4	21	2	27

De salientar também que 78% dos 27 chefes de exploração possuem rendimento familiar originado fora da exploração, o que está relacionado com as pensões de reforma (Quadro 5.11).

#### Comportamentos técnico-económicos agrícolas

Os chefes de exploração do tipo “Agricultor Hobby” caracterizam-se, sobretudo, por não possuir animais ou só ter aves/porcos para casa (96%) e por ter horta familiar (67%) (Quadro 5.8). Concretamente, 100% dos inquiridos não possui bovinos e 96% não possui ovinos (Quadro 5.8). Nas unidades produtivas geridas por este tipo de chefe de exploração, apenas 22% têm montado (Quadro 5.8). Contabilizando a produção de aves e porcos para consumo caseiro, 48% dos 27 chefes de exploração possui animais, no entanto em nenhum dos casos foi referida a presença de raças autóctones (Quadro 5.8). No que respeita à orientação final da produção pecuária, podemos dizer que se trata de produtores de pequena escala (22%) e produtores familiares (22%) (Quadro 5.8). Os principais produtos produzidos são os hortícolas (67%) (Quadro 5.8).

Relativamente às mobilizações do solo, um terço (30%) dos chefes de exploração opta por fazer mobilização intermédia (escarificador e grade de discos) e outro terço (30%) mobilização intensiva (escarificador, grade de discos e charrua) (Quadro 5.8). A adubação, em 48% dos casos é química e orgânica, e em 22% apenas orgânica (Quadro 5.8). Os sistemas de rega (aspersão, micro-aspersão, gota-

a-gota ou pivôt) estão presentes em 48% das explorações e 30% destas estão em sistemas produtivos de sequeiro (Quadro 5.8).

Assim como os chefes de exploração do tipo “Agricultor tradicional”, o tipo “Agricultor Hobby” não escoam os seus produtos tendo em conta a maximização do lucro (89% das respostas) (Quadro 5.8).



Figura 5.17 Análise de frequências da questão “Escoa os produtos dessa forma porque não tem alternativa ou a produção é insuficiente?”, no cluster3

Do mesmo modo que no cluster anterior, a explicação está no facto de, os chefes de exploração em análise neste cluster, não terem alternativa ou a produção ser insuficiente (85% de respostas) (Figura 5.17).

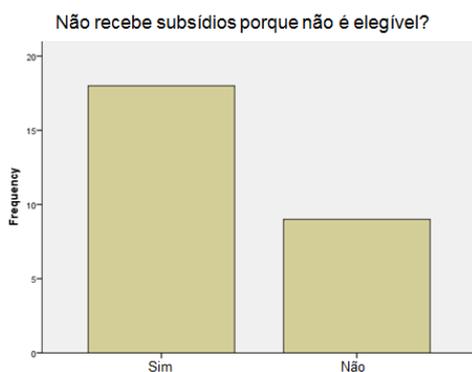


Figura 5.18 Análise de frequências da questão “Não recebe subsídios porque não é elegível?” para o cluster3

Relativamente aos subsídios das políticas públicas, os chefes de exploração “Agricultor Hobby” não possuem subsídios (85%), uma vez que, a maioria (67%) não é elegível (Figura 5.18).

Relativamente ao associativismo, 74% mencionou não pertencer a nenhuma associação (Quadro 5.8). Ao contrário dos “Empresários agrícolas” e do mesmo modo que o “Agricultor tradicional” 74% disse não haver outras pessoas a gerir atividades na

exploração (Quadro 5.8). Em termos de produções especiais, concretamente, a biológica certificada, biológica não certificada ou integrada, apenas 22% disse praticar uma delas, sendo o motivo a qualidade dos produtos (Quadro 5.8).

Em termos de mobilização do solo, 89% dos chefes de exploração mencionou que o facto de ter diminuído ou não as mobilizações está relacionado com outros motivos que não os ambientais (Quadro 5.8).

#### Atitudes dos chefes de exploração

Quando se questionou os chefes de exploração deste tipo sobre os cenários que gostariam de ver concretizados para a agricultura, 67% referiu a intensificação desta (Quadro 5.9). Relativamente à justificação da escolha de cada um destes cenários, 70% disse ser por motivos económicos (Quadro 5.9).

Questionou-se os chefes de exploração “Agricultor Hobby” sobre as características que consideravam fundamentais para uma exploração ter sucesso no concelho, dos 27 inquiridos em análise, 19% mencionou a aposta na produção intensiva, 19% a diversificação agrícola e 19% a aposta em produtos de qualidade (Quadro 5.9).

Ao contrário dos tipos “Empresário agrícola” e “Agricultor tradicional”, relativamente à importância dos subsídios das políticas públicas, os chefes de exploração em análise neste cluster estão divididos em achar os subsídios essenciais para a atividade agrícola, nas condições atuais. Concretamente, 33% discordou com esta afirmação, no entanto, 30% disse concordar (Quadro 5.9). Este cenário ajuda a compreender a resposta à seguinte questão: “O fim dos subsídios conduz ao abandono das terras” com efeito, 37% concordou e 27% discordou (Quadro 5.9).

Relativamente à afirmação “Investir noutras atividades além da agricultura permite aumentar o rendimento da exploração”, 59% concordou e 19% concordou completamente (Quadro 5.9).

No entanto, a agricultura possui, para estes, o papel central nas áreas rurais (93%). Sobre o crescente interesse e fixação de pessoas de fora no concelho, dos 27 chefes de exploração, a maioria concordou (72%) (Quadro 5.9).

No que diz respeito à interação com outros intervenientes, a maioria (89%) concordou que ao relacionar-se com pessoas diferentes poderá solucionar melhor os problemas na exploração (Quadro 5.9). Da mesma forma, 74% dos inquiridos mencionou discordar que as decisões mais importantes na exploração devam ser tomadas sem consultar ninguém (Quadro 5.9). Em concordância com o referido anteriormente, 96% concorda completamente que o associativismo seja essencial para a agricultura. Relativamente à afirmação “O estado ou outra entidade pública não deve

ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração”, as opiniões dos chefes de exploração encontram-se divididas, 33% dos inquiridos concordou, no entanto, 26% discordou com a afirmação (Quadro 5.9).

Sobre a comercialização dos produtos, 81% dos 27 casos em análise concordaram ou concordaram completamente que estes devam ser vendidos o mais perto possível do local de produção (Quadro 5.9). Do mesmo modo, 93% dos inquiridos não estão de acordo que os produtos devam ser vendidos maioritariamente para grandes superfícies (Quadro 5.9).

Relativamente à qualidade do solo, 89% dos inquiridos não concorda que esta não afecte a gestão que se faz nela. (Quadro 5.9). Em relação à utilização de produtos químicos, a maioria (74%) concordou que estes pioram a qualidade do solo (Quadro 5.9). Já a possibilidade de aumentar, ou não, da área irrigada está em 93% das situações, relacionada com outros motivos que não os ambientais (Quadro 5.9).

## 6. Discussão

---

Como apresentado na Capítulo 2, referente ao enquadramento teórico, alguns autores defendem que poderemos estar perante um período de mudança na agricultura convencional, que tem como único propósito a produção de alimentos e fibras (Marsden, 1999; Wilson, 2007; Wilson, 2008). Neste sentido, uma outra lógica tem vindo a tomar maior importância, a do pós-productivismo, que acrescenta outros aspetos, além do produtivismo convencional, à dinâmica agrícola (Marsden, 2003). No âmbito deste trabalho, esta transição na agricultura foi descrita com recurso à teoria da transição do produtivismo para o pós-productivismo (ver subcapítulo 2.2).

Tendo por base a teoria apresentada, o objetivo deste trabalho é, relembre-se, testar como se comportam os chefes de exploração no concelho de Montemor-o-Novo, face às múltiplas opções de gestão (ver capítulo 1). Deste modo, a discussão será no sentido de perceber quais as estratégias de gestão que estão a ser adoptadas pelos chefes de exploração de Montemor-o-Novo e de que forma se aplica a teoria da transição do Productivismo para o Pós-Productivismo.

### **6.1 Análise e discussão individual dos tipos de chefes de exploração**

De seguida, iremos analisar os comportamentos e atitudes de cada um dos tipos de chefes de exploração obtidos, identificando-os como subjacentes ao modelo produtivista ou pós-productivista da agricultura, tentando descodificar a ocorrência, ou não, de uma transição. No entanto, é de salientar que, para ser considerado um chefe de exploração pós-productivista não tem, necessariamente, de apresentar características pós-productivistas em todos os seus atributos, sendo uma combinação complexa de desvios do ideal teórico (Wilson, 2008), como podemos comprovar com a tipologia de chefes de exploração obtida neste trabalho.

## Cluster 1 “Empresário Agrícola”

Quadro 6.1 Principais características dos chefes de exploração “Empresário Agrícola” e sua identificação com o paradigma produtivista ou pós-produtivista

Cluster 1 “Empresário Agrícola”		
CHEFES DE EXPLORAÇÃO E UNIDADES PRODUTIVAS	<p>Mais jovens, comparativamente aos outros clusters;</p> <p>Mais elevados graus de escolaridade;</p> <p>Infância noutros concelhos;</p> <p>Maiores áreas de SAU (<math>\geq 50</math>ha);</p> <p>Mão-de-obra não familiar.</p>	
	PRODUTIVISMO	PÓS-PRODUTIVISMO
COMPORTAMENTOS	<p>Maximização do subsídio;</p> <p>Elevado peso dos subsídios no rendimento da exploração;</p> <p>Especialização da produção pecuária-bovinos;</p> <p>Adubação química e orgânica ou apenas química.</p>	<p>Montado;</p> <p>Raças autóctones;</p> <p>Alguma produção especial;</p> <p>Encabeçamentos adequados;</p> <p>Mobilização do solo reduzida;</p> <p>Outras atividades na exploração: apicultura e caça.</p>
ATITUDES	<p>Dependência dos subsídios para continuidade das explorações;</p> <p>Para o futuro, extensificação e intensificação da agricultura por motivos económicos;</p> <p>Aposta em novas tecnologias e produção intensiva.</p>	<p>Gestão adequada ao tipo de solo;</p> <p>Preocupação com utilização de produtos químicos;</p> <p>Associativismo;</p> <p>Aposta em produtos de qualidade e diversificação agrícola.</p>

O Quadro 6.1 faz referência às características chave dos chefes de exploração “Empresário Agrícola”. Este caracteriza-se por gerir grandes áreas de SAU ( $\geq 50$ ha), ser mais jovem (comparativamente aos outros clusters apresentados), possuir maiores graus de escolaridade e, parte significativa, é natural de outros concelhos (Quadro 6.1). Estes fatores poderão facultar-lhes uma melhor capacidade de gestão e

organização da exploração agrícola em modo empresarial. Deste modo, os chefes de exploração aqui abordados poderiam estar em condições de enveredar por um processo de transição para o pós-produtivismo/multifuncionalidade (Wilson, 2008), uma vez que possuem disponibilidade de área, conhecimentos, recursos e, uma grande vantagem, o sistema montado que por si só já é um sistema multifuncional permitindo a presença de várias atividades, quer sejam agrícolas, quer sejam de lazer e recreio ou conservação ambiental e da biodiversidade (Surová e Pinto-Correia, 2008). No entanto, estes encontram-se focados na maximização do lucro. Segundo os chefes de exploração inquiridos, atualmente na atividade agrícola assiste-se diariamente ao aumento dos preços dos inputs da atividade, nomeadamente, combustíveis, alimentação para a produção pecuária, sementes, adubos, fertilizantes, etc, encarecendo o valor do produto. Por outro lado, os intermediários e a distribuição, nomeadamente, as grandes cadeias de supermercados, ficam com a maior fatia no que diz respeito à comercialização do produto desde o produtor ao consumidor, o que dá uma margem de lucro cada vez menor para os chefes de exploração. Com a atividade agrícola nestes moldes, os chefes de exploração vêem-se obrigados a adotar alternativas e, seria neste ponto que a multifuncionalidade poderia ganhar terreno. No entanto, a estratégia dos chefes de exploração direcionou-se para a maximização dos subsídios. Estes subsídios são maioritariamente ajudas à produção, no âmbito da PAC, mas também, apesar de com menor expressão, medidas agro-ambientais, subsídio à produção especial, nomeadamente, a biológica ou integrada, e subsídios às raças autóctones (ver subcapítulo 5.1). Estes apoios monetários representam % bastante elevadas no rendimento total das explorações (ver subcapítulo 5.1). Um comportamento visível do que foi referido é a tendência de especialização na produção pecuária, concretamente a produção de bovinos que tem aumentado nos últimos anos em detrimento da produção de ovinos, como se evidenciou na descrição do caso de estudo para as explorações de grandes dimensões (Figura 3.7). Esta tendência provoca maior degradação ambiental no sistema montado (Casimiro e Roxo, s.d.; Fragoso *et al.*, 2011). No entanto, a justificação do aumento do número de bovinos está no facto de estes receberem um subsídio à produção mais elevado, comparativamente aos ovinos e caprinos (Fragoso *et al.*, 2011). No que diz respeito à adubação do solo, os chefes de exploração optam por adubação química e orgânica ou, em parte significativa dos casos, apenas química (ver subcapítulo 5.1). Estes comportamentos estão subjacentes ao modelo produtivista da agricultura (Quadro 6.1).

Em contraponto, os encabeçamentos praticados por estes chefes de exploração encontram-se dentro de valores aceitáveis, do ponto de vista ambiental,

para a região (GPP; 2010). No entanto, é de ressaltar que os valores de encabeçamento apresentados neste estudo (Quadros 5.2, 5.5 e 5.8 do subcapítulo 5.1 Caracterização dos clusters) são uma estimativa, uma vez que foram medidos em CN/ha, o que para as explorações de grandes dimensões apresenta maior imprecisão, uma vez que, nestas, as estratégias de manejo implicam a rotação dos animais por parques.

As técnicas de mobilização utilizadas por esses chefes de exploração são menos intensivas para o solo comparativamente às utilizadas pelos outros grupos. De realçar é também o facto de os chefes de exploração “Empresário Agrícola”, apesar de não promoverem atividades não agrícolas, permitem que outras pessoas as promovam e façam a sua gestão, nomeadamente no que diz respeito à caça e apicultura.

As atitudes resultantes da análise efectuada apostarem também uma combinação entre o modelo produtivista e pós-produtivista. Por um lado, estes chefes de exploração apresentam preocupações ambientais e sociais, o que se comprava nas questões relativas à qualidade da terra na gestão das explorações, nos perigos causados pela utilização de produtos químicos e na importância do trabalho em rede, quer seja em associações ou no estabelecimento de relações interpessoais (ver capítulo 5.1). Por outro lado, demonstram uma grande dependência dos subsídios e da sua continuidade considerando estes um recurso essencial para a continuidade das explorações (ver capítulo 5.1). Esta combinação de atitudes produtivistas e pós-produtivistas também se reflete ao nível dos cenários futuros desejáveis para a agricultura, por parte destes chefes de exploração, que demonstraram maior interesse pela extensificação da agricultura, por um lado, e pela intensificação, do outro. A escolha destes cenários foi mais uma vez económica. As características apontadas por estes para uma exploração de sucesso no concelho foram a aposta em produtos de qualidade e a diversificação agrícola. No entanto, a introdução de novas tecnologias e a aposta na produção intensiva também fizeram parte de um número significativo de respostas (ver subcapítulo 5.1).

Após análise dos comportamentos e atitudes apresentados por estes chefes de exploração, podemos dizer que existe uma combinação entre os dois modelos produtivista e pós-produtivista da agricultura. Se, por um lado, estes apresentam comportamentos e atitudes, pós-produtivistas, por outro apresentam uma grande dependência dos subsídios. As questões que se levantam são: o que acontecerá aos comportamentos destes chefes de exploração caso ocorra alterações ao modelo de subsídios em vigor? Qual seriam as suas estratégias de gestão caso estes deixassem de existir? Este grupo merece especial atenção, uma vez que, perante possíveis

alterações nos subsídios da PAC e outros, poderão originar-se importantes alterações dos seus comportamentos, tornando-os subjacentes efetivamente ao paradigma produtivista, ou, de forma mais óbvia do que acontece atualmente.

Segunda a teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo apresentada anteriormente, a multifuncionalidade surge associada ao pós-produtivismo. No entanto, a questão que surge do cluster em análise é a de se não poderá haver multifuncionalidade associada ao produtivismo. Ao contrário do que acontece nos países do norte e centro da Europa, onde esta teoria surgiu, o sistema que estes chefes de exploração gerem é sobretudo o sistema montado (100%, ver Quadro 5.2), que por si só já é multifuncional. Este sistema agro-silvo-pastoril serve de suporte a múltiplas atividades, desde a produção florestal, produção agrícola, produção animal, caça, apicultura, entre outras. Estas atividades são, normalmente, geridas por pessoas diferentes, o que permite a existência de estratégias produtivistas que no seu conjunto funcionam com uma gestão multifuncional. Podendo no contexto da agricultura portuguesa, e nomeadamente de Montemor-o-Novo o produtivismo estar associado à multifuncionalidade.

### **Cluster 2 “Agricultor Tradicional”**

Quadro 6.2 Principais características dos chefes de exploração “Agricultor Tradicional” e sua identificação ao paradigma produtivista ou pós-produtivista

<b>Cluster 2 “Agricultor Tradicional”</b>		
<b>CHEFES DE EXPLORAÇÃO E UNIDADES PRODUTIVAS</b>	<p>Com 65 ou mais anos;</p> <p>Ensino primário ou básico;</p> <p>Naturais de Montemor-o-Novo;</p> <p>Pequenas (&lt;5ha) e médias (5-&lt;50ha) áreas de SAU;</p> <p>Mão-de-obra familiar.</p>	
	<b>PRODUTIVISMO</b>	<b>PÓS-PRODUTIVISMO</b>
<b>COMPORTAMENTOS</b>	<p>Especialização da produção pecuária-ovinos;</p> <p>Encabeçamentos elevados;</p> <p>Maximização da produção;</p> <p>Maximização de subsídios;</p> <p>Elevado peso dos subsídios no rendimento da exploração;</p> <p>Dependência alimentar do exterior;</p> <p>Mobilização intermédia ou intensiva;</p>	<p>Alguma produção biológica não certificada;</p>
<b>ATITUDES</b>	<p>Dependência dos subsídios para continuidade das explorações;</p> <p>Para o futuro, intensificação da agricultura por motivos económicos;</p> <p>Aposta na produção intensiva.</p>	<p>Gestão adequada ao tipo de solo;</p> <p>Preocupação com utilização de produtos químicos;</p> <p>Associativismo;</p> <p>Aposta em produtos de qualidade e diversificação agrícola.</p>

O Quadro 6.2 faz referência às características chave dos chefes de exploração “Agricultor Tradicional”. Como foi apresentado na caracterização do cluster 2, os chefes de exploração do tipo “Agricultor Tradicional” caracterizam-se por gerir pequenas (<5ha) e médias (5-<50ha) áreas de SAU, têm 65 ou mais anos e são, na sua esmagadora maioria, naturais de Montemor-o-Novo (ver subcapítulo 5.1). Estes chefes de exploração encontram-se mais limitados a nível da tomada de decisão, nomeadamente em relação à área da exploração (Wilson, 2008). Estes necessitam de maximizar a produção de forma a manter as explorações viáveis (Wilson, 2008). Não possuindo área suficiente para a produção de bovinos, optam pela produção de ovinos, no entanto, com encabeçamentos e dependências alimentares do exterior, superiores, comparativamente ao cluster anterior. Nos subsídios também dão preferência às medidas do Pilar I da PAC, usufruindo quase em exclusivo do Regime de Pagamento Único (RPU) e ajudas à produção. Apesar de não ser tão evidente como o tipo anterior, estes também possuem alguma dependência dos subsídios para a rentabilidade das suas explorações (ver subcapítulo 5.1).

Além dos encabeçamentos mais acentuados e das dependências alimentares exteriores, o “Agricultor tradicional” também opta por mobilizações mais profundas, provocando mais danos ambientais no solo (Quadro 6.2). Apesar de fazerem, em alguns casos, produção biológica não certificada, esta escolha está direccionada para a produção que é para consumo familiar e não para venda (Quadro 6.2).

Tal como sucede no grupo anterior, estes chefes de exploração apresentam preocupações ambientais e sociais, o que se comprava nas questões relativas à qualidade da terra na gestão das explorações, nos perigos causados pela utilização de produtos químicos e na importância do trabalho em rede, quer seja em associações ou no estabelecimento de relações interpessoais (Quadro 6.2). De ressaltar, no entanto, o facto de muitas chefes de exploração afirmarem os impactos da utilização de produtos químicos, no entanto não pensando nos adubos como parte destes. Por outro lado, demonstram uma grande dependência dos subsídios e da sua continuidade considerando estes essenciais e que sem eles as terras irão ficar mais abandonadas. A balança pende para o lado do produtivismo quando, para o futuro, dão preferência à intensificação da agricultura como a melhor forma de aumentar o rendimento. As características seleccionadas para uma exploração de sucesso no concelho foram a diversificação agrícola e aposta em produtos de qualidade, no entanto, a aposta na produção intensiva também fez parte de um número significativo de respostas (Quadro 6.2).

As suas atitudes e comportamentos identificam-se como relacionados com o paradigma produtivista da agricultura. No entanto, neste grupo não é preciso muito

para alterar as práticas agrícolas, ou seja, é mais fácil pender a balança para um dos lados, ao passo que a transição ao nível do grupo “Empresário agrícola” terá de ocorrer de forma mais gradual (Wilson, 2008).

### **Cluster 3 “Agricultor Hobby”**

Quadro 6.3 Principais características dos chefes de exploração “Agricultor Hobby” e sua identificação ao paradigma produtivista ou pós-produtivista

<b>Cluster 3 “Agricultor Hobby”</b>		
<b>CHEFES DE EXPLORAÇÃO E UNIDADES PRODUTIVAS</b>	Com 65 ou mais anos; Reformados ou empregados em profissões não ligadas à agricultura; Naturais de Montemor-o-Novo; Pequenas (<5ha) áreas de SAU; Mão-de-obra familiar.	
	<b>PRODUTIVISMO</b>	<b>PÓS-PRODUTIVISMO</b>
<b>COMPORTAMENTOS</b>	Mobilização intermédia ou intensiva;	Produção hortícola e animal para consumo familiar;
<b>ATITUDES</b>	Para o futuro, intensificação da agricultura por motivos económicos; Aposta na produção intensiva.	Gestão adequada ao tipo de solo; Preocupação com utilização de produtos químicos; Associativismo; Aposta em produtos de qualidade e diversificação agrícola; Independência de subsídios para agricultura.

O Quadro 6.3 faz referência às características chave dos chefes de exploração “Agricultor Hobby. Estes chefes de exploração caracterizam-se por gerir pequenas (<5ha) áreas de SAU, são maioritariamente idosos, com 65 anos ou mais, reformados

de atividades não ligadas à agricultura, ou que estão no ativo mas em profissões não agrícolas (ver subcapítulo, 5.1). Utilizam as áreas agrícolas que possuem para a produção hortícola e a criação de alguns animais para consumo familiar (Quadro 6.3). E, normalmente, não dependem da venda de alimentos e fibras para sobrevivência económica da exploração, possuindo, geralmente, rendimentos estáveis fora da atividade agrícola. Estes chefes de exploração, uma vez que não precisam de maximizar o lucro, centraram a sua atenção na exploração agrícola como bem de consumo e não de produção (Primdahl, 1999). Estando os chefes de exploração mais dissociados do mercado e das decisões políticas (Wilson, 2008).

No que diz respeito às mobilizações do solo, à semelhança com o que acontece com o tipo “Agricultor Tradicional”, este também opta por técnicas mais agressivas para o solo (Quadro 6.3). Relativamente às estratégias de adubação, dominam a adubação química e orgânica, apenas orgânica, ou apenas química, respetivamente (Quadro 6.3).

Relativamente a atitudes, tal como sucede no grupo anterior, estes chefes de exploração apresentam preocupações ambientais e sociais, o que se comprava nas questões relativas à qualidade da terra na gestão das explorações, nos perigos causados pela utilização de produtos químicos e na importância do trabalho em rede, quer seja em associações ou no estabelecimento de relações interpessoais (Quadro 6.3). Relativamente à utilização de produtos químicos, também neste grupo se notou alguma relutância em reconhecer adubos como sendo produtos químicos.

Os chefes de exploração deste grupo não consideram os subsídios tão importantes como os tipos “Empresário Agrícola” e “Agricultor Tradicional”, mas também pelo que se prende com o facto de as suas produções não lhes permitir ter direito aos mesmos (Figura 5.18). A balança volta a pender para o lado do produtivismo quando se questiona os chefes de exploração sobre os cenários futuros que desejariam para a agricultura, e mais uma vez a aposta direccionou-se para a intensificação da agricultura como forma de aumentar o rendimento das explorações, o que nos indica uma atitude produtivista (Quadro 6.3). As características selecionadas para uma exploração de sucesso no concelho foram, de igual forma, a intensificação da agricultura, a diversificação agrícola e a aposta em produtos de qualidade (Quadro 6.3).

Os seus comportamentos não são tão produtivistas como no caso do “Agricultor Tradicional”, no entanto pelo facto de estes não terem a agricultura como atividade profissional (Quadro 6.2 e 6.3). Caso ocorresse alguma alteração que tornasse estes chefes de exploração dependentes da atividade agrícola estes iriam provavelmente optar por comportamentos produtivistas. Relativamente às suas

atitudes, o tipo “Agricultor Hobby” encontra-se muito próximo do “Agricultor Tradicional”, estando estas direcionadas mais para o produtivismo (Quadro 6.2 e 6.3).

## 6.2 Análise e discussão da tipologia de chefes de exploração

Quadro 6.4 Análise da possível ocorrência de uma transição tendo por base os comportamentos dos últimos 10 anos e os possíveis comportamentos para os próximos 10 anos

CLUSTER 1- Empresário Agrícola					
	Multifuncionalidade	Diversificação agrícola	Aumento de Produção	Diminuição de produção	Manter
PASSADO <sup>1)</sup>	10%	<b>23%</b>	<b>39%</b>	<b>32%</b>	2%
FUTURO <sup>2)</sup>	11%	9%	14%	9%	<b>46%</b>

CLUSTER 2- Agricultor Tradicional					
	Multifuncionalidade	Diversificação agrícola	Aumento de produção	Diminuição de produção	Manter
PASSADO <sup>1)</sup>	2%	10%	<b>25%</b>	<b>25%</b>	<b>21%</b>
FUTURO <sup>2)</sup>	6%	0	13%	4%	<b>73%</b>

CLUSTER 3- Agricultor Hobby					
	Multifuncionalidade	Diversificação agrícola	Aumento de produção	Diminuição de produção	Manter
PASSADO <sup>1)</sup>	11%	<b>19%</b>	11%	15%	<b>37%</b>
FUTURO <sup>2)</sup>	4%	0	4%	0	<b>71%</b>

<sup>1)</sup> Que modificações fez na exploração, nos últimos 10 anos?

<sup>2)</sup> Que modificações tenciona fazer na exploração, nos próximos 10 anos?

% Percentagem de respostas positivas

O Quadro 6.4 representa as principais alterações ocorridas nos últimos 10 anos (“Passado”) e as alterações pretendidas para os próximos 10 anos (“Futuro”) nas unidades produtivas dos chefes de exploração de cada um dos clusters.

No cluster 1, constituído por 44 chefes de exploração, podemos observar que nos últimos 10 anos, 39% dos inquiridos apostou no aumento de produção, 32% na diminuição da produção e, ainda, 23% optou pela diversificação agrícola. Uma vez que cada chefe de exploração podia escolher mais do que uma opção, o que terá acontecido é que os mesmos chefes de exploração poderão ter escolhido o aumento e diminuição da produção, o que está relacionado com o aumento da produção de bovinos, em sintonia com a diminuição da produção de ovinos, como se verifica nos dados do Recenseamento Geral Agrícola relativo ao concelho de Montemor-o-Novo

(ver Figuras 3.7 e 3.8). Teria sido interessante avaliar quais os chefes de exploração que optaram realmente pela diminuição da produção, sem ter um aumento da produção de outra

cultura/espécie por trás. No entanto, tal não foi feito, pelo que seria interessante a sua avaliação em próximos estudos. Para o futuro, os chefes de exploração do cluster 1 pretendem, apenas, manter o que fazem atualmente (46%), ficando a multifuncionalidade (11%) e a diversificação agrícola (9%), fora das apostas para o futuro de grande parte dos chefes de exploração.

Os chefes de exploração do cluster 2, “Agricultor Tradicional”, constituído por 48 casos, nos últimos 10 anos optaram por estratégias diferenciadas: 25% apostou na diminuição da produção, outros 25% no aumento de produção, e, ainda, 21% optou por manter tudo como tinha. Para os próximos 10 anos, os chefes de exploração “Agricultor Tradicional” tencionam apenas manter tudo igual (73%). Também neste grupo, a multifuncionalidade (6%) e a diversificação agrícola (0%) estão fora das apostas futuras destes chefes de exploração.

Os chefes de exploração do cluster 3, “Agricultor Hobby”, constituído por 27 casos, nos últimos 10 anos focaram-se, por um lado, na manutenção das suas estratégias de gestão (37%) e, por outro, na diversificação agrícola (19%). Para os próximos 10 anos a previsão é, na esmagadora maioria dos casos (71%) manter tudo tal e qual como está. À semelhança do que acontece nos clusters anteriores, também o “Agricultor Hobby” deixa de fora dos seus planos a aposta na multifuncionalidade (4%) e na diversificação agrícola (0%).

No âmbito da teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo é interessante analisar quais as intenções dos chefes de exploração, nomeadamente no que corresponde ao futuro. Uma vez que, em todos os clusters a estratégia dominante passa por manter a exploração tal como está. Este facto poderá estar relacionado com a incerteza que a atividade agrícola atravessa no momento, nomeadamente, em relação à nova PAC que entrará em vigor a partir de 2014 e sobre a qual ainda existem muitas dúvidas. Nesta incerteza, os chefes de exploração optam por não arriscar.

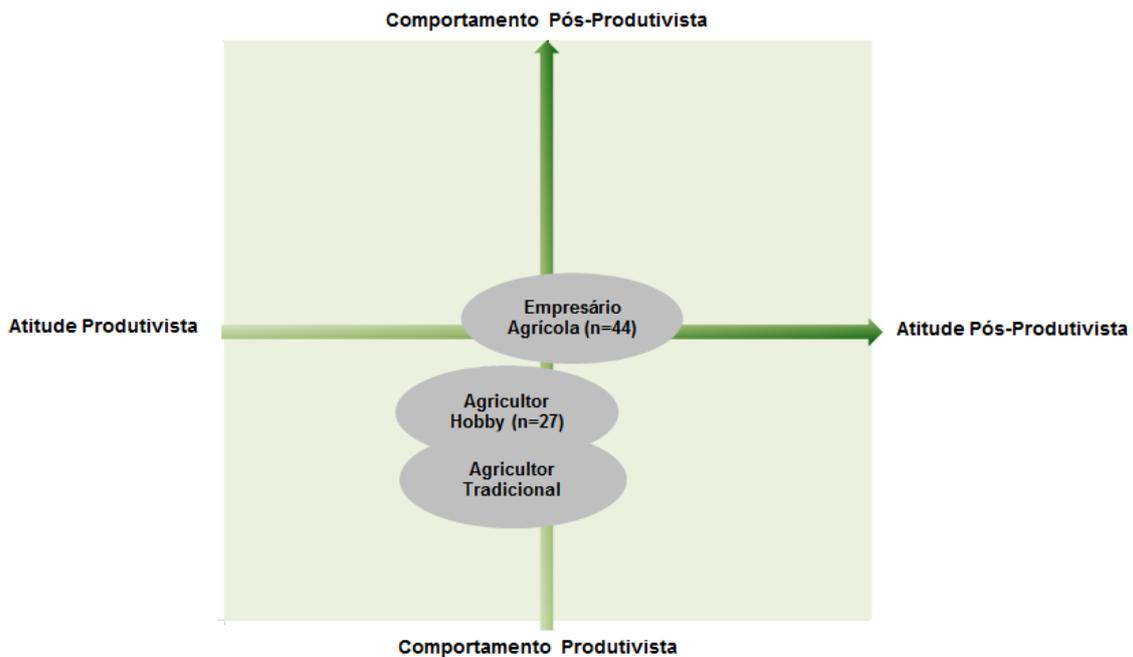


Figura 5.19 Posicionamento dos chefes de exploração de Montemor-o-Novo, consoante a presença de atitudes e comportamentos produtivistas e pós-produtivistas

Para os três tipos de chefes de exploração, a produção é a base das suas atitudes e comportamentos (Figura 5.19), sendo identificada como a função que de facto permite aumentar o rendimento. Todas as outras funções, nomeadamente a criação de emprego, a promoção de atividades não ligadas à agricultura, a conservação da Natureza vêm por acréscimo podendo ser uma forma de aumentar o rendimento das explorações, no entanto só após a produção estar garantida. O tipo “Empresário agrícola” possui alguns comportamentos pós-produtivistas (Figura 5.19), evidenciando-se entre os outros clusters no que diz respeito à ocorrência de uma possível transição. No entanto, esta opção está muito relacionado com a capacidade de gestão que apresentam, que lhes permite conjugar comportamentos produtivistas e pós-produtivistas, de forma a aumentar o rendimento. No entanto, estes comportamentos poderão sofrer grandes alterações caso as normas e políticas sejam alteradas.

## 7. Considerações Finais

---

O presente trabalho teve como objetivo perceber quais as estratégias de gestão que estão a ser adoptadas pelos chefes de exploração de Montemor-o-Novo. Neste sentido, a conclusão passível de se retirar da realização deste trabalho é que, de acordo com as estratégias de gestão apresentadas, a transição do produtivismo para o pós-produtivismo, tal como é apresentada no capítulo 2, não é de todo evidente (Figura 5.19).

A questão que se levanta é: o que tem Portugal no geral, e Montemor-o-Novo em particular, de diferente para que esta transição não esteja a ocorrer de forma evidente como nos é sugerido pela teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo? Esta teoria surgiu, lembre-se, como uma ferramenta teórica que permite explicar as mudanças que estão a ocorrer na Europa do norte e centro, e neste sentido, várias são as especificidades de Portugal e de outros países da Europa do Sul que tornam esta teoria desadequada nestes contextos. Entre as características que nos distinguem destes países, relativamente à agricultura e outras funções a ela associadas, é possível destacar: o carácter recente da questão ambiental, a ainda incipiente procura social pelo meio rural, os atributos de subdesenvolvimento e atrasos que marcam as representações sociais dos espaços rurais e o atraso temporal da adoção do modelo da PAC (Rodrigo, 2001; Rodrigo, 2003).

Devido às especificidades acabadas de enumerar, e possivelmente outras, é natural que a transição não ocorra de forma tão evidente como noutros países. Além disso a teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo foi formulada tendo por base a agricultura, cultura, história dos países do norte e centro da Europa, o que por si só tem-se revelado possuir diferenças importantes comparativamente aos países do sul, sendo difícil a sua aplicação nos mesmos moldes. A diferença mais significativa prende-se com o facto de Montemor-o-Novo ser dominado pelos sistemas extensivos, nomeadamente, o sistema montado (como descrito no subcapítulo 3.2.3). Este, como descrito anteriormente, já é por si só um sistema multifuncional, sendo possível existir estratégias de gestão multifuncionais mesmo com o chefe de exploração focado no produtivismo. Esta, representa uma grande dificuldade na aplicação da referida teoria no contexto do caso estudo, uma vez que na teoria do produtivismo para o pós-produtivismo, a multifuncionalidade surge ligada ao pós-produtivismo e, nas nossas condições, é possível ter a multifuncionalidade associada ao produtivismo. Desta forma, para o nosso contexto, outro tipo de transição poderá estar a ocorrer, possivelmente não associada ao pós-produtivismo, mas relacionada com outra dimensão onde a multifuncionalidade surge associada ao produtivismo, ou

seja, onde existe uma combinação de várias funções, no entanto, com a função económica na base.

Além da questão da aplicabilidade da teoria da transição do produtivismo para o pós-produtivismo, tal como ela é apresentada, e da noção de produtividade, outras questões surgiram com o desenrolar deste trabalho. Poderão realmente estar a surgir chefes de exploração com características multifuncionais, mas que não foram detetados por serem em pequeno número? E se escolhêssemos outras variáveis como discriminantes seria possível obter resultados onde estes chefes de exploração se destacassem dos restantes? A hipótese será de que haverá de facto indivíduos dinâmicos, mesmo que em pequeno número, que começam a procurar uma combinação entre as várias funções da agricultura e que poderão ser detetados caso se utilizem outras variáveis como discriminantes. Entre estas poderiam estar, por exemplo, os cenários desejáveis para a agricultura, a existência de uma marca própria, a importância da relação com o consumidor no escoamento do produto ou a presença de outras atividades promovidas pelo próprio chefe de exploração (caça, apicultura, turismo, passeios, birdwatching, etc) ou por outros.

Porque apresentaram todos os tipos de chefes de exploração atitudes semelhantes? Será de facto o espelho da realidade ou se, além das atitudes abordadas, questionássemos outras atitudes seria possível chegar a resultados mais claros? No âmbito deste trabalho são questionados, por exemplo, os comportamentos relativos à produção especial, no entanto não se questionam as atitudes. Poderia avaliar-se, por exemplo, se os chefes de exploração acreditam na produção biológica e integrada como uma estratégia de produção amiga do ambiente e que promove a qualidade dos produtos, independentemente do acréscimo económico que estas originam. Também se poderiam questionar os chefes de exploração relativamente a reciclagem e/ou compostagem. Atitudes que, apesar de não estarem diretamente relacionados com a atividade agrícola, permitiriam separar determinados chefes de exploração.

De forma a clarificar algumas questões e a testar hipóteses que foram aqui levantadas, novos estudos são necessários. Por outro lado, também é necessário estudar outras áreas de Portugal, nomeadamente, outras áreas do Alentejo, a zona oeste e Ribatejo e o norte de Portugal, uma vez que possuem características muito distintas da área estudada podendo os chefes de exploração optar por estratégias diferenciadas das que foram evidenciadas neste trabalho.

No âmbito da Teoria da Transição do Produtivismo para o Pós-Produtivismo, outra questão a aprofundar deverá ser o conceito de multifuncionalidade e de produtivismo. Uma vez que ser produtivista em Portugal poderá ser diferente do que é

ser produtivista noutros países da Europa. No caso concreto de Montemor-o-Novo o sistema a gerir já é por si só multifuncional.

## Referências bibliográficas

---

Barroso, F., Menezes, H. e Pinto-Correia, T. (2010). Identifying land management typologies: Transition to multifunctionality in Mediterranean extensive farming systems. Em: Darnhofer, I. e Grötzer M. (eds). *Proceedings 9th European IFSA Symposium*, BOKU, Vienna, 4-7 July 2010. pp. 994-1003.

Barroso, F., Pinto-Correia, T., Ramos, I.L., Surová, D. e Menezes, H. (2012a). Dealing with landscape fuzziness in user preference studies: Photo-based questionnaires in the Mediterranean context. *Landscape Urban Planning*. **104**: 329-342.

Barroso, F., Menezes, H. e Pinto-Correia, T. (2012b). Multifunctional transition pathways: How are multi-stakeholder's influencing land management farm systems resilience? Case study of Mediterranean agro-forestry systems in South Portugal. *Proceedings 10th European IFSA Symposium*, Aarhus, Denmark, 1-4 July 2012.

Bugalho, M., Caldeira, M.C., Pereira, J.S., Aronson, J. e Pausas, J. (2011). Mediterranean cork oak savannas require human use to sustain biodiversity and ecosystem services. *Frontiers in Ecology and Environment*. **9(5)**: 278–286.

Buller, H. (2005). *Evaluation of policies with respect to multifunctionality of agriculture; observation tools and support for policy formulation and evaluation*. MULTAGRI Country Report. England.

Burton, J.F. (2004). Reconceptualising the 'behavioural approach' in agricultural studies: a socio-psychological perspective. *Journal Rural Studies*. **20**: 359–371.

Burton, R.J.F. e Wilson, G.A. (2006). Injecting social psychology theory into conceptualisations of agricultural agency: towards a post-productivist farmer selfidentity? *Journal Rural Studies*. **22**: 95–115.

Cairol, D., Coudel, E., Knickel, K., Caron, P. e Kroger, M. (2009). Multifunctionality of agriculture and rural areas as reflected in policies: the importance and relevance of the territorial view. *Journal of Environmental Policy and Planning*. **11 (4)**: 269-289.

Câmara Municipal de Montemor-o-Novo (2007). *Fundamentação para a revisão do plano diretor municipal de Montemor-o-Novo*. Acedido em 25 de Julho de 2012, em <http://www.cm-montemornovo.pt/PMOT/PLANOS/REVPDM/RELATORIOFUNDAMENTACAO.pdf>.

Câmara Municipal de Montemor-o-Novo (2009). *Revisão do plano municipal de defesa da floresta contra incêndios PMDFCI*. Acedido em 25 de Julho de 2012, em <http://www.cm-montemornovo.pt/NR/rdonlyres/00007d26/zrzweuvmcnzwtlrghfwbqjufujtcwgy/PMDFCI.pdf>.

Caron, P., Reig, E., Roep, D., Hediger, W., Le Cotty, T., Barthe´lemy, D., Hadynska, A., Hadynski, J., Oostindie, H. e Sabourin, E. (2008). Multifunctionality: Epistemic diversity and concept oriented research clusters. *International Journal of Agricultural Resources, Governance and Ecology*. **7**: 319–338.

Casimiro, P.C. e Roxo, M.J. *Agricultural policies – Land use change and natural resources degradation – South interior Alentejo*. Acedido em 12 de Março de 2012, em [http://www.noveltis.com/desurvey/documentation/deliverables/DESURVEY\\_D1.5.2.5.pdf](http://www.noveltis.com/desurvey/documentation/deliverables/DESURVEY_D1.5.2.5.pdf).

Censos populacionais. Instituto Nacional de Estatística. Acedido em 17 de Setembro de 2012, em [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Alentejo (2011). *Observação das dinâmicas regionais. Políticas públicas para os territórios de baixa densidade*. Acedido em 25 de Julho de 2012, em [http://issuu.com/ccdra/docs/relatorio\\_pol\\_pub\\_web](http://issuu.com/ccdra/docs/relatorio_pol_pub_web).

Comissão Europeia (2012). *Política agrícola comum. Uma parceria entre a Europa e os agricultores*. Acedido em 14 de Novembro de 2012, em [http://ec.europa.eu/agriculture/cap-overview/2012\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/agriculture/cap-overview/2012_pt.pdf).

Daniel, F.J. e Perraud, D. (2009). The multifunctionality of agriculture and contractual policies. A comparative analysis of France and the Netherlands. *Journal Environmental Management*. **90 (S2)**: S132–S138.

Durand, G. e Van Huylenbroeck, G. (2003). Multifunctionality and rural development: a general framework. Em: Durand, G. e Van Huylenbroeck, G. (eds.). *Multifunctional agriculture: a new paradigm for European agriculture and rural development*. Ashgate, Aldershot. pp. 1-16.

Evans, N., Morris, C. e Winter, M. (2002). Conceptualizing agriculture: a critique of post-productivism as the new orthodoxy. *Progress in Human Geography*. **26**: 313-332.

Fragoso, R., Marques, C., Lucas, M.R., Martins, M.B. e Jorge, R. (2011). The economic effects of common agricultural policy on Mediterranean *montado/dehesa* ecosystem. *Journal of Policy Modeling*, **33**: 311-327.

Gabinete De Planeamento e Política (2010). Office of Planning and Policy, *Indicator High Nature Value Farmland and Forest*.

Hill, M. e Hill, A. (2009). *Investigação por questionário*. 2ª Edição, Edições Sílabo, Lda. Lisboa.

Holmes, J. (2006). Impulses towards a multifunctional transition in rural Australia: Gaps in the research agenda. *Journal of Rural Studies*. **22**: 142-160.

Instituto Nacional de Estatística. Acedido em 2012, em [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

Knickel, K., Kroger, M., Bruckmeier, K., Engwall, Y. (2009). The challenge of evaluating policies for promoting the multifunctionality of agriculture: When 'good' questions cannot be addressed quantitatively and 'quantitative answers are not that good'. *Journal of Environmental Policy and Planning*. **11(4)**: 347–367.

Maroco, J. (2010). *Análise estatística com utilização do SPSS*. 3ª Edição, Edições Sílabo, Lda. Lisboa.

Martínez, E. (2001). La multifuncionalidad agraria en una perspectiva internacional. Posibilidades y límites de un concepto. IV Coloquio hispano-portugués de Estudios Rurales. "La multifuncionalidad de los espacios rurales de la Península Ibérica". Santiago de Compostela, 7-8 junio 2001.

Martínez, E. (2002). La multifuncionalidade del mundo rural. *Globalizacion y Mundo Rural*. Noviembre-Diciembre, nº 803.

Marsden, T.K, Murdoch, J., Lowe, P., Munton, R. e Flynn, A. (1993) *Constructing the Countryside*. University College London Press, London.

Marsden,T.K. (1999). Beyond agriculture? Towards sustainable modernisation. In: Redclift,M.,Lakakis,J.N.,Zanias,G.P. (Eds.), *Agriculture and World Trade Liberalisation: Socio-environmental Perspectives on the Common Agricultural Policy*. CAB International, Wallingford, pp. 238–259.

Marsden T. (2003). *The Condition of Rural Sustainability*. Royal van Gorcum.

Marsden, T. K. e Sonnino, R. (2008). Rural development and the regional state: denying multifunctional agriculture in the UK. *Journal of Rural Studies* **24** (4): 422-431

Mather, A. S., Hill, G. e Nijnik, M. (2006). Post-productivism and rural land use: cult de sac or challenge for theorization? *Journal of Rural Studies*. **22**: 441-455.

Menezes., H., Barroso, F. e Pinto-Correia, T. (2010). How can we link farm management to amenity functions, through the landscape pattern? Application to a case study in Southern Portugal. Em: Darnhofer, I. e Grötzer M., *Proceedings 9th European IFSA Symposium*, BOKU, Vienna, 4-7 July 2010. pp. 1004-1013.

Muniz, I. e Saralegui, C. (2000). La multifuncionalidade de la agricultura: Aspectos económicos e implicaciones sobre la política agraria. *Estudios agrosociales Y Pesqueros*, nº189, pp. 29-48.

Pinto-Correia, T. e Mascarenhas, J. (1999). Contribution to the extensification/intensification debate: new trends in the portuguese montado. *Landscape and Urban Planning*. **46**: 125-131.

Pinto-Correia, T. e Vos, W. (2004). Multifunctionality in Mediterranean Landscapes – past and future. Em: Jongman, R. H. G. (ed.), *The New Dimension of the European Landscapes*, Springer, Dordrecht. pp. 135-164.

Pinto-Correia T., Barroso F. e Menezes H. (2010). The changing role of farming in a peripheric South European area: the challenge of the landscape amenities demand. Em: Wiggering H., Ende H.P., Knierim A. e Pintar M. (eds.). *Innovations in European Rural Landscapes*, Springer, Berlin-Heidelberg. pp. 53-76.

Pinto-Correia, T., Barroso, F., Menezes, H., Silva, J. e Michelin, Y. (2011) Landscape management with a nature concern: the role of a Natura 2000 classification in awareness raising of land owners for the provision of public goods. The case of Monfurado, Southern Portugal. Em: *Paysage et Développement Durable* (ed.). *Proceedings of the International Conference on Landscapes of the everyday life - Intersecting perspectives on research and action*, Perpignan (France) e Girona (Spain), 16-18 March 2011.

Pinto-Correia, T., Menezes, H., Barroso, F. The landscape as an asset in Southern European fragile agricultural systems: contrasts and contradictions in land managers attitudes and practices. *Landscape Research*. Submetido.

Primdahl, J., 1999. Agricultural landscapes as production and living places: On the owner's versus producer's decision making and some implications for planning. *Landscape and Urban Planning* **46**, 143–150.

Projeto de Investigação PTDC/CS-GEO/110944/2009, (2011-2014). "Processos de transição: inovação e estratégias de gestão na exploração agrícola". Universidade de Évora, Instituto Superior de Agronomia, ICAAM-Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais do Mediterrâneo. Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Râmniceanu, I. e Ackrill, R. (2007). EU rural development policy in the new member states: Promoting multifunctionality? *Journal of Rural Studies*. **23 (4)**: 416-429.

Recenseamento Geral Agrícola. Instituto Nacional de Estatística. Acedido a 8 de Fevereiro de 2012, em [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

Reig, E. (2006). Agricultural multifunctionality: the state-of-the-art in Spanish research work. *European Series on Multifunctionality*, nº10.

Renting, H., Oostindie, H., Laurent, C., Brunori, G., Barjolle, D., Jervell, A., Granberg, L. e Heinonen, M. (2008). Multifunctionality of agricultural activities, changing rural identities and new territorial linkages. *International Journal of Agricultural Resources, Governance and Ecology*. **7**:361–385.

Renting, H., Rossing, W.A.H., Groot, J.C.J, Van der Ploeg, J.D., Laurent, C., Perraud, D., Stobbelaar, D.J. e Van Ittersum, M.K.(2009). Exploring multifunctional agriculture. A review of conceptual approaches and prospects for an integrative transitional framework. *Journal of Environmental Management*. **90**:S112-S123.

Rodrigo, I. (2001). Política Agro-ambiental. *Livro de atas I Congresso de Estudos Rurais*, Vila Real, Portugal, 16-18 Setembro 2001.

Rodrigo, I. (2003). A questão ambiental nos territórios rurais e nas agriculturas da União Europeia. Em: Portela, J. e Caldas, J. (2003). *Portugal Chão*. Celta Editora, Oeiras. pp. 167-187.

Rodrigo, I. e Veiga J.F. (2009). Portugal: Natural resources, sustainability and rural development. In: Bruckmeier K. and Tovey H. (Eds.). *Rural Sustainable Development in the Knowledge Society*. Ashgate, England, pp. 203-222.

Rolo, J. (2006). *Rendimentos: terra e valores acrescentados das atividades agro-rurais – quantificação e dinâmicas espaciais*. Programa de investigação e de Formação Pós-graduada, Estação Agronómica Nacional, Departamento de Estatística Experimental, Economia e Sociologia Agrária, Oeiras, Janeiro, 328p.

Surová, D. e Pinto-Correia, T. (2008). Landscape preferences in the Cork Oak Montado Region of Alentejo, Southern Portugal: Searching for valuable landscape characteristics for diferente groups. *Landscape Research*. **33-3**: 311-330.

Surová, D., Pinto-Correia, T. Landscape menu to please them all: Relating land cover to users' preferences at regional level in Southern Portugal. *Landscape and Urban Planning*. Submetido.

van der Ploeg, J. D., Laurent, C., Blondeau, F. e Bonnafous, P. (2009). Farm diversity, classification shemes and multifunctionality. *Journal of Environmental Management*. **90**: 124-131.

Voituriez, T. (2005). *Evaluation of policies with respect to multifunctionality of agriculture; observation tools and support for policy formulation and evaluation*. MULTAGRI Country Report, France.

Walford, N. (2003). Productivism is allegedly dead, long live productivism: evidence of continued productivist attitudes and decision making in south-east England. *Journal of Rural Studies* **19**: 491–502.

Wilson, G.A., 2001. From productivism to post-productivism. and back again? Exploring the (un)changed natural and mental landscapes of European agriculture. *Transaction of the Institute of British Geographers*. **26**: 77–102.

Wilson G. A. (2007). *Multifunctional agriculture – A transition theory perspective*. CABI, Cromwell Press, Trowbridge.

Wilson, G. A. (2008). From 'weak' to 'strong' multifunctionality: Conceptualising farm-level multifunctional transitional pathways. *Journal of Rural Studies*. **24**: 367-383.

## Anexos

---

De seguida serão apresentados alguns documentos de apoio ao capítulo 5, Resultados, que pela sua dimensão não foram colocados no decorrer do texto mencionado. Do anexo 1 consta o inquérito por questionário aplicado aos chefes de exploração. No anexo 2 e 3 são apresentadas as variáveis discriminantes e descritivas, por ordem de importância estatística, respetivamente. Do anexo 4 consta a tabela de Correlação Bivariada entre variáveis discriminantes e por último, no anexo 5, seguem-se os histogramas relativos às variáveis discriminantes e descritivas selecionadas para caracterização e discussão dos clusters. Mais informação poderia ser neste ponto apresentada, como as tabelas de frequências para todas as variáveis em estudo, no entanto, pela sua extensão, optou-se por não o fazer.

# Anexo 1 Quadro A Inquérito por questionário aplicado aos chefes de exploração



Projecto de Investigação ATILA "Processos de Transição: inovação e estratégias de gestão na exploração agrícola" (PTDC/CS-GEO/110944/2009).

Universidade de Évora (EU/ICAAM/EPM-Paisagem) Instituto Superior Agronomia (ISA)

## Inquérito a chefes de exploração

Concelho M\_\_\_ CV\_\_\_ O\_\_\_ Nome local \_\_\_\_\_ Coord. GPS \_\_\_\_\_ Duração \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_  
 Código gravação \_\_\_\_\_ Membro equipa \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_ Nº inquérito \_\_\_\_\_

### 1. PERFIL PESSOAL

<b>1.1. Em que concelho é a sua residência permanente?</b>	1. Montemor <input type="checkbox"/> 2. Castelo Vide <input type="checkbox"/> 3. Odemira <input type="checkbox"/> 4. Outros concelhos do Alentejo ( _____ ) <input type="checkbox"/> 5. AM Lisboa <input type="checkbox"/> 6. Outros concelhos Portugal ( _____ ) <input type="checkbox"/> 7. Fora Portugal (País _____ ) <input type="checkbox"/>	<b>1.1.1. Residência Urbano/rural</b> 1. Sede concelho/ V.N.Mil Fontes <input type="checkbox"/> 2. Outras povoações <input type="checkbox"/> 3. Habitação rural/monte <input type="checkbox"/>																														
<b>1.1.2. Porque é que decidiu viver aqui?</b> (nesta cidade / povoação/ monte)	1. <input type="checkbox"/> Qualidade de vida 2. <input type="checkbox"/> Logística familiar/Origem 3. <input type="checkbox"/> Isolamento 4. <input type="checkbox"/> Acesso serviços/emprego 5. <input type="checkbox"/> > eficiência e controlo na gestão da exploração 6. <input type="checkbox"/> Outra _____																															
<b>1.2. Em que concelho passou a sua infância?</b>	1. Montemor <input type="checkbox"/> 2. Castelo Vide <input type="checkbox"/> 3. Odemira <input type="checkbox"/> 4. Outros concelhos do Alentejo ( _____ ) <input type="checkbox"/> 5. AM Lisboa <input type="checkbox"/> 6. Outros concelhos Portugal ( _____ ) <input type="checkbox"/> 7. Fora Portugal (País _____ ) <input type="checkbox"/>	<b>1.2.1. Infância Urbano/rural</b> 1. Sede concelho/ V.N.Mil Fontes <input type="checkbox"/> 2. Outras povoações <input type="checkbox"/> 3. Habitação rural/monte <input type="checkbox"/>																														
<b>1.3. Numa escala de 1 a 5, como considera a sua ligação à agricultura?</b>	1. <input type="checkbox"/> (não teve nenhuma ligação à agricultura) 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/> (fez/faz agricultura, para venda ou não)																															
<b>1.4. Até que ano estudou?</b>	1. <input type="checkbox"/> Sem escolaridade 2. <input type="checkbox"/> Ensino primário 3. <input type="checkbox"/> Ensino básico 4. <input type="checkbox"/> Ensino secundário 5. <input type="checkbox"/> Ensino universitário																															
<b>1.5. Qual é a sua principal actividade profissional?</b>																																
<b>1.6. Tem alguma actividade profissional secundária?</b>																																
<b>1.7. O seu rendimento familiar depende essencialmente:</b>	1. <input type="checkbox"/> Da actividade agrícola na exploração (totalmente dependente da agricultura) 2. <input type="checkbox"/> De outras actividades na exploração 3. <input type="checkbox"/> De fora da exploração (nada dependente da agricultura) 4. <input type="checkbox"/> Da exploração e de fora (50/50)																															
<b>1.8. A mão-de-obra na exploração é maioritariamente:</b>	1. <input type="checkbox"/> Familiar 2. <input type="checkbox"/> Não familiar																															
<b>1.9. Como obteve a exploração?</b>	1. <input type="checkbox"/> Por herança 2. <input type="checkbox"/> Comprada 3. <input type="checkbox"/> Arrendada 4. <input type="checkbox"/> Cedência																															
<b>2.1. Esta exploração tem objectivo:</b>	1. <input type="checkbox"/> Agrícola (1. <input type="checkbox"/> Produtor singular 2. <input type="checkbox"/> Sociedade 3. <input type="checkbox"/> Cooperativa/associação) 3. <input type="checkbox"/> Turístico 2. <input type="checkbox"/> Residencial 4. <input type="checkbox"/> Outro _____																															
<b>2.2. O que valoriza mais na sua exploração?</b> (no máximo duas)	1. <input type="checkbox"/> estética paisagística 2. <input type="checkbox"/> Potencial agrícola 3. <input type="checkbox"/> Cultura local/Identidade 4. <input type="checkbox"/> Ambiente & Natureza (selvagem, espécies, água) 5. <input type="checkbox"/> Estética - casa 6. <input type="checkbox"/> Outros _____																															
<b>2.3. Gostaria, no futuro, que alguém continuasse a gestão da exploração?</b>	1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Não/Não se aplica																															
<b>2.3.1. Porquê?</b> (Se sim e se não - 1 só)	1. <input type="checkbox"/> Agricultura é/não é o futuro 2. <input type="checkbox"/> Permanência da exploração na família 3. <input type="checkbox"/> Manutenção do campo/paisagem 4. <input type="checkbox"/> Qualidade de vida 5. <input type="checkbox"/> Outros _____																															
<b>2.4. Idade</b>	1. <input type="checkbox"/> 15 - 24 anos 2. <input type="checkbox"/> 25 - 34 anos 3. <input type="checkbox"/> 35 - 39 anos 4. <input type="checkbox"/> 40 - 44 anos 5. <input type="checkbox"/> 45 - 54 anos 6. <input type="checkbox"/> 55 - 64 anos 7. <input type="checkbox"/> > 65 anos																															
<b>2.5. Género</b>	1. <input type="checkbox"/> F 2. <input type="checkbox"/> M																															
<b>2.6. A nível pessoal que actividades faz no campo?</b> Coluna A - 1 mais importante  <b>2.6.1. Porquê de cada uma das actividades?</b> Coluna B	<table border="0"> <tr> <td style="text-align: center;"><b>Coluna A</b></td> <td></td> <td style="text-align: center;"><b>Coluna B</b></td> </tr> <tr> <td>1. ①② Passeios (a pé, bicicleta, cavalo)</td> <td style="text-align: center;"><input type="radio"/></td> <td>1. <input type="checkbox"/> Razões económicas</td> </tr> <tr> <td>2. ①② Caça</td> <td style="text-align: center;"><input type="radio"/></td> <td>2. <input type="checkbox"/> Saúde / bem estar</td> </tr> <tr> <td>3. ①② Apicultura</td> <td style="text-align: center;"><input type="radio"/></td> <td>3. <input type="checkbox"/> Apreciação estética / Lazer</td> </tr> <tr> <td>4. ①② Agricultura</td> <td style="text-align: center;"><input type="radio"/></td> <td>4. <input type="checkbox"/> Importante para a economia familiar</td> </tr> <tr> <td>5. ①② Apanha espargos, cogumelos, ...)</td> <td style="text-align: center;"><input type="radio"/></td> <td>5. <input type="checkbox"/> Razões familiares hereditárias</td> </tr> <tr> <td>6. ①② Desporto ar livre</td> <td style="text-align: center;"><input type="radio"/></td> <td>6. <input type="checkbox"/> Manutenção do terreno /paisagem</td> </tr> <tr> <td>7. ①② Outras _____</td> <td style="text-align: center;"><input type="radio"/></td> <td>7. <input type="checkbox"/> Convívio</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>8. <input type="checkbox"/> Obter produtos de confiança/qualidade</td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td>9. <input type="checkbox"/> Outros _____</td> </tr> </table>	<b>Coluna A</b>		<b>Coluna B</b>	1. ①② Passeios (a pé, bicicleta, cavalo)	<input type="radio"/>	1. <input type="checkbox"/> Razões económicas	2. ①② Caça	<input type="radio"/>	2. <input type="checkbox"/> Saúde / bem estar	3. ①② Apicultura	<input type="radio"/>	3. <input type="checkbox"/> Apreciação estética / Lazer	4. ①② Agricultura	<input type="radio"/>	4. <input type="checkbox"/> Importante para a economia familiar	5. ①② Apanha espargos, cogumelos, ...)	<input type="radio"/>	5. <input type="checkbox"/> Razões familiares hereditárias	6. ①② Desporto ar livre	<input type="radio"/>	6. <input type="checkbox"/> Manutenção do terreno /paisagem	7. ①② Outras _____	<input type="radio"/>	7. <input type="checkbox"/> Convívio			8. <input type="checkbox"/> Obter produtos de confiança/qualidade			9. <input type="checkbox"/> Outros _____	
<b>Coluna A</b>		<b>Coluna B</b>																														
1. ①② Passeios (a pé, bicicleta, cavalo)	<input type="radio"/>	1. <input type="checkbox"/> Razões económicas																														
2. ①② Caça	<input type="radio"/>	2. <input type="checkbox"/> Saúde / bem estar																														
3. ①② Apicultura	<input type="radio"/>	3. <input type="checkbox"/> Apreciação estética / Lazer																														
4. ①② Agricultura	<input type="radio"/>	4. <input type="checkbox"/> Importante para a economia familiar																														
5. ①② Apanha espargos, cogumelos, ...)	<input type="radio"/>	5. <input type="checkbox"/> Razões familiares hereditárias																														
6. ①② Desporto ar livre	<input type="radio"/>	6. <input type="checkbox"/> Manutenção do terreno /paisagem																														
7. ①② Outras _____	<input type="radio"/>	7. <input type="checkbox"/> Convívio																														
		8. <input type="checkbox"/> Obter produtos de confiança/qualidade																														
		9. <input type="checkbox"/> Outros _____																														
<b>2.7. Tem conhecimento de agricultura?</b>	1. <input type="checkbox"/> Sim 2. <input type="checkbox"/> Não (passar p/ folha seguinte)																															
<b>2.7.1. Como obteve este conhecimento agrícola?</b>	1. <input type="checkbox"/> Formação profissional agrícola completa (pelo menos 2 anos) 2. <input type="checkbox"/> Formação profissional agrícola elementar (menos de 2 anos) 3. <input type="checkbox"/> Exclusivamente da prática																															

<b>2.8. Há quanto tempo faz agricultura?</b>	1. <input type="checkbox"/> < 5 anos	2. <input type="checkbox"/> 5-10 anos	3. <input type="checkbox"/> 10-20 anos	4. <input type="checkbox"/> > 20 anos
<b>2.9. Que tempo dedica à actividade agrícola?</b>	1. <input type="checkbox"/> Menos de meio tempo (< 50%)		3. <input type="checkbox"/> Tempo inteiro (2.8.1.)	
	2. <input type="checkbox"/> Meio tempo (>50%)			

### 3. PERFIL EXPLORAÇÃO

3.1. <b>Área Total</b> _____ ha	3.1.1. Conta Própria _____ ha	3.1.3. Cedência _____ ha
	3.1.2. Arrendada _____ ha	3.1.4. Outra _____ ha

#### 3.1.5 Gere outra exploração dentro ou fora do concelho?

3.1.6 A gestão que é feita é semelhante a esta? 1.  Sim 2.  Não

3.1.7 Se não que tipo de gestão é feita? 1. + intensiva  2. -Intensiva  3. Biológica  4. Integrada  5. Outra \_\_\_\_\_

3.2. Pode identificar no mapa o limite da exploração? (identificar no mapa): \_\_\_\_\_ n<sup>o</sup> parcelas

#### 3.3. Nesta(s) área(s) o que é que lá tem?

3.3.1. N <sup>o</sup> parcela	3.3.2. Nome ocupação/uso solo	3.3.3. ha	3.3.4. Irrigação	3.3.5. Mobilização	3.3.6. Adubação
-------------------------------	-------------------------------	-----------	------------------	--------------------	-----------------

**Irrigação:** 1 Sulcos tradicionais, 2 aspersão (aspersores, canhão, pivot), 3 gota-a-gota, 4 micro-aspersão, 5 não faz (mangueira/regador)

**Mobilização:** 1 Não mobilização, 2 Sementeira directa, 3 Mobilização reduzida (escarificador), 4 Mobilização reduzida (escarificador + grades), 5 Sistema de lavoura (charrua), 6 Outra

**Adubação:** 1 Orgânica, 2 Química

	<input type="checkbox"/> Montado	Sub-coberto <input type="checkbox"/> P <input type="checkbox"/> C	P _____ C _____	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
<input type="checkbox"/> Olival	<input type="checkbox"/> SI <input type="checkbox"/> T <input type="checkbox"/>	Sub-coberto <input type="checkbox"/> P <input type="checkbox"/> C	P _____ C _____	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
<input type="checkbox"/> Vinha				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
<input type="checkbox"/> Pastagem/Prado				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
<input type="checkbox"/> Cereais/forragens				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2
				1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	1	2

#### 3.4. Que gado tem?

3.4.1. Tipo de gado	3.4.2. N <sup>o</sup> Adultos (nos bovinos Adultos > de 2 anos e Reposição 6 meses a 2 anos)	3.4.3. N <sup>o</sup> médio de crias ano	3.4.4. Raças autóctones (A) Cruzadas (C)	3.4.5. Área pastoreio (ha) e encabeçamento médio (CN/ha)	3.4.6. Regime Extensivo Semi-Extensivo/Intensivo-confinamento ou estabulação	3.4.7. Na alimentação do gado que % vem de fora? 1. Tudo (+90%) 2. Muito (50-89%) 3. Médio (26-49%) 4. Pouco (1-25%) 5. Nada (0%)	3.4.8. Alimentação de fora? - escassez OU produtividade
<input type="checkbox"/> Bovino	Adultos		A C		E SE I	1 2 3 4 5	E P
	Reposição						
<input type="checkbox"/> Ovino			A C		E SE I	1 2 3 4 5	E P
<input type="checkbox"/> Caprino			A C		E SE I	1 2 3 4 5	E P
<input type="checkbox"/> Suíno	F reprod.		A C		E SE I	1 2 3 4 5	E P
	Resto						
			A C		E SE I	1 2 3 4 5	E P
			A C		E SE I	1 2 3 4 5	E P
			A C		E SE I	1 2 3 4 5	E P

#### 3.5. Faz controlo de matos?

1.  S  2.  N

3.5.1. <b>Porquê?</b> (Assinalar 2 razões com ordem de importância)	1. ①② Conservação da natureza	4. ①② Falta de tempo	7. ①② Incêndios
	2. ①② Impossibilidade de acesso	5. ①② Manutenção/limpeza	8. ①② Não tem matos
	3. ①② Falta de trabalho assalariado	6. ①② Impossibilidade física	9. ①② Outras _____

3.5.2. **Como faz?** 1.  Corta-matos 2.  Mobilização 3.  Gado 4.  Outros \_\_\_\_\_

3.6.1 Se pudesse aumentaria a área irrigada? 1.  S  2.  N

<b>3.6.2 Tem vindo a reduzir a mobilização?</b>	<b>1.</b> S <input type="checkbox"/>	<b>2.</b> N <input type="checkbox"/>	
<b>3.6.3 Faz algum uso de energias renováveis?</b>	<b>1.</b> S <input type="checkbox"/>	<b>2.</b> N <input type="checkbox"/>	
<b>3.7.(1,2 e 3) Porquê?</b>	<b>1.</b> ①②③ Ambiente <b>2.</b> ①②③ Rendimento	<b>3.</b> ①②③ Limitações de gestão <b>4.</b> ①②③ Está bem assim	<b>5.</b> ①②③ Outros _____

<b>4. PASSADO-FUTURO</b>			
<b>4.1. Que modificações realizou na exploração, nos últimos 10 anos?</b> <small>(Das assinaladas, marcar 1 mais importante)</small>  <b>4.1.1. Porquê?</b> <small>(Assinalar todas as enunciadas)</small>	<b>1.</b> ①② <b>Melhoria da produção</b> (modo produção, pastagens melhoradas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>2.</b> ①② <b>Infra-estruturas agrícolas</b> (barracões, rega, cercas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>3.</b> ①② <b>Tecnologia</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>4.</b> ①② <b>Diversificação agricultura</b> (+ culturas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>5.</b> ①② <b>Diversificação outras actividades</b> (percursos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>6.</b> ①② <b>+Culturas intensivas/+Animais</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>7.</b> ①② <b>+Matos/-Áreas produtivas/-Animais</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>8.</b> ①② <b>Melhoria património/limpeza</b> (casa, matos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>9.</b> ①② <b>Outros</b> _____	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>10.</b> ①② <b>Nenhuma/Mantive</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<b>4.2. Que modificações pensa realizar no futuro?</b> <small>(Das assinaladas, marcar 1 mais importante)</small>  <b>4.2.1. Porquê?</b> <small>(Assinalar todas as enunciadas)</small>	<b>1.</b> ①② <b>Produção</b> (modo produção, pastagens melhoradas, alimentação animal)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>2.</b> ①② <b>Infra-estruturas agrícolas</b> (barracões, rega, cercas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>3.</b> ①② <b>Tecnologia</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>4.</b> ①② <b>Diversificação agricultura</b> (+ culturas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>5.</b> ①② <b>Diversificação outras actividades</b> (percursos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>6.</b> ①② <b>+ Culturas intensivas/+Animais</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>7.</b> ①② <b>+ Matos/-Áreas produtivas/-Animais</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>8.</b> ①② <b>Património/limpeza</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>9.</b> ①② <b>Outros</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>10.</b> ①② <b>Nenhuma/Manter</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
			<b>1.</b> <input type="checkbox"/> <b>Acesso a conhecimento/informação</b> (associação, vizinhos) <b>2.</b> <input type="checkbox"/> <b>Aumento rendimento</b> (subsídios, culturas mais rentáveis) <b>3.</b> <input type="checkbox"/> <b>Incapacidade</b> (financeira/física/tempo) <b>4.</b> <input type="checkbox"/> <b>Motivação pessoal</b> (interesse outras actividades; qualidade de vida) <b>5.</b> <input type="checkbox"/> <b>Ambientais/biofísicas</b> (>eficiência energética; >sustentabilidade) <b>6.</b> <input type="checkbox"/> <b>Gestão mais eficiente</b> <b>7.</b> <input type="checkbox"/> <b>Melhoria estética</b> <b>8.</b> <input type="checkbox"/> <b>Está tudo bem</b> <b>9.</b> <input type="checkbox"/> <b>Outros</b> _____

<b>5. CENÁRIOS</b>			
<b>5.1. Quais os cenários futuros gostaria mais de ver para o concelho?</b> (Responda no máximo 2 com ordem de importância)	<b>1.</b> ①② Espaços mais naturalizados (+ áreas de árvores e matos)	<b>5.</b> ①② Aumento do Turismo	
	<b>2.</b> ①② Intensificação da Agricultura (aumento área de regadio)	<b>6.</b> ①② Aposta na Conservação da natureza	
<b>5.1.1. Porquê?</b>	<b>3.</b> ①② Extensificação da Agricultura/pastoreio extensivo	<b>7.</b> ①② Aposta na Caça	
	<b>4.</b> ①② Floresta de Produção em terras agrícolas	<b>8.</b> ①② Outros _____	
<b>5.2. Que característica considera fundamental para a gestão de uma exploração agrícola de sucesso neste concelho?</b> (máximo 2 com ordem de importância)	<b>1.</b> ①② Introdução de novas tecnologias	<b>5.</b> ①② Aposta em produtos de qualidade	
	<b>2.</b> ①② Aposta na produção intensiva	<b>6.</b> ①② Aposta na produção biológica	
	<b>3.</b> ①② Promoção de actividades não ligadas á agricultura	<b>7.</b> ①② Outra _____	
	<b>4.</b> ①② Diversificação agricultura		

<b>5. RELAÇÃO COM VIZINHOS &amp; ASSOCIAÇÕES</b>			
<b>6.1 Colabora com algum vizinho (agricultor ou não)?</b>	<b>1.</b> S <input type="checkbox"/>	<b>2.</b> N <input type="checkbox"/>	

6.1.1. ① O que sente que recebe?	1. ①② Conhecimento	3. ①② Máquinas	5. ①② Outros _____
6.1.2. ② O que sente que dá?	2. ①② Ajuda directa (trabalho)	4. ①② Cedência de área/terreno	
6.2 Colabora (tem papel activo) com alguma associação/instituição?		1. S <input type="checkbox"/>	2. N <input type="checkbox"/>
6.2.1 Quais?	1. <input type="checkbox"/> _____	2. <input type="checkbox"/> _____	3. <input type="checkbox"/> _____
6.2.2 <u>Quais as vantagens?</u>	1. <input type="checkbox"/> Apoio em papelada/sanidade	3. <input type="checkbox"/> Conhecimento e educação	5. <input type="checkbox"/> outros _____
	2. <input type="checkbox"/> Esquemas de comercialização	4. <input type="checkbox"/> Interação/comunidade local	6. <input type="checkbox"/> Nenhuma
6.2.3 Numa escala de 1. Muito bom a 4. Mau, <u>Como avalia o seu desempenho?</u>	Associação 1.	1. <input type="checkbox"/> Muito bom	2. <input type="checkbox"/> Bom
	Associação 2.	1. <input type="checkbox"/> Muito bom	2. <input type="checkbox"/> Bom
	Associação 3.	1. <input type="checkbox"/> Muito bom	2. <input type="checkbox"/> Bom
		3. <input type="checkbox"/> Suficiente	3. <input type="checkbox"/> Mau
		3. <input type="checkbox"/> Suficiente	3. <input type="checkbox"/> Mau
		3. <input type="checkbox"/> Suficiente	3. <input type="checkbox"/> Mau

7 PRODUÇÃO & OUTRAS ACTIVIDADES			
7.1 <u>Tem algum tipo de produção especial?</u>	1. <input type="checkbox"/> Biológica certificada	3. <input type="checkbox"/> Integrada	4. <input type="checkbox"/> Outra _____
	2. <input type="checkbox"/> Biológica Não certificada	5. <input type="checkbox"/> Não tem	
7.1.2 <u>Porque é que faz/não faz esta produção especial?</u> (Uma razão)	1. <input type="checkbox"/> Ambientais	3. <input type="checkbox"/> Qualidade produtos	5. <input type="checkbox"/> exigências
	2. <input type="checkbox"/> Mais rendimento (oportunidade mercado)	4. <input type="checkbox"/> Burocracia	6. <input type="checkbox"/> Outra _____
7.2 <u>Quais os principais produtos que saem da exploração?</u>	1. ①② Cortiça	3. ①② hortícolas	9. ①② carne
	2. ①② Madeira	4. ①② forragens	10. ①② leite
		5. ①② fruta	11. ①② lã
		6. ①② uva	12. ①② azeite
		7. ①② azeitona	13. ①② vinho
		8. ①② cereais/forragens	14. ①② Agro/turismo rural
			15. ①② Serviços sociais
			16. ①② Energia/Carbono
			17. ①② Outros _____
			18. ①② Não saem produtos
7.3 <u>Onde escoam os produtos?</u>	1. <input type="checkbox"/> Intermediário	3. <input type="checkbox"/> Consumo familiar	5. <input type="checkbox"/> Cooperativa (dimensão G/P)
	2. <input type="checkbox"/> Venda directa ao consumidor	4. <input type="checkbox"/> Mercado local	6. <input type="checkbox"/> Grande cadeia supermercados
			7. <input type="checkbox"/> Venda directa industrias
			8. <input type="checkbox"/> Exportação
			9. <input type="checkbox"/> Leilão
7.3.1 <u>Porquê?</u>	1. <input type="checkbox"/> Maior lucro	3. <input type="checkbox"/> Associação	5. <input type="checkbox"/> Não tem outra
	2. <input type="checkbox"/> Gastos deslocações (combustível)	4. <input type="checkbox"/> Relação com consumidor	alternativa/Produção insuficiente
7.4 <u>Daquilo que produz, quanto é vendido?</u> (%)	1. <input type="checkbox"/> Tudo (+ 90%) (orientação para o mercado)	4. <input type="checkbox"/> Pouco (1-25%)	
	2. <input type="checkbox"/> Muito (50%-90%)	5. <input type="checkbox"/> Nada (0%) (subsistência   hobby)	
	3. <input type="checkbox"/> Medio (26- 49%)		
7.5 <u>Tem alguma marca associada (a algum produto ou serviço)?</u>	1. <input type="checkbox"/> Sim		2. <input type="checkbox"/> Não
7.5.1 <u>Que vantagens vê em ter uma marca associada?</u> (DOP, Biológico...)	1. <input type="checkbox"/> Valorização do produto (> rendimento)	3. <input type="checkbox"/> Estímulo para conhecer melhor a região (+visitantes)	
	2. <input type="checkbox"/> Valorização de técnicas ancestrais da região (tradição e cultura)	4. <input type="checkbox"/> Acompanhamento/conhecimento	
		5. <input type="checkbox"/> Nenhuma/Não sabe	6. Outro _____
7.6 <u>Que actividades existem na exploração?</u>	1. ①② Turismo	⊙	
	2. ①② Caça	⊙	1. <input type="checkbox"/> Rendimento monetário
	3. ①② Apicultura	⊙	2. <input type="checkbox"/> Rendimento por bens
	4. ①② Percursos pedestres	⊙	3. <input type="checkbox"/> Interesse pessoal
	5. ①② Apanha espargos, cogumelos, ervas aromáticas	⊙	4. <input type="checkbox"/> Interesse comunidade
7.6.1 <u>Qual é a razão??</u>	6. ①② Outra _____	⊙	5. <input type="checkbox"/> Outros _____
	7. <input type="checkbox"/> Nenhuma	⊙	
7.7 <u>Faz alguma gestão específica, para estas funções/actividades?</u>	1. S <input type="checkbox"/> Turismo <input type="checkbox"/> Caça <input type="checkbox"/> Apicultura <input type="checkbox"/> Percursos <input type="checkbox"/> Apanha espargos/cogumelos <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/>		
	2. N <input type="checkbox"/>		
7.8 <u>Se não promove ou não existe nenhuma actividade, porque não?</u>	1. <input type="checkbox"/> Sem interesse	5. <input type="checkbox"/> Falta de apoio (burocracia, aspectos legais)	
	2. <input type="checkbox"/> Incapacidade financeira	6. <input type="checkbox"/> Não sei /Falta conhecimento	
	3. <input type="checkbox"/> Existência de conflitos	7. <input type="checkbox"/> Não gosto (não quero ninguém na propriedade)	
	4. <input type="checkbox"/> Características da exploração não permitem	8. <input type="checkbox"/> Outros _____	

## 8 OUTROS COLABORADORES NA GESTÃO

### 8.1. Tem alguma área ou atividade na exploração que seja gerida por outra pessoa/associação, de forma mais ou menos independente

(p. ex. caça, horta, olival, ...)? **1. S**  **2. N**

8.1.1	8.1.2	8.1.3	8.1.4	8.1.5	8.1.6 e 8.1.7	
Multi-gestores (nº, nome, contacto, nºparcela)	Influência sobre a gestão:	Que actividade/área gere?	área (ha)?	Porque é que considera estes tipos de gestão benéficos para o funcionamento da exploração?	Considera que existem conflitos entre a sua gestão e alguma destas? Quais?	
1 Gestão específica 1S <input type="checkbox"/> 2.N <input type="checkbox"/> Nome: Contacto:	<input type="checkbox"/> Elevada <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Reduzida <input type="checkbox"/> Nenhuma	<input type="checkbox"/> Caça <input type="checkbox"/> Pastagens   pecuária <input type="checkbox"/> Hortícolas <input type="checkbox"/> Apicultura <input type="checkbox"/> Outra _____		<input type="checkbox"/> Rendimento monetário <input type="checkbox"/> Bens & Serviços <input type="checkbox"/> Comunidade <input type="checkbox"/> Manutenção do espaço <input type="checkbox"/> Conhecimento <input type="checkbox"/> Outro _____	1.S <input type="checkbox"/> 2.N <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Perturbação da atividade principal <input type="checkbox"/> Falta de respeito <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - solos <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - arvoredos <input type="checkbox"/> Outra _____
2 Gestão específica 1S <input type="checkbox"/> 2.N <input type="checkbox"/> Nome: Contacto:	<input type="checkbox"/> Elevada <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Reduzida <input type="checkbox"/> Nenhuma	<input type="checkbox"/> Caça <input type="checkbox"/> Pastagens   pecuária <input type="checkbox"/> Hortícolas <input type="checkbox"/> Apicultura <input type="checkbox"/> Outra _____		<input type="checkbox"/> Rendimento monetário <input type="checkbox"/> Bens & Serviços <input type="checkbox"/> Comunidade <input type="checkbox"/> Manutenção do espaço <input type="checkbox"/> Conhecimento <input type="checkbox"/> Outro _____	1.S <input type="checkbox"/> 2.N <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Perturbação da atividade principal <input type="checkbox"/> Falta de respeito <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - solos <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - arvoredos <input type="checkbox"/> Outra _____
3	<input type="checkbox"/> Elevada <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Reduzida <input type="checkbox"/> Nenhuma	<input type="checkbox"/> Caça <input type="checkbox"/> Pastagens   pecuária <input type="checkbox"/> Hortícolas <input type="checkbox"/> Apicultura <input type="checkbox"/> Outra _____		<input type="checkbox"/> Rendimento monetário <input type="checkbox"/> Bens & Serviços <input type="checkbox"/> Comunidade <input type="checkbox"/> Manutenção do espaço <input type="checkbox"/> Conhecimento <input type="checkbox"/> Outro _____	1.S <input type="checkbox"/> 2.N <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Perturbação da atividade principal <input type="checkbox"/> Falta de respeito <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - solos <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - arvoredos <input type="checkbox"/> Outra _____
4	<input type="checkbox"/> Elevada <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Reduzida <input type="checkbox"/> Nenhuma	<input type="checkbox"/> Caça <input type="checkbox"/> Pastagens   pecuária <input type="checkbox"/> Hortícolas <input type="checkbox"/> Apicultura <input type="checkbox"/> Outra _____		<input type="checkbox"/> Rendimento monetário <input type="checkbox"/> Bens & Serviços <input type="checkbox"/> Comunidade <input type="checkbox"/> Manutenção do espaço <input type="checkbox"/> Conhecimento <input type="checkbox"/> Outro _____	1.S <input type="checkbox"/> 2.N <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Perturbação da atividade principal <input type="checkbox"/> Falta de respeito <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - solos <input type="checkbox"/> Sobre pastoreio - arvoredos <input type="checkbox"/> Outra _____

## 9. SUBSÍDIOS E POLÍTICAS

Nº

<b>9.1. Que subsídios recebe?</b> (Mostrar listagem em folha auxiliar, se necessário)	<b>1.RPU</b>	SP1 <input type="checkbox"/>
	<b>2.Ajudas à produção</b>	SP2 <input type="checkbox"/>
	<b>3.Pagamentos Complementares</b>	SP3 <input type="checkbox"/> SP4 <input type="checkbox"/> SP5 <input type="checkbox"/>
	<b>4.Medidas Agro-ambientais</b>	SP6 <input type="checkbox"/> SP7 <input type="checkbox"/> SP8 <input type="checkbox"/>
	<b>5.Manutenção act. Agrícola em Zonas Desfavorecidas</b>	SDR1 <input type="checkbox"/> SDR2 <input type="checkbox"/> SDR3 <input type="checkbox"/> SDR4 <input type="checkbox"/>
	<b>6.Medidas Agro-ambientais e Silvo-ambientais</b>	SDR5 <input type="checkbox"/> SDR6 <input type="checkbox"/> SDR7 <input type="checkbox"/> SDR8 <input type="checkbox"/>
	<b>7.Intervenções Territoriais Integradas, agro-ambiental</b>	SDR 8 <input type="checkbox"/> SDR9 <input type="checkbox"/> SDR10 <input type="checkbox"/> SDR11 <input type="checkbox"/> SDR19 <input type="checkbox"/> SDR20 <input type="checkbox"/> SDR21 <input type="checkbox"/> SDR22 <input type="checkbox"/> SDR23 <input type="checkbox"/> SDR24 <input type="checkbox"/>
	<b>8.Intervenções Territoriais Integradas, silvo-ambiental</b>	SDR 12 <input type="checkbox"/> SDR 13 <input type="checkbox"/> SDR 14 <input type="checkbox"/> SDR 15 <input type="checkbox"/> SDR 16 <input type="checkbox"/> SDR 17 <input type="checkbox"/> SDR18 <input type="checkbox"/>
<b>9.1.1. Qual é o peso (%) aproximado(a) dos subsídios no seu rendimento total?</b> – incluindo RPU	1. <input type="checkbox"/> Reduzido (< 25%) 2. <input type="checkbox"/> Médio reduzido (25-49%)	3. <input type="checkbox"/> Médio elevado (50-75%) 4. <input type="checkbox"/> Elevado (> 75%)
<b>9.1.2 Se não tem nenhum subsídio, porquê?</b>	1. <input type="checkbox"/> Não elegível	2. <input type="checkbox"/> Burocracia/exigências
	3. <input type="checkbox"/> Ideológico	4. <input type="checkbox"/> Outro _____
<b>9.2. Considera estar dentro de uma área protegida:</b>	1. Um problema <input type="checkbox"/> 2. Uma vantagem <input type="checkbox"/> 3. Ambas <input type="checkbox"/> 4. Não sabe/nenhuma <input type="checkbox"/>	
<b>9.2.1 Porquê?</b> (Assinalar a mais importante)	1. <input type="checkbox"/> Ambiente	2. <input type="checkbox"/> Rendimento
	3. <input type="checkbox"/> Limitações de gestão	4. <input type="checkbox"/> Outro _____

## 10. PAISAGEM

<b>10.1. O que as pessoas de fora valorizam quando vêm a esta zona?</b> (Diga 2 razões com ordem de importância)	1. ①② Natureza	5. ①② Lazer & desporto
	2. ①② Agricultura	6. ①② Cores, cheiros
	3. ①② Cultura local & Tradições	7. ①② Vistas, cenários
	4. ①② Montes, monumentos & muros	8. ①② Outras _____
<b>10.1.1. A gestão na sua exploração contribui para algum destes pontos? Quais?</b> (Diga 2 razões com ordem de importância)	1. ①② Natureza	5. ①② Lazer & desporto
	2. ①② Agricultura	6. ①② Cores, cheiros
	3. ①② Cultura local & Tradições	7. ①② Vistas, cenários, diversidade
	4. ①② Montes, monumentos & muros	8. ①② Outras _____
<b>10.2. Se tivesse que tirar uma fotografia de um local que goste</b>	<b>10.2.1.</b> 1. <input type="checkbox"/> Morfologia (serra/monte, planície/vale, encosta)	9. <input type="checkbox"/> Edificado agrícola (barracão, silo, lagar) 10. <input type="checkbox"/> Edificado não agrícola (barragem, casa)

<p><b>aqui no concelho, a que tirava?</b></p> <p><b>1. Na exploração</b> <input type="checkbox"/></p> <p><b>2. Fora da exploração</b> <input type="checkbox"/></p>	<p><b>2.</b> <input type="checkbox"/> Agricultura extensiva (cereal, pastagens)</p> <p><b>3.</b> <input type="checkbox"/> Agricultura intensiva (vinha, hortícolas)</p> <p><b>4.</b> <input type="checkbox"/> Montado</p> <p><b>5.</b> <input type="checkbox"/> Olival Tradicional</p> <p><b>6.</b> <input type="checkbox"/> Mosaico (pequenas hortas, pomares)</p> <p><b>7.</b> <input type="checkbox"/> Elementos agricultura Naturais (árvores isoladas, animais)</p> <p><b>8.</b> <input type="checkbox"/> Elementos agricultura Artificiais (cercas, trator)</p>	<p><b>11.</b> <input type="checkbox"/> Património (muros em pedra, elem. arqueológicos, monte)</p> <p><b>12.</b> <input type="checkbox"/> Natureza/Ambiente (fauna, flora/matos, afloramentos rochosos, água)</p> <p><b>13.</b> <input type="checkbox"/> Aspectos estéticos e sensoriais (cor, luz, estações ano)</p> <p><b>14.</b> <input type="checkbox"/> Outros _____</p>
<p><b>10.2.2. Porquê?</b> (Diga 2 razões com ordem de importância)</p>	<p><b>1.</b> ①② <b>Apreciação estética e sensorial</b> (diversificação, vistas, cheiros, cores, porque gosto)</p> <p><b>2.</b> ①② <b>Identidade</b> (tradição, experiência pessoal e família)</p> <p><b>3.</b> ①② <b>Factores Socioeconómicos</b> (futuro, desenvolvimento, produção, alimentação)</p> <p><b>4.</b> ①② <b>Ambiente &amp; Natureza</b> (selvagem, conservação espécies, água)</p>	<p><b>5.</b> ①② <b>Amenidades</b> (lazer/recreio, caça, etc.)</p> <p><b>6.</b> ①② <b>Outros</b> _____</p>

11. AFIRMAÇÕES					
	1-Concordo completamente	2-Concordo	3-Não concordo, nem discordo	4-Discordo	5-Discordo totalmente
1	O estado tem a capacidade de regenerar a agricultura.				
2	Os subsídios, nas condições actuais, são essenciais para a actividade agrícola.				
3	A actividade agrícola pode existir de futuro mesmo sem subsídios				
4	O estado ou outra entidade pública não devem ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.				
5	O fim dos subsídios (ajudas à produção) conduzem ao abandono das terras.				
6	Os produtos devem ser comercializados o mais perto possível do local de produção.				
7	Os produtos devem ser maioritariamente vendidos em grandes superfícies.				
8	É obrigação do produtor participar em campanhas de informação ao consumidor.				
9	Os produtos vindos de outras partes do mundo são positivos para a agricultura local.				
10	O associativismo é essencial para a agricultura.				
11	Uma comunidade local dinâmica incentiva os agricultores e gestores a continuarem as suas actividades.				
12	O crescente interesse e fixação de pessoas de fora (urbanos) nesta área é positivo.				
13	A agricultura tem um papel central nas áreas rurais.				
14	Investir noutras actividades para além da agricultura permite aumentar o rendimento da exploração.				
15	A qualidade da terra (solo & relevo) não afecta a gestão que se faz nela.				
16	A utilização de químicos no solo piora a qualidade da terra.				
17	Sempre que estou convicto de uma nova ideia para a exploração levo-a até ao fim.				
18	Correndo riscos tenho mais hipóteses de sucesso				
19	Relacionar-me com pessoas diferentes permite solucionar melhor os problemas na exploração.				
20	Consigo motivar as pessoas em volta para um objectivo comum.				
21	As decisões mais importantes na exploração são tomadas sem consultar ninguém.				

Fonte: Projeto de investigação PTDC/CS-GEO/110944/2009 :Processos de Transição: Inovação e Estratégias de Gestão na Exploração Agrícola, Universidade de Évora e Instituto Superior de Agronomia

**Anexo 2** Quadro B Variáveis discriminantes por ordem de importância

Variável	Importância
A exploração encontra-se dentro da seguinte classe de encabeçamento:	1
Tipo de comercialização pecuária	0,95
Produz bovinos?	0,76
Tem horta familiar ou árvores de fruto dispersas?	0,72
Produz ovinos?	0,61
Tem montado?	0,52
Faz produção de gado?	0,51
Utiliza raças autóctones ou cruzadas de autóctones?	0,51
% de alimentação pecuária comprada ao exterior	0,42
Produz aves?	0,32
Tem prado/pastagem?	0,22
Tem cereais?	0,13
Produz pinhal?	0,12
Produz caprinos?	0,11
Tem pecuária intensiva?	0,1
Tem reflorestação de sobreiros?	0,07
Tem equídeos?	0,07
Tem vinha?	0,05
Produz suínos?	0,05
Tem produção intensiva de hortícolas?	0,05
Produz outras espécies animais?	0,04
Tem pomar?	0,04
Tem olival tradicional?	0,04
Tem eucaliptal?	0,03
Tem povoamento florestal misto?	0,02
Tem olival irrigado?	0,02
Tem matos?	0,02
Tem produção de plantas ornamentais?	0,01

Fonte: Elaboração própria – Análise TwoStep Cluster

### Anexo 3 Quadro C Variáveis descritivas por ordem de importância

Variáveis (Foi mencionado que...)	Importância
Produz carne?	0,73
Qual a % aproximada do que é vendido?	0,69
Qual a área total da exploração?	0,66
Recebe RPU?	0,55
Produz hortícolas?	0,51
Recebe ajudas à produção?	0,49
Escoa os produtos através do consumo familiar?	0,48
Comercializa cortiça?	0,44
Qual o peso aproximado dos subsídios no rendimento total da exploração?	0,38
Não recebe subsídios porque não é elegível?	0,37
O objetivo da exploração é essencialmente:	0,34
Qual a sua principal produção?	0,34
A mão-de-obra na exploração é maioritariamente:	0,31
Escoa os produtos dessa forma para obter maior lucro?	0,3
Qual a sua escolaridade?	0,27
O seu rendimento familiar depende essencialmente:	0,26
Escoa os produtos através do leilão?	0,26
Não existem outras pessoas com atividades na sua exploração porque as características da exploração não permitem?	0,26
Vende os produtos dessa forma porque não tem alternativa?	0,25
A atividade agrícola pode existir de futuro mesmo sem subsídios.	0,23
Colabora com quantas associações d carácter facultativo?	0,22
Recebe medidas agro-ambientais?	0,22
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava à agricultura em mosaico?	0,22
Escoa os produtos diretamente à indústria?	0,21
Faz essas atividades no campo por motivos económicos?	0,2
Quantas atividades existem promovidas por outras pessoas na sua exploração?	0,2
Tem vindo a reduzir as mobilizações no solo?	0,2
Qual a sua principal atividade profissional?	0,19
Natureza jurídica	0,19
Como obteve os conhecimentos de agricultura que possui?	0,19
Faz essas atividades no campo pela qualidade dos produtos?	0,19
As alterações feitas foram por motivos económicos?	0,19
As alterações que vai fazer no futuro, ou não, são por incapacidade?	0,19
Faz produção integrada?	0,19
Se pudesse aumentaria a área irrigada?	0,17
Residência urbano/rural	0,15
Mecanização/mobilização do solo	0,14
Nos últimos 10 anos apostou em deixar tudo como tinha?	0,14
Escoa os produtos através da venda direta ao consumidor?	0,14
Não existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração porque não tem interesse?	0,14
Infância urbano/rural	0,13
No futuro pensa alterar o modo de produção?	0,13
No futuro não vai fazer alterações porque não tem necessidade?	0,13
Considera estar dentro de uma área protegida: (vantagem, problema, ambos)	0,13
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava ao montado?	0,13
Porque considera estar dentro de uma área protegida uma vantagem/problema/ambas?	0,12

Adubação	0,11
A sua gestão contribui para quais destes pontos? (opção1)	0,1
Qual o concelho onde passou a sua infância?	0,1
Gostava que alguém ficasse a gerir a sua exploração para esta ficar na família?	0,1
Idade	0,1
Nos últimos 10 anos apostou em melhorar a produção?	0,1
Tecnologias de irrigação	0,1
Faz produção especial por motivos económicos?	0,1
Faz agricultura?	0,09
As alterações que vai fazer no futuro são por motivos económicos?	0,09
Qual o cenário que gostaria de ver para a agricultura? (1ªopção)	0,09
Não faz produção especial porque as características da exploração não permitem?	0,09
Escoa os produtos através de intermediário?	0,09
Outras pessoas promovem caça na sua exploração?	0,09
Existe outras pessoas a gerir atividades na sua exploração por motivos económicos para si?	0,09
A exploração foi herdada?	0,08
Gostava que alguém continuasse a gerir a sua exploração pela qualidade de vida?	0,08
Tem apostado em energias renováveis?	0,08
No futuro vai manter tudo como tem agora?	0,08
A escolha dos cenários deve-se a motivos ambientais?	0,08
Faz produção biológica não certificada?	0,08
Produce azeite?	0,08
Produce leite?	0,08
Escoa os produtos através de uma associação/cooperativa?	0,08
Outras pessoas promovem apicultura na sua exploração?	0,08
Os subsídios, nas condições atuais, são essenciais para a atividade agrícola.	0,08
As decisões mais importantes na exploração são tomadas sem consultar ninguém.	0,07
Principal atividade que faz no campo	0,07
Porque reduziu, ou não, a mobilização na terra?	0,07
Qual a principal modificação para o futuro?	0,07
No futuro vai apostar na diversificação?	0,07
A escolha dos cenários deve-se a motivos económicos?	0,07
Não faz produção especial por desconhecimento?	0,07
Produce lã?	0,07
Existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração devido ao rendimento por bens e serviços que daí advêm?	0,07
Que tempo dedica à atividade agrícola?	0,06
Qual a principal modificação que fez nos últimos 10 anos?	0,06
Nos últimos 10 anos apostou no aumento de produção?	0,06
As alterações nos últimos 10 anos foram por incapacidade?	0,06
Não ter havido alterações nos últimos 10 anos foi por não haver necessidade?	0,06
As alterações que vai fazer no futuro são por outros motivos não mencionados?	0,06
Quantas atividades há promovidas por si na exploração?	0,06
Qual o cenário que gostaria de ver para a agricultura? (2ªopção)	0,05
Investir noutras atividades além da agricultura permite aumentar o rendimento	0,05

da exploração.	
A exploração foi herdada?	0,05
As alterações nos últimos 10 anos foram por outros motivos não mencionados?	0,05
Residência permanente	0,05
A exploração foi cedida?	0,05
Dá passeios no campo?	0,05
Faz essas atividades no campo para apreciação estética?	0,05
Faz essas atividades no campo para manutenção da campo?	0,05
Tem conhecimentos de agricultura?	0,05
Há quanto tempo faz agricultura?	0,05
Porque tem energias renováveis?	0,05
Não faz produção especial devido às exigências?	0,05
Produce energia?	0,05
Promove apanha de espargos/cogumelos na sua exploração?	0,05
Promove outras atividades não mencionadas anteriormente?	0,05
Não recebe subsídios devido à quantidade de burocracia?	0,05
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava a elementos agrícolas naturais?	0,05
Os produtos devem ser vendidos o mais perto possível do local de produção.	0,04
Os produtos vindos de outras partes do mundo são positivos para a agricultura local.	0,04
Relacionar-me com pessoas diferentes permite solucionar melhor os problemas na exploração.	0,04
O que mais valoriza na exploração é a identidade/cultura local?	0,04
O que mais valoriza na exploração é o potencial agrícola?	0,04
O que mais valoriza na exploração é a estética da casa?	0,04
O mais valoriza na exploração é a natureza/ambiente?	0,04
Gostava que alguém continuasse a gerir a sua exploração para manutenção do campo?	0,04
Faz apicultura?	0,04
Controlo o mato através da pecuária?	0,04
Nos últimos 10anos apostou em ser mais multifuncional?	0,04
No futuro pretende fazer melhorias no património?	0,04
A escolha dos cenários deve-se a questões de identidade?	0,04
A escolha dos cenários deve-se a outros motivos não mencionados?	0,04
Quais as características fundamentais para uma exploração de sucesso no concelho? (2ªopção)	0,04
Cede terreno?	0,04
Faz produção especial por motivos ambientais?	0,04
Faz produção especial pela qualidade dos produtos?	0,04
Não faz produção especial por outros motivos não mencionados anteriormente?	0,04
Produce cereais?	0,04
Produce vinho?	0,04
Promove caça na sua exploração?	0,04
O que as pessoas mais valorizam quando vêm a esta região? (opção1)	0,04
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava ao edificado agrícola?	0,04
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava à natureza?	0,04
O associativismo é essencial para a agricultura.	0,03
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava ao património?	0,03
O crescente interesse e fixação de pessoas de fora nesta área é positivo.	0,03

Decidiu viver aqui pelo isolamento?	0,03
O estado, ou outra entidade pública, não deve ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.	0,03
Existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração por interesse para a comunidade?	0,03
Existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração para manutenção do campo?	0,03
Existe outras pessoas a gerir atividades na sua exploração para ter maior controlo de quem lá está?	0,03
A presença de outras pessoas a gerir outras atividades na sua exploração é prejudicial?	0,03
Numa escala de 1 a 5, qual a sua ligação à agricultura?	0,03
Decidiu viver aqui pelo acesso a serviços/emprego?	0,03
Tem alguma profissão secundária?	0,03
Género	0,03
É caçador?	0,03
Costuma apanhar cogumelos?	0,03
Faz essas atividades no campo por ser importante para a economia familiar?	0,03
A sua exploração é maioritariamente: (herdada, arrendada, cedida)	0,03
No futuro vai apostar na diminuição da produção?	0,03
Quais as características fundamentais para uma exploração de sucesso no concelho? (opção1)	0,03
Não faz produção especial?	0,03
Possui alguma marca associada aos seus produtos?	0,03
Não existe outras pessoas a gerir atividades na sua exploração porque não gosta?	0,03
Existem outras vantagens em ter uma marca que não tenham sido mencionadas?	0,03
Não recebe subsídios por motivos ideológicos?	0,03
A sua gestão contribui para quais destes pontos (opção2)	0,03
Porque tirava essa fotografia? (opção 1)	0,03
A qualidade da terra não afeta a gestão que se faz nela.	0,02
A agricultura tem um papel central nas áreas rurais.	0,02
O estado tem a capacidade de regenerar a agricultura.	0,02
O que as pessoas mais valorizam quando vêm a esta região? (opção2)	0,02
Não vê vantagens em ter outra pessoa a gerir uma atividade na sua exploração?	0,02
Ter outra pessoa a gerir uma atividade na sua exploração tem outras vantagens não mencionadas anteriormente?	0,02
Faz essas atividades no campo pelo convívio?	0,02
Decidiu viver aqui pela eficiência na gestão da exploração?	0,02
Decidiu viver aqui por outros motivos?	0,02
Decidiu viver aqui pela qualidade de vida?	0,02
O que mais valoriza na exploração são outras coisas não mencionadas?	0,02
Gostava que no futuro alguém ficasse a gerir a sua exploração?	0,02
Gostava que alguém continuasse a gerir a sua exploração por outros motivos não mencionados?	0,02
Porque tirava essa fotografia? (opção2)	0,02
Tirava a fotografia a algo não mencionado?	0,02
Faz essas atividades no campo por motivos de saúde?	0,02

Controla os matos com roça-matos?	0,02
Faz controlo de matos através de produtos químicos?	0,02
Porque aumentaria, ou não, a área irrigada?	0,02
Nos últimos 10 anos apostou na diversificação?	0,02
Nos últimos 10 anos apostou em diminuir a produção?	0,02
No futuro vai apostar em ser mais multifuncional?	0,02
Nos últimos 10 anos vai apostar no aumento de produção?	0,02
Faz produção biológica?	0,02
Escoa os produtos para o mercado local?	0,02
Escoa os produtos dessa forma pelo associativismo?	0,02
A existência de uma marca permite uma maior valorização do produto?	0,02
Promove apicultura na sua exploração?	0,02
A utilização de produtos químicos na terra piora a sua qualidade.	0,01
O fim dos subsídios conduz ao abandono das terras.	0,01
Os produtos devem ser maioritariamente vendidos para grandes superfícies.	0,01
Faz essas atividades no campo por razões hereditárias?	0,01
Faz essas atividades no campo por outros motivos não mencionados?	0,01
Consigo motivar as pessoas em volta para um objetivo comum.	0,01
Controla os matos através de mobilização?	0,01
Não faz produção especial porque não acredita?	0,01
Produz outro produto não mencionado?	0,01
Escoa os produtos através de uma cadeia de supermercados?	0,01
Vende os produtos dessa forma pela relação com o consumidor?	0,01
A existência de uma marca permite maior reconhecimento da região?	0,01
Não sabe quais as vantagens em ter uma marca?	0,01
Promove turismo na sua exploração?	0,01
Outras pessoas promovem apanha de espargos/cogumelos na sua exploração?	0,01
Outras pessoas gerem pastagens ou horta na sua exploração?	0,01
Não existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração por incapacidade?	0,01
Não recebe subsídios por outros motivos não mencionados anteriormente?	0,01
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava à agricultura extensiva?	0,01
Se tivesse de tirar uma fotografia tirava ao olival tradicional?	0,01
Foram mencionados aspectos estéticos no local onde tirava a fotografia?	0,01
Sempre que estou convicto de uma nova ideia para a exploração, levo-a até ao fim.	0,01
Uma comunidade local dinâmica incentiva os agricultores e gestores a continuarem as suas atividades.	0
É obrigação do produtos participar em campanhas de informação ao consumidor.	0
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava a elementos agrícolas artificiais?	0
Escoa os produtos através da exportação?	0
O que mais valoriza na exploração é a estética?	0
Decidiu viver aqui pela logística familiar?	0
“Produz” turismo?	0
A exploração foi arrendada?	0
Gostaria que alguém continuasse, ou não, a gerir a sua exploração porque considera que a agricultura é/não é o futuro?	0
Costuma fazer outras coisas no campo não mencionadas anteriormente?	0
Nos últimos 10 anos fez melhorias no património?	0

A existência de uma marca permite maior acompanhamento?	0
Faz controlo de matos de outra forma não mencionada anteriormente?	0
Outras pessoas promovem turismo na sua exploração?	0
Não existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração porque não há apoios?	0
Não existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração pela existência de conflitos?	0
Não existem outras pessoas a gerir atividades na sua exploração por outros motivos não mencionados?	0
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava dentro ou fora da exploração?	0
Se tivesse de tirar uma fotografia, tirava à agricultura intensiva?	0
Se tivesse de tirar uma fotografia tirava à morfologia do terreno?	0
Correndo riscos tenho mais hipóteses de sucesso.	0

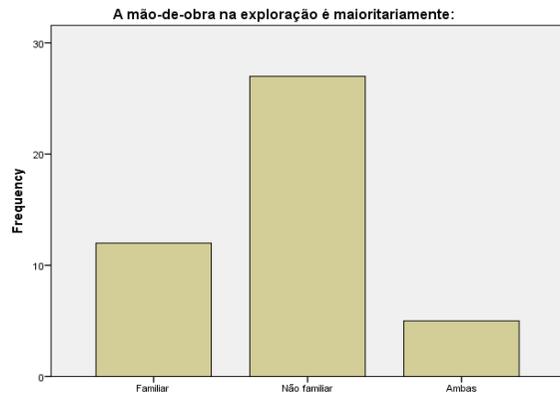
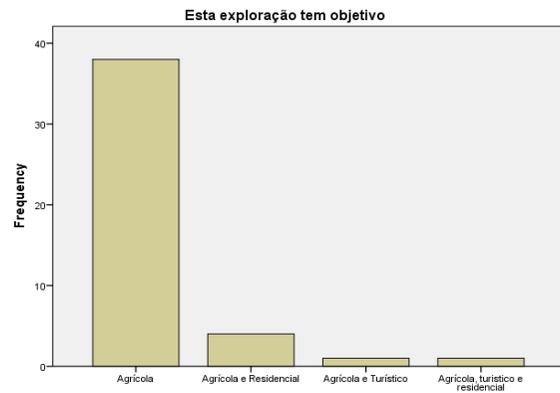
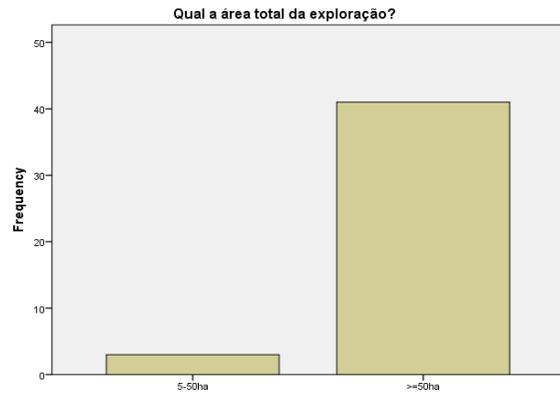
Fonte: Elaboração própria – Análise TwoStep Cluster

 Variáveis utilizadas na descrição dos clusters (Capítulo 5.1)

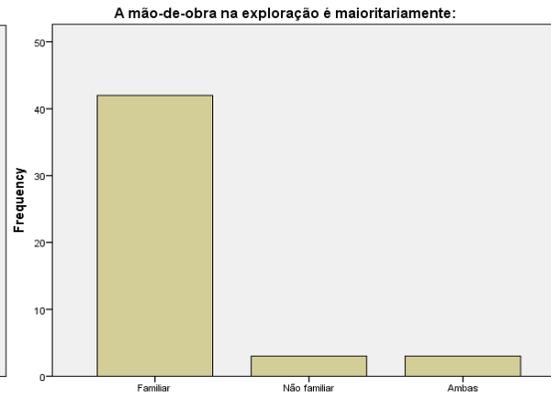
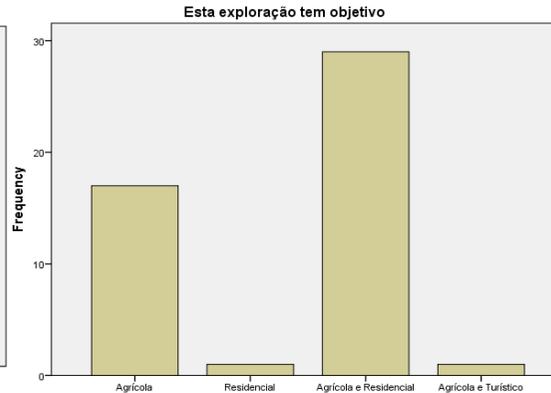
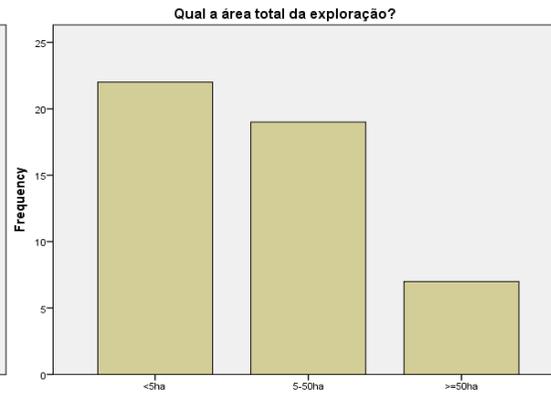




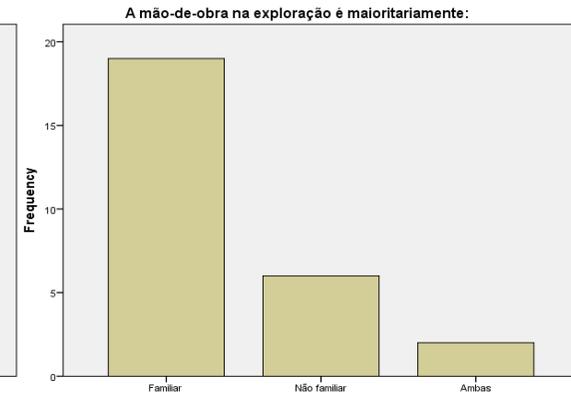
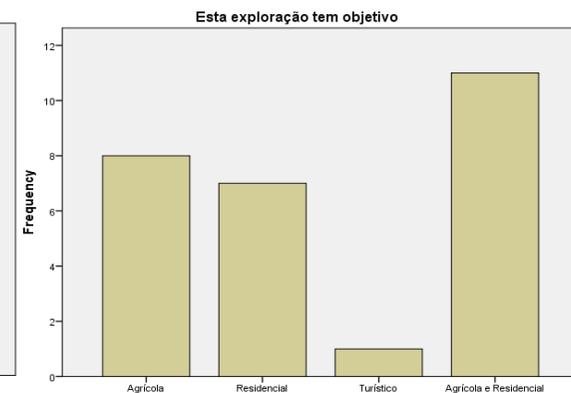
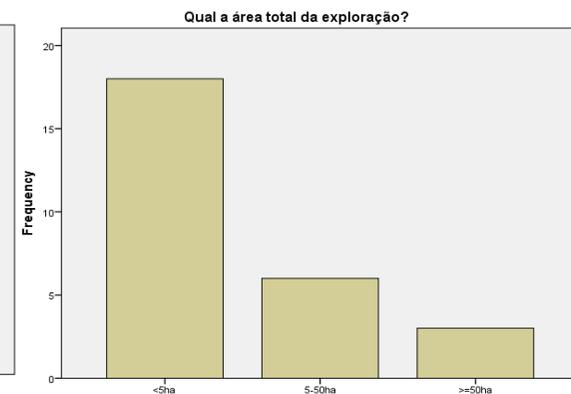
**CLUSTER 1**

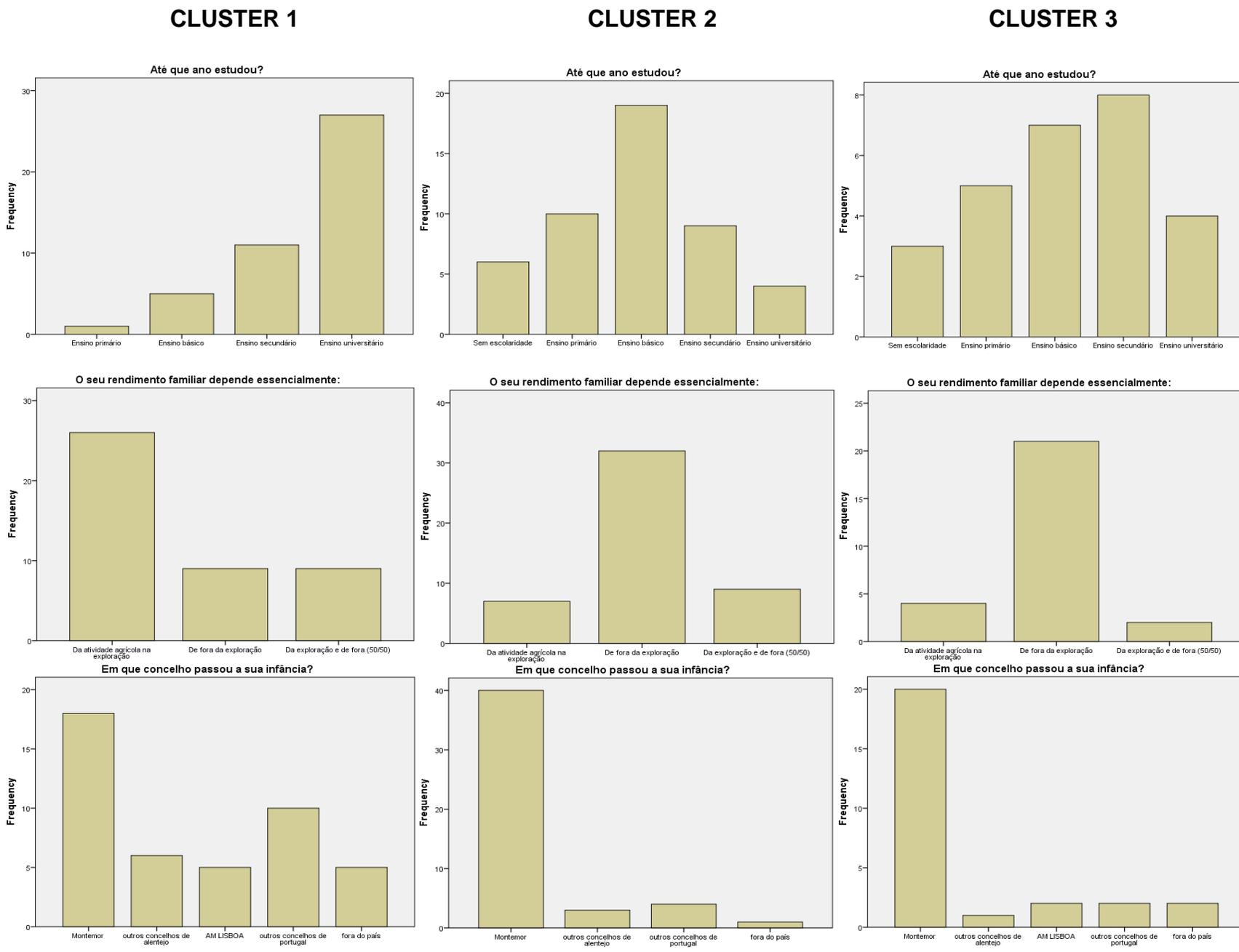


**CLUSTER 2**

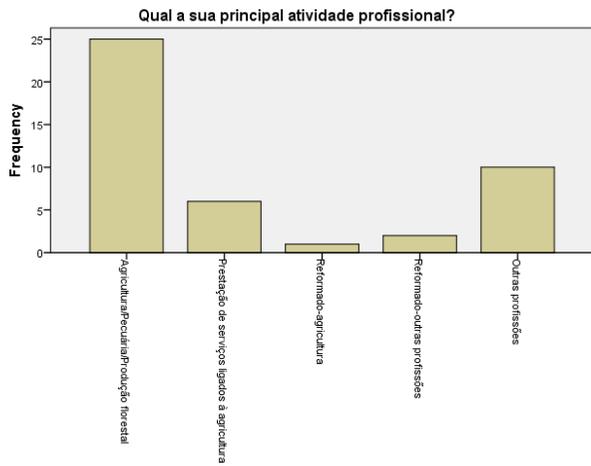


**CLUSTER 3**

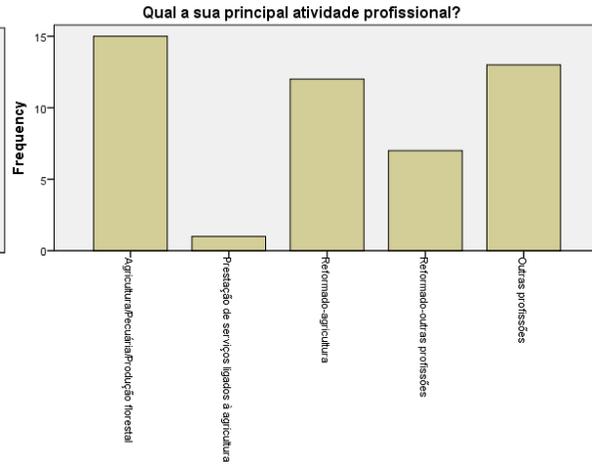




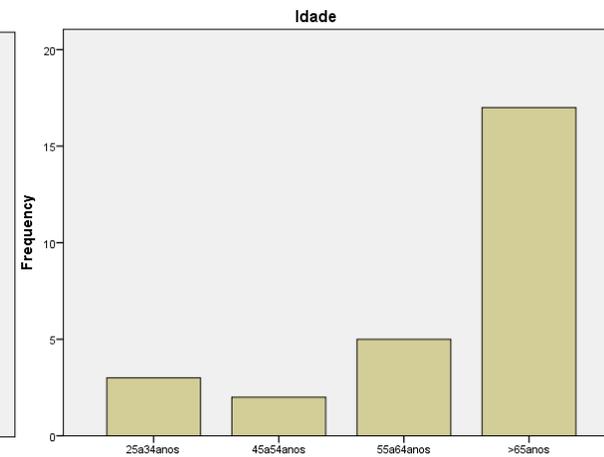
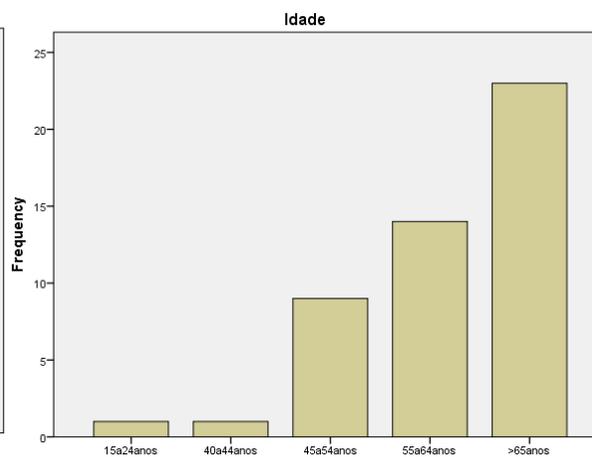
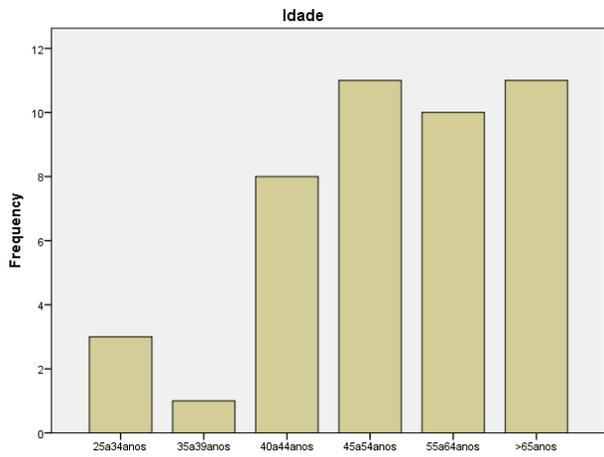
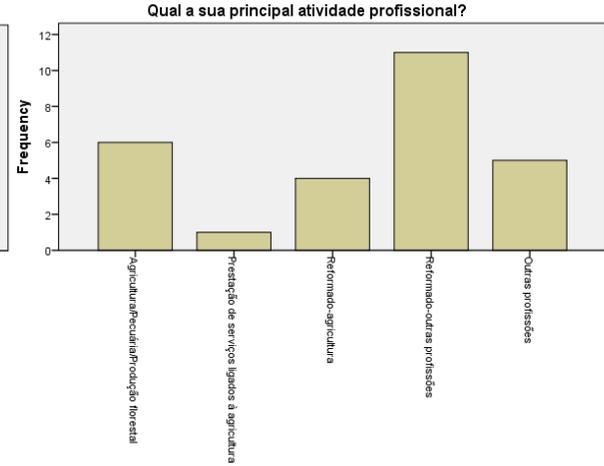
**CLUSTER 1**



**CLUSTER 2**

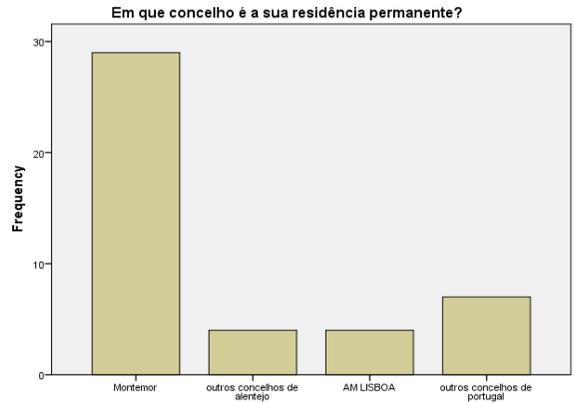


**CLUSTER 3**

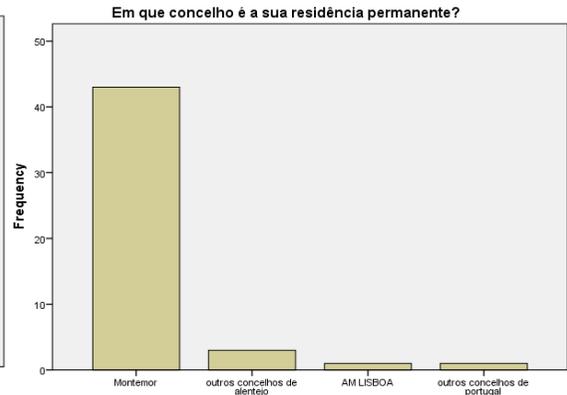


Fonte: Estatística Descritiva – Análise de frequências

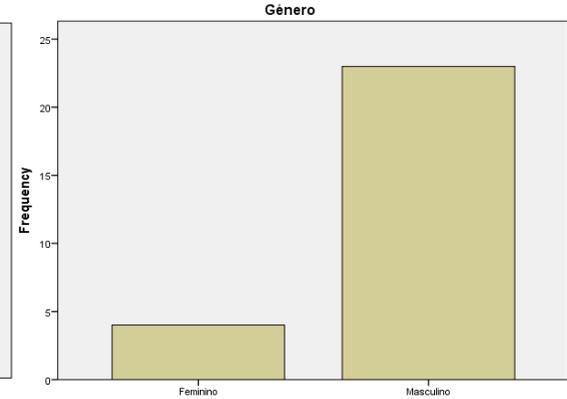
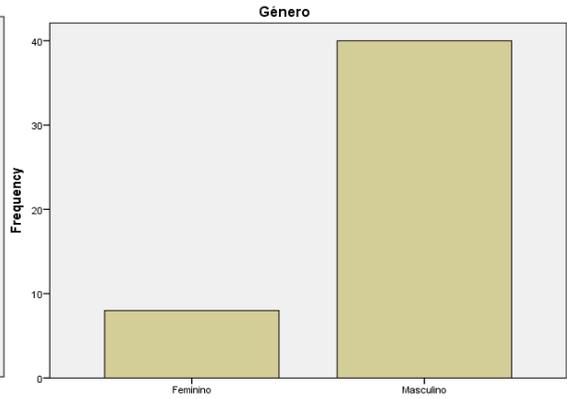
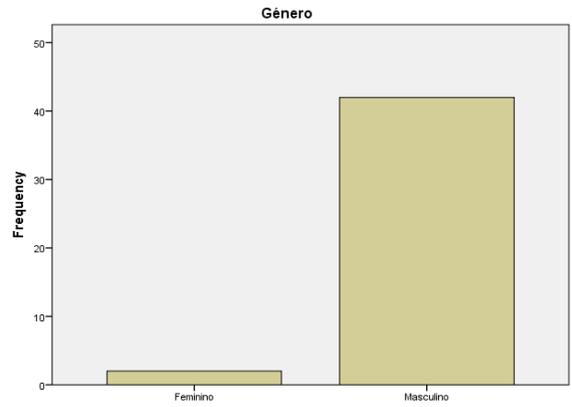
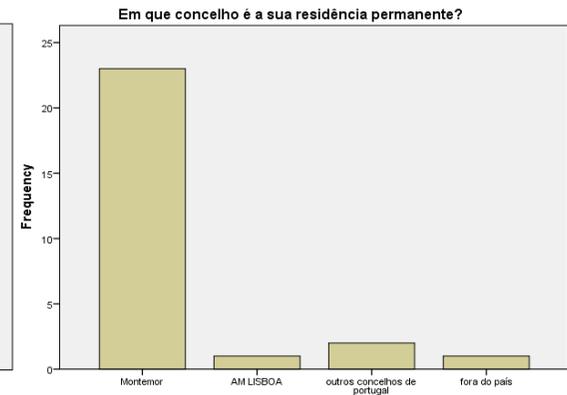
**CLUSTER 1**



**CLUSTER 2**

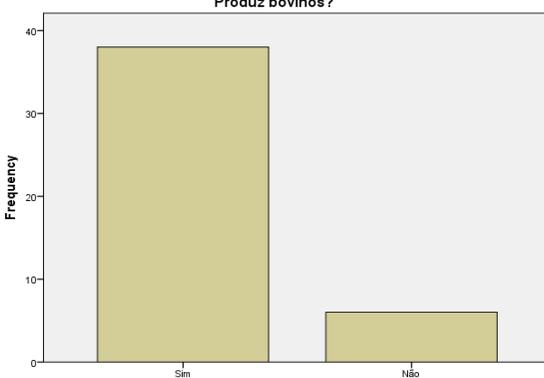
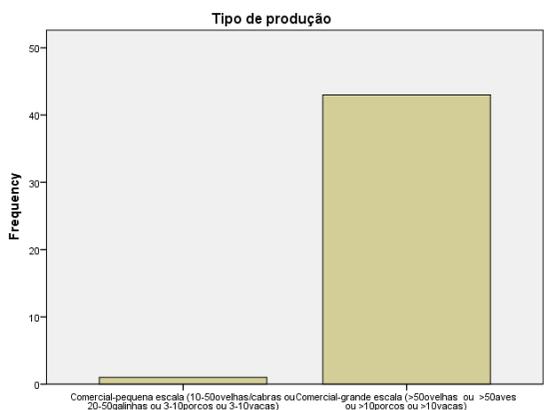
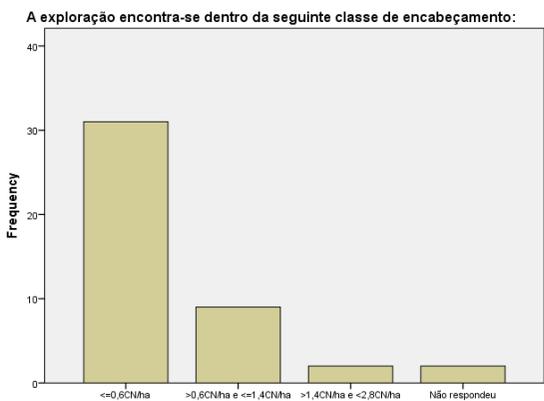


**CLUSTER 3**

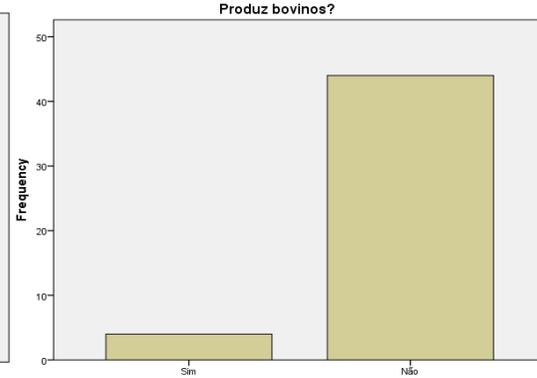
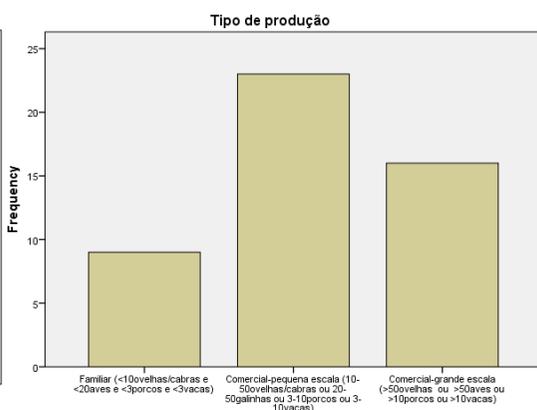
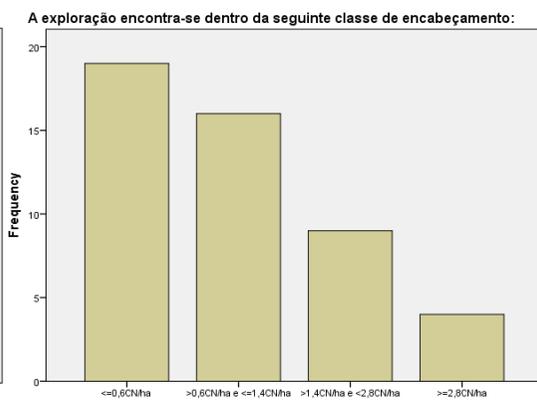


Fonte: Estatística Descritiva – Análise de frequências

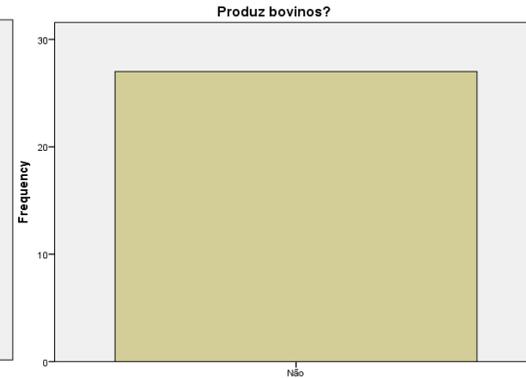
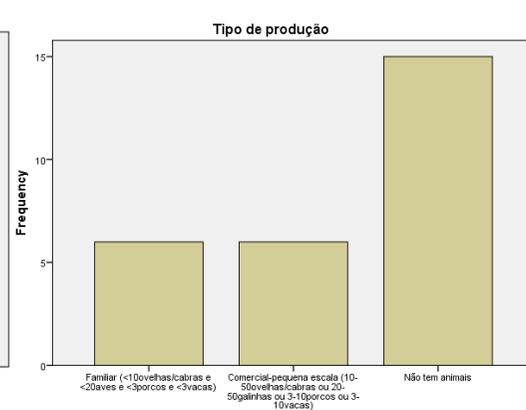
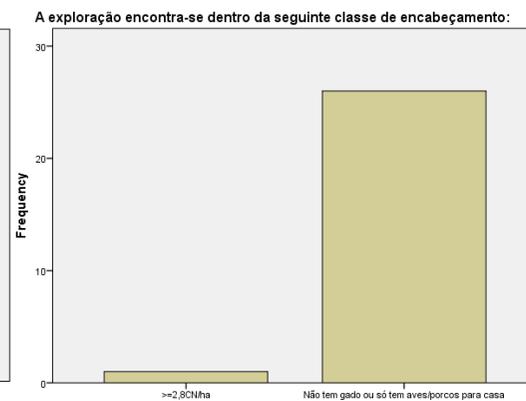
### CLUSTER 1



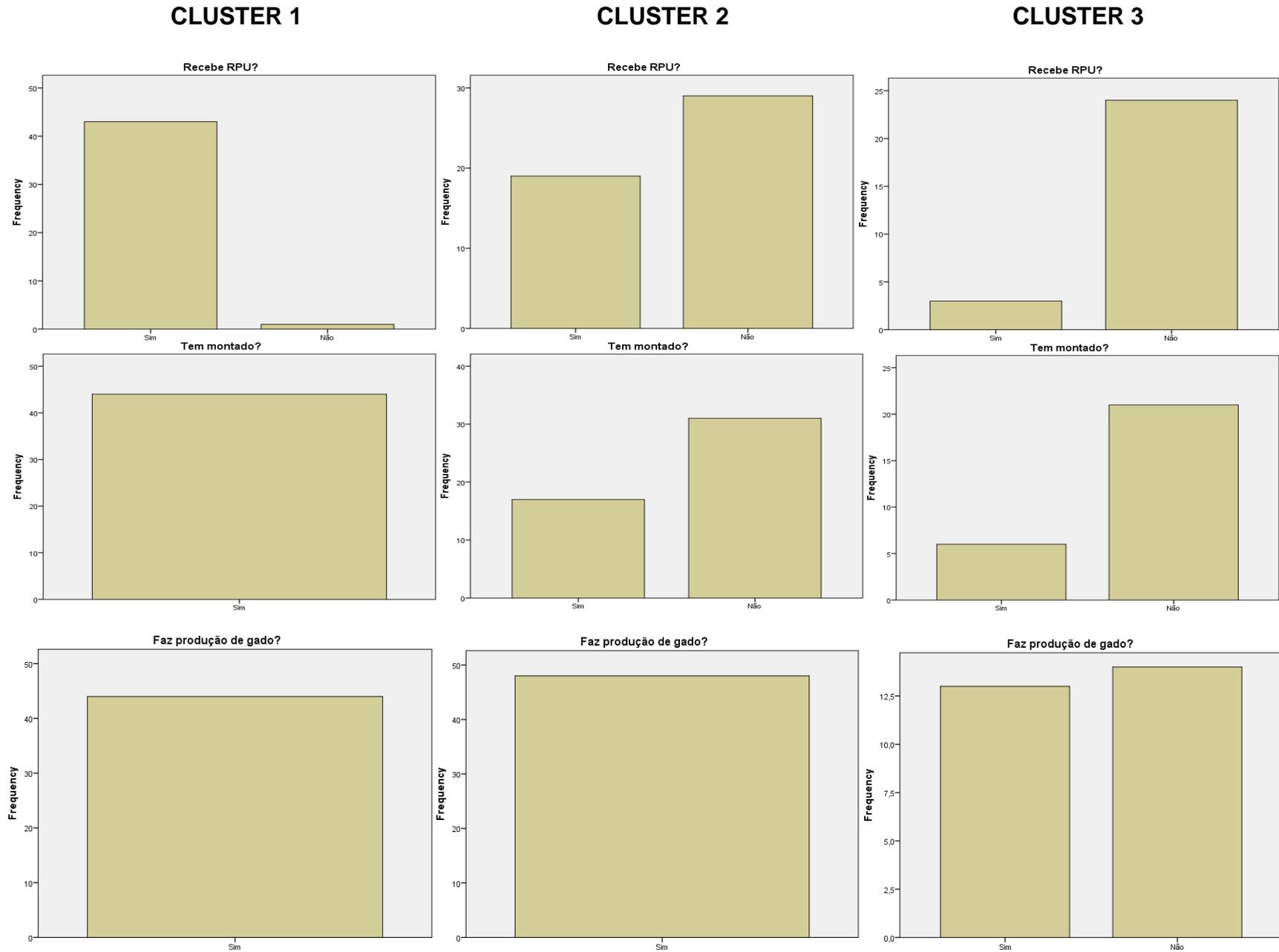
### CLUSTER 2

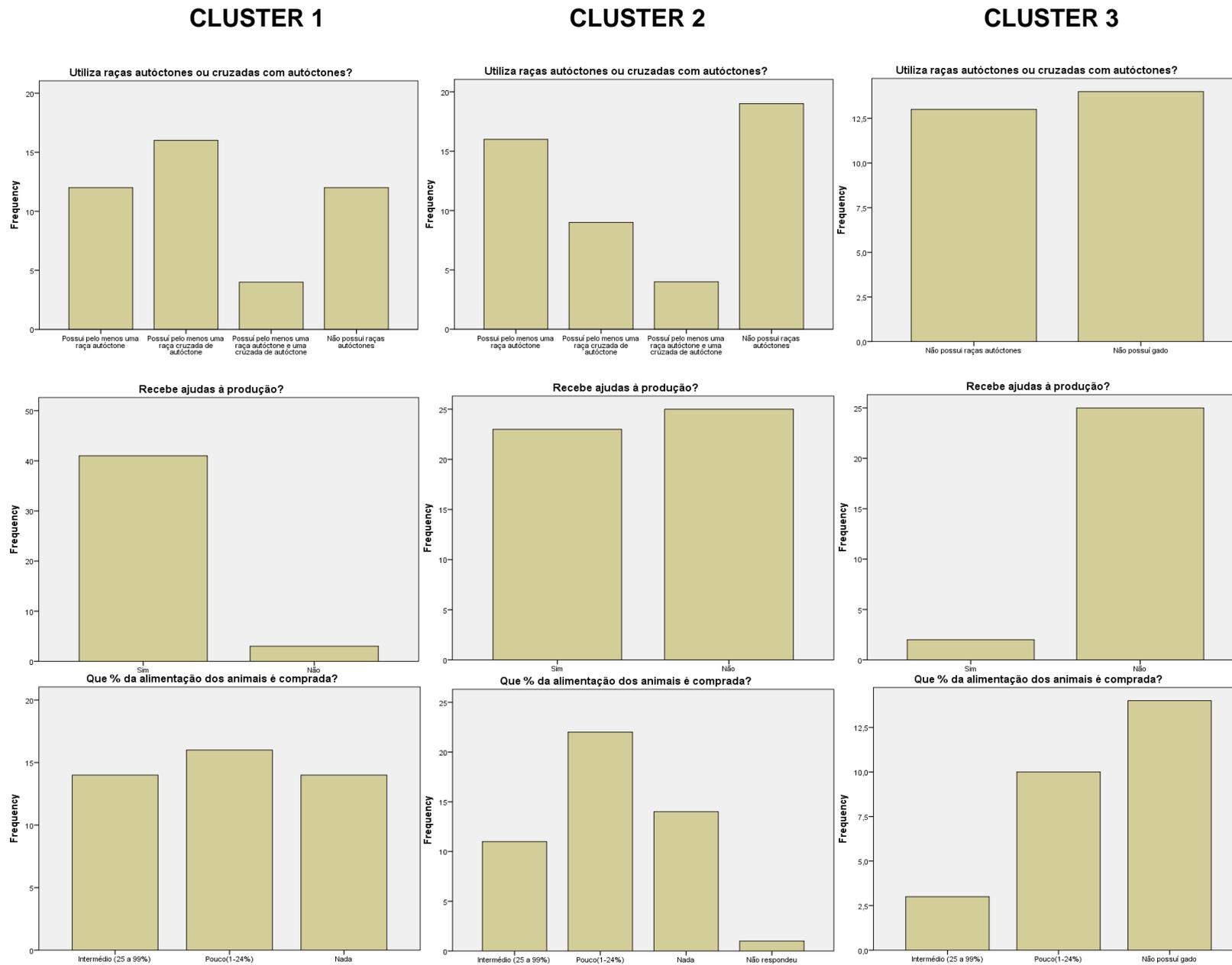


### CLUSTER 3



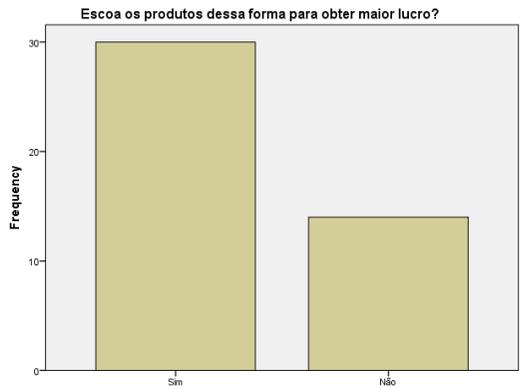
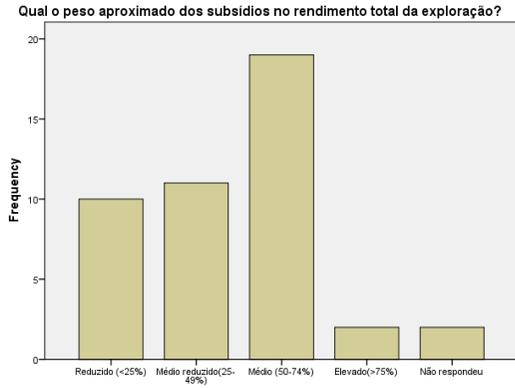




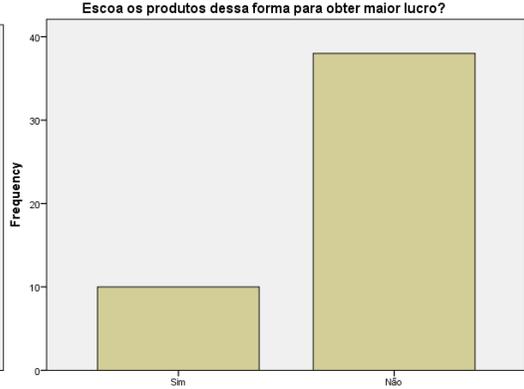
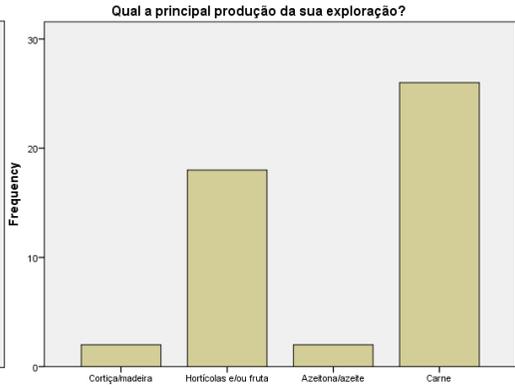
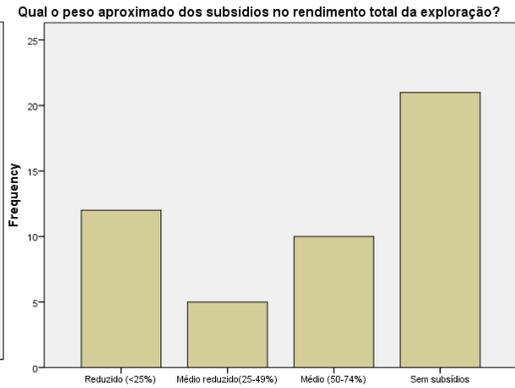


Fonte: Estatística Descritiva – Análise de frequências

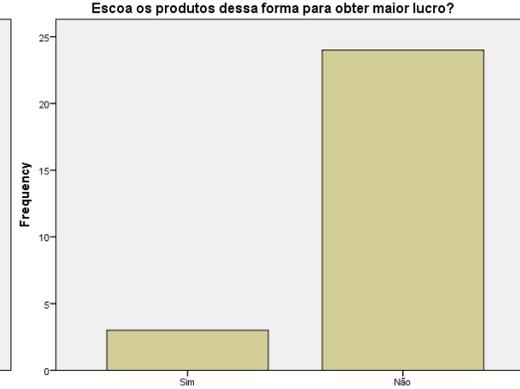
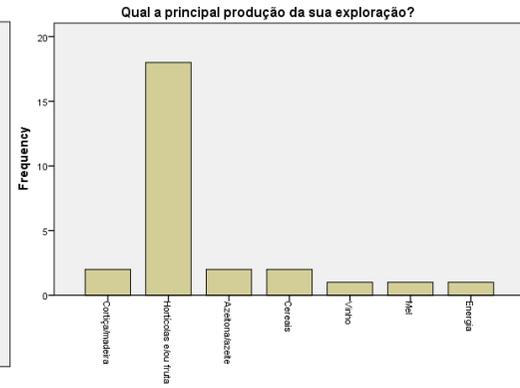
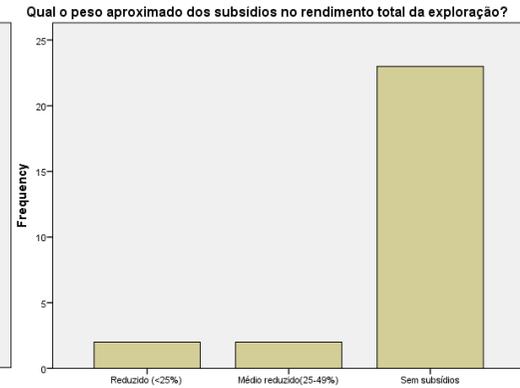
**CLUSTER 1**

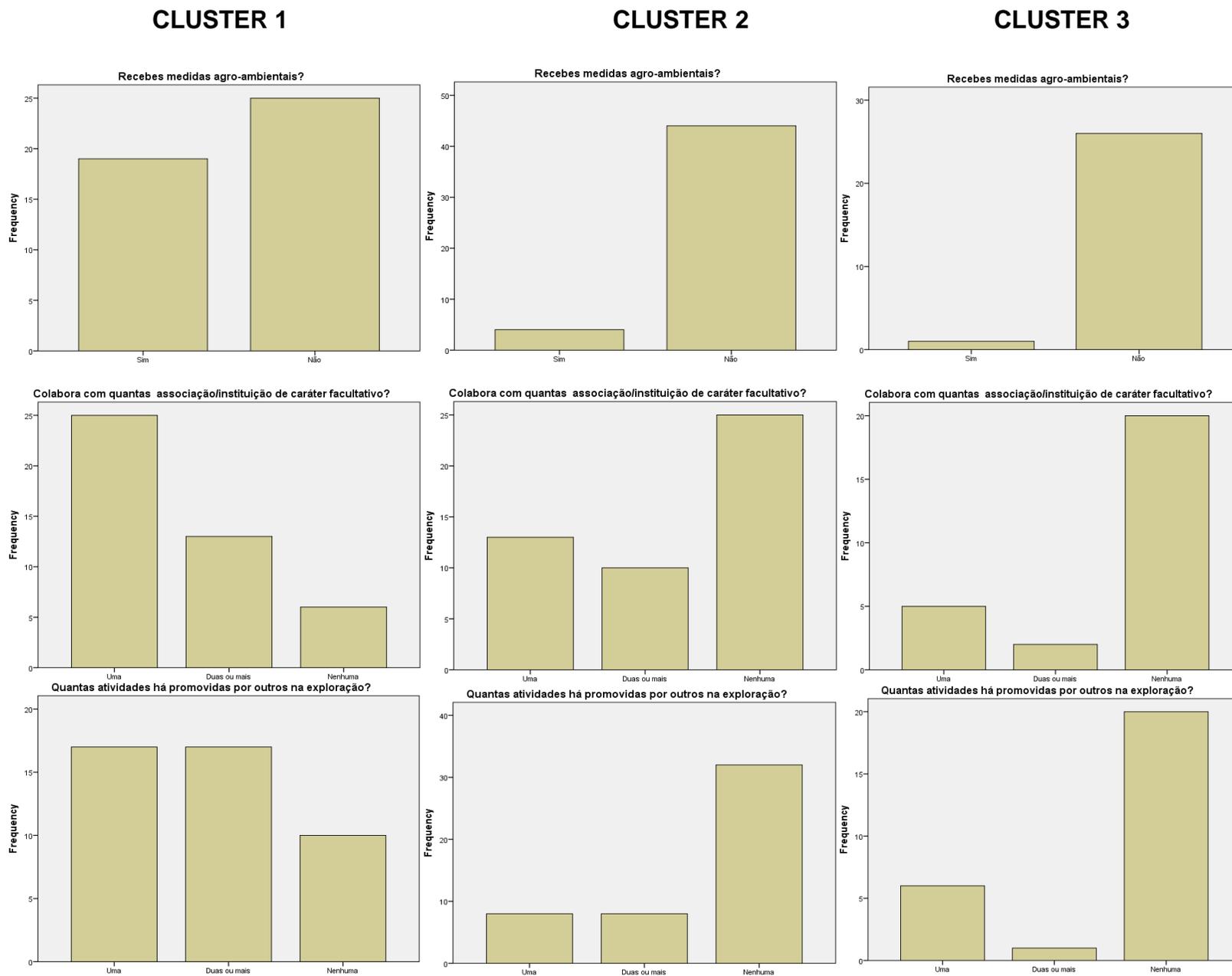


**CLUSTER 2**

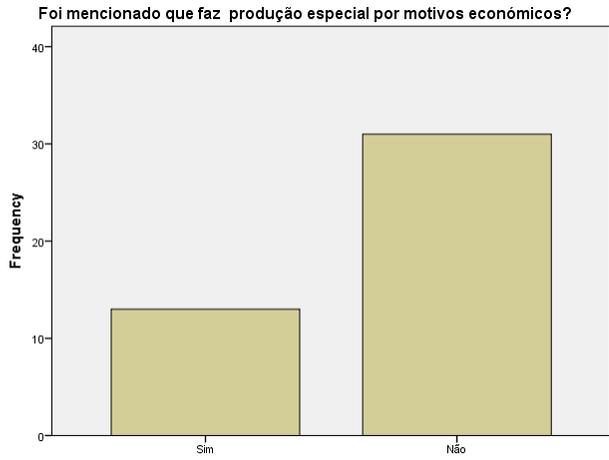


**CLUSTER 3**

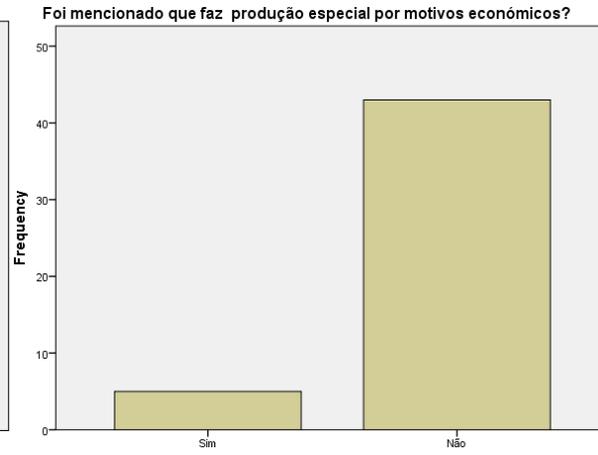




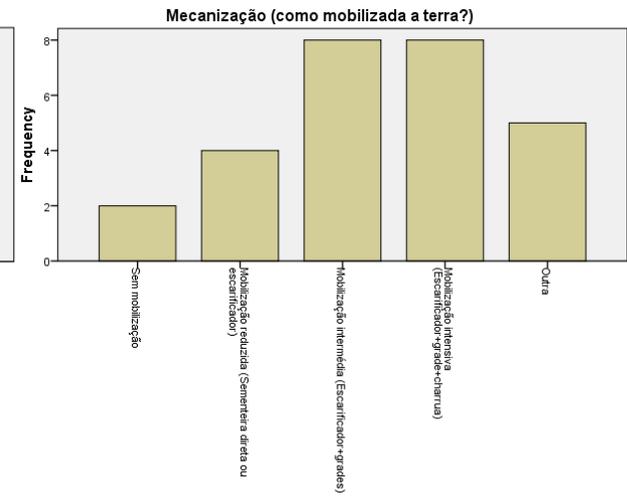
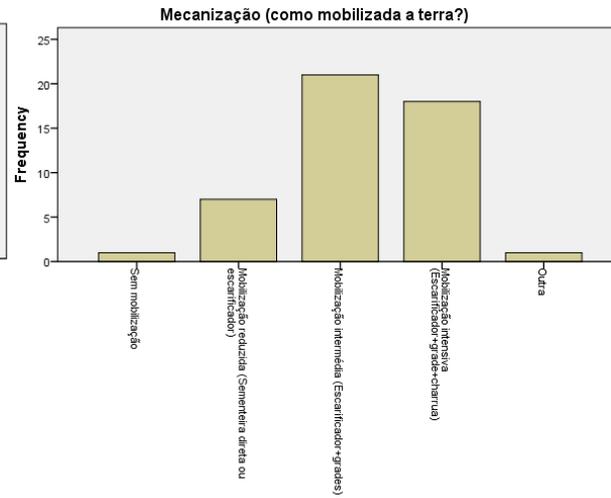
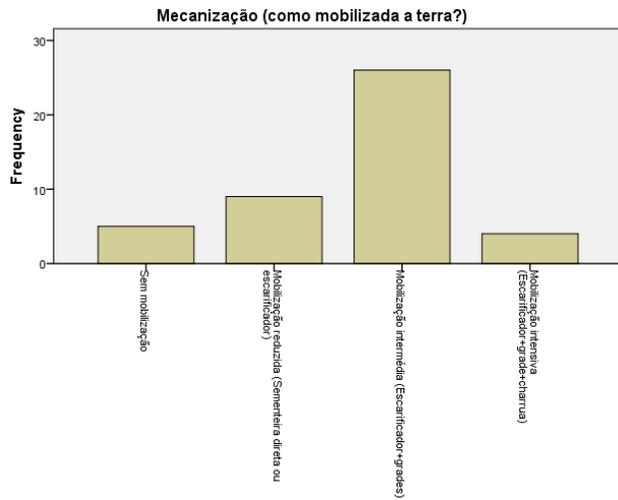
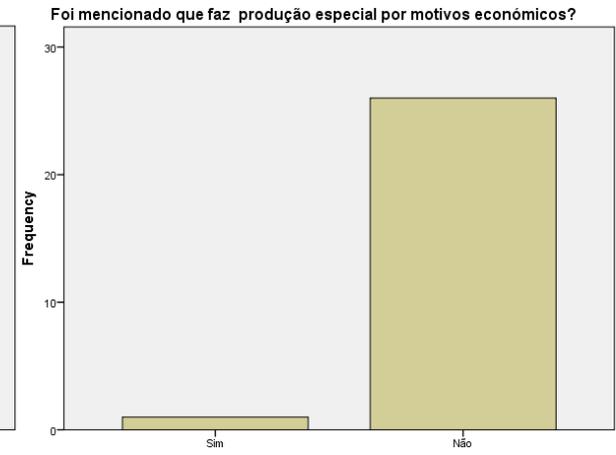
**CLUSTER 1**



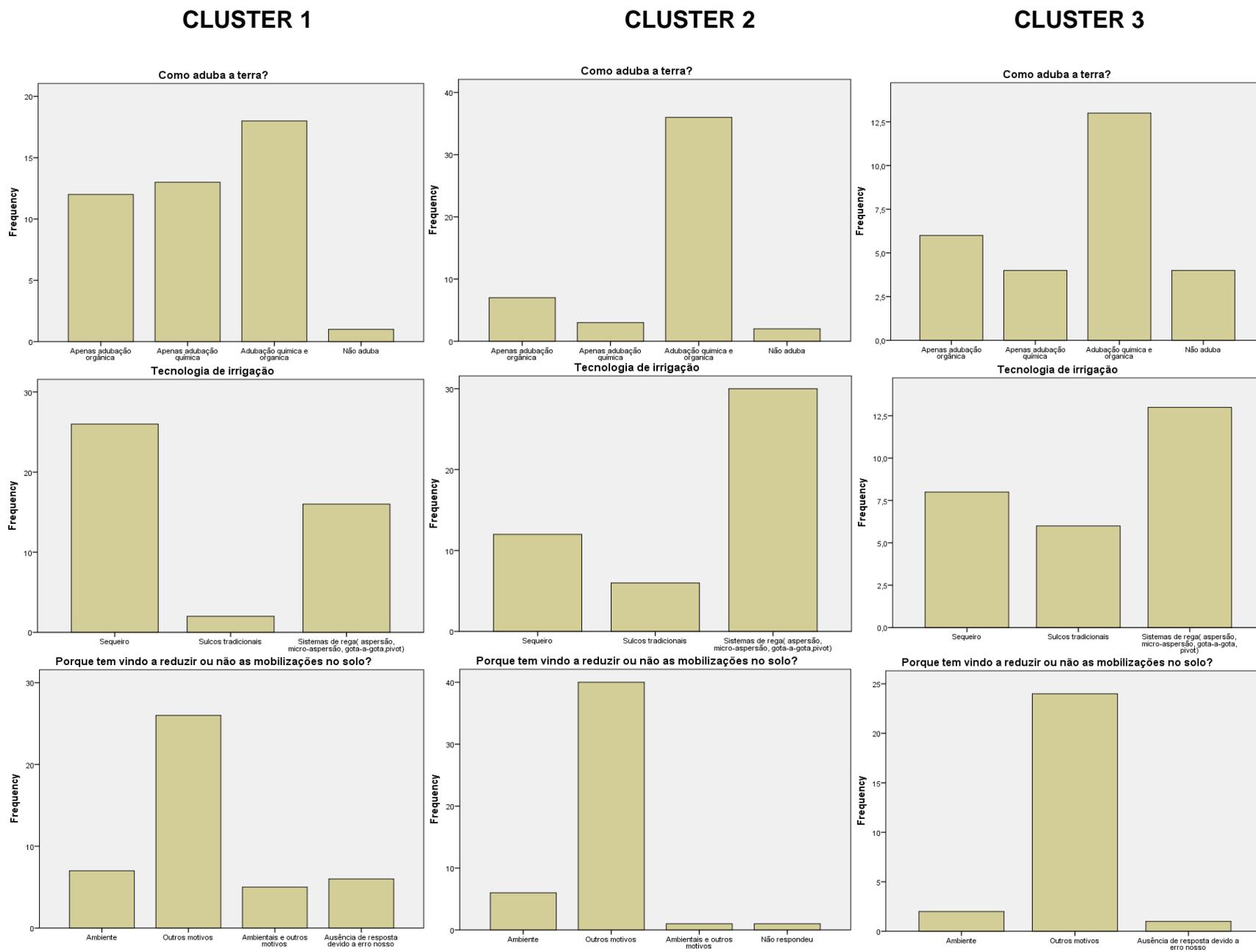
**CLUSTER 2**



**CLUSTER 3**



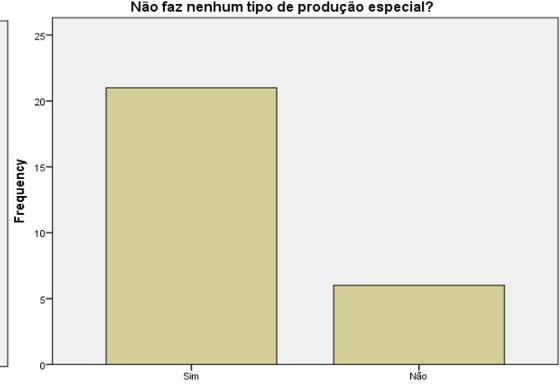
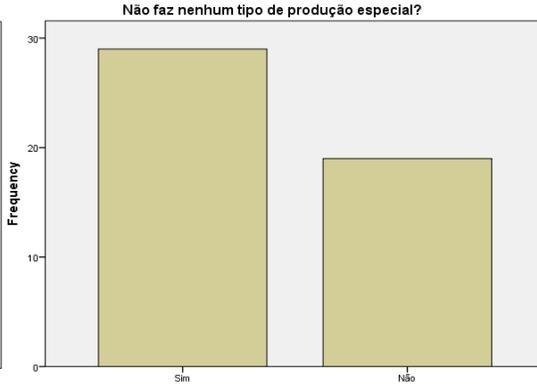
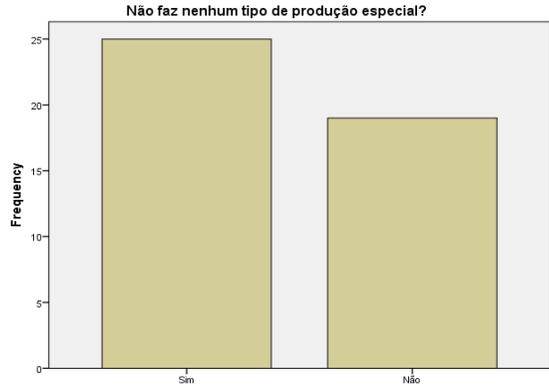
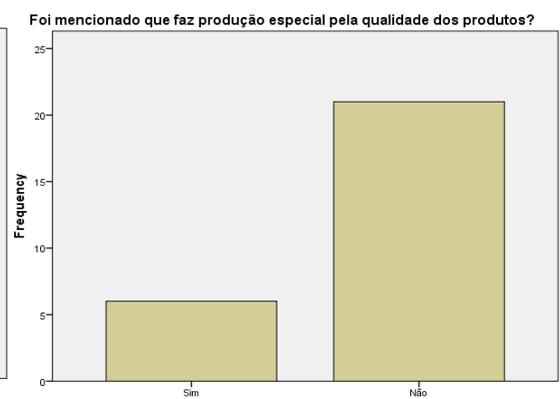
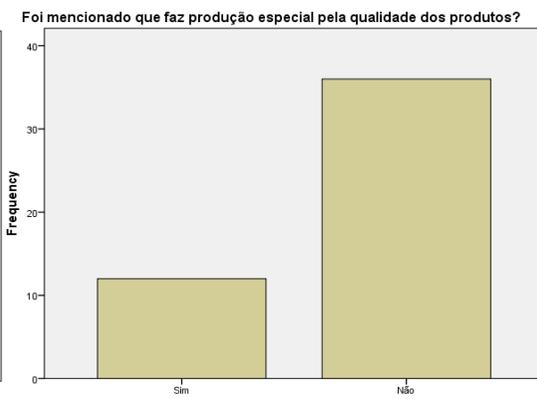
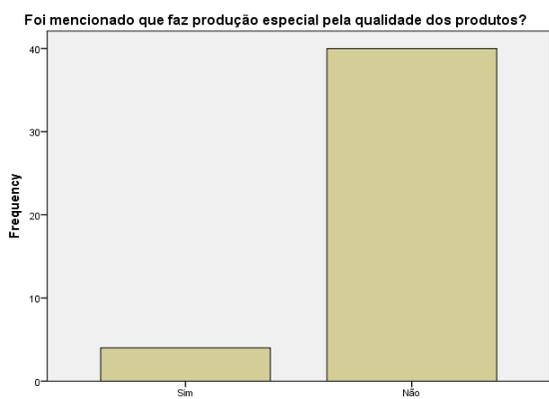
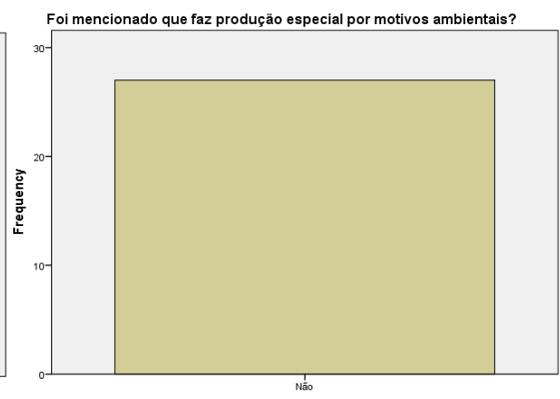
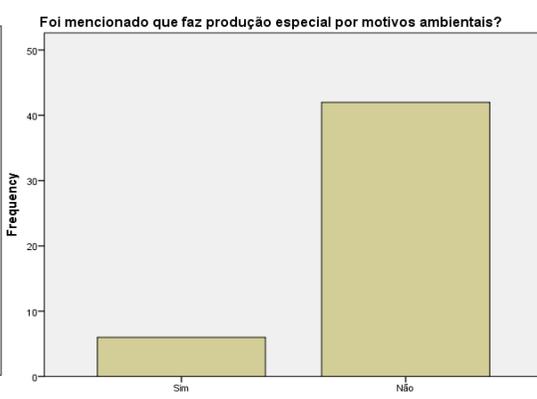
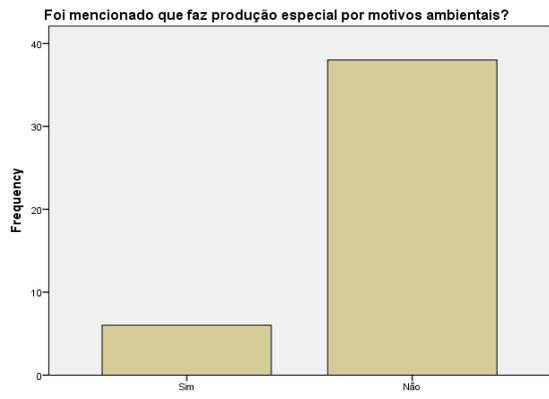
Fonte: Estatística Descritiva – Análise de frequências



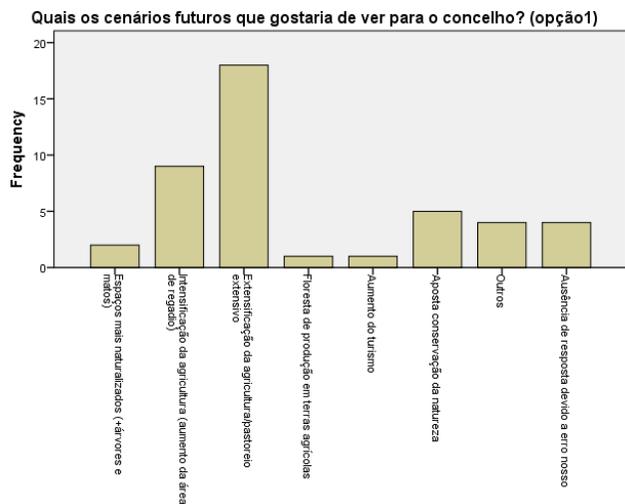
**CLUSTER 1**

**CLUSTER 2**

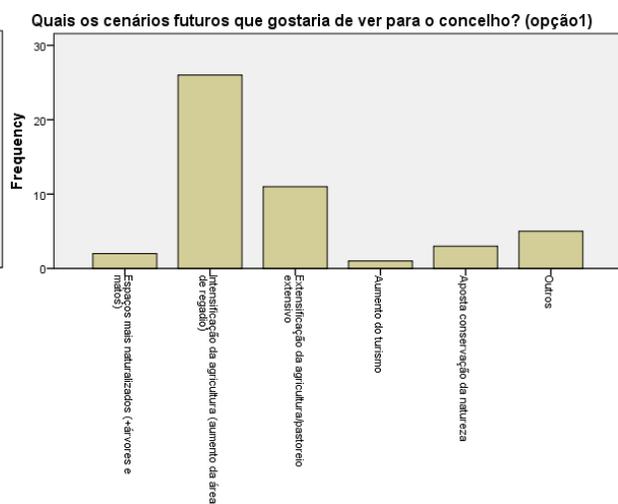
**CLUSTER 3**



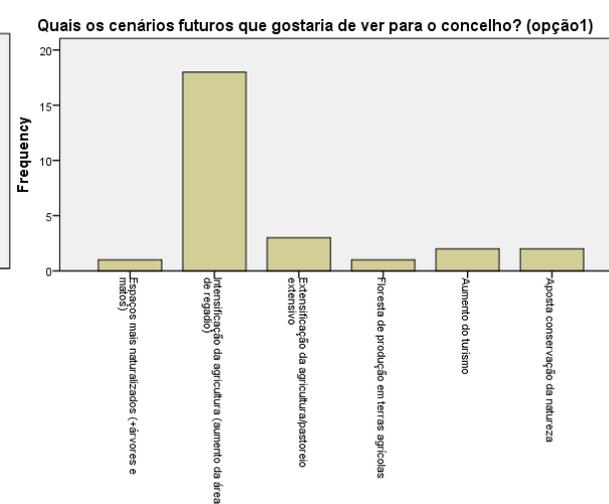
**CLUSTER 1**



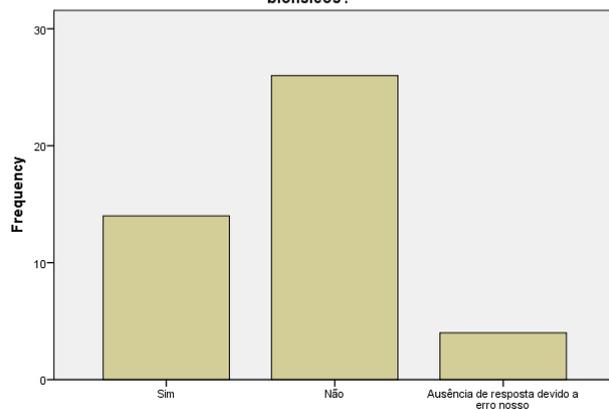
**CLUSTER 2**



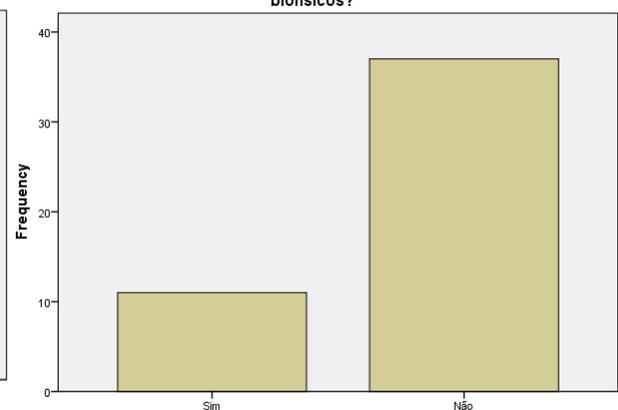
**CLUSTER 3**



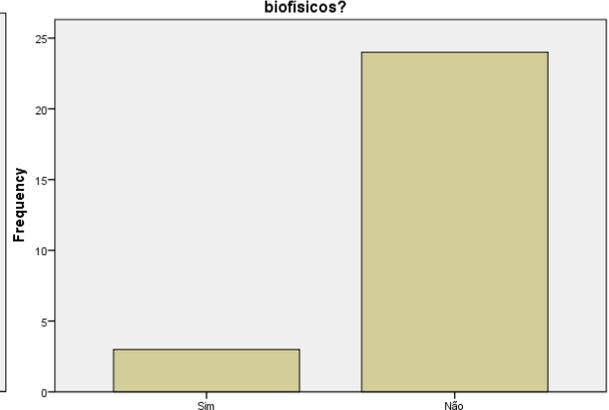
Foi mencionado que a escolha dos cenários deve-se a motivos ambientais ou biofísicos?



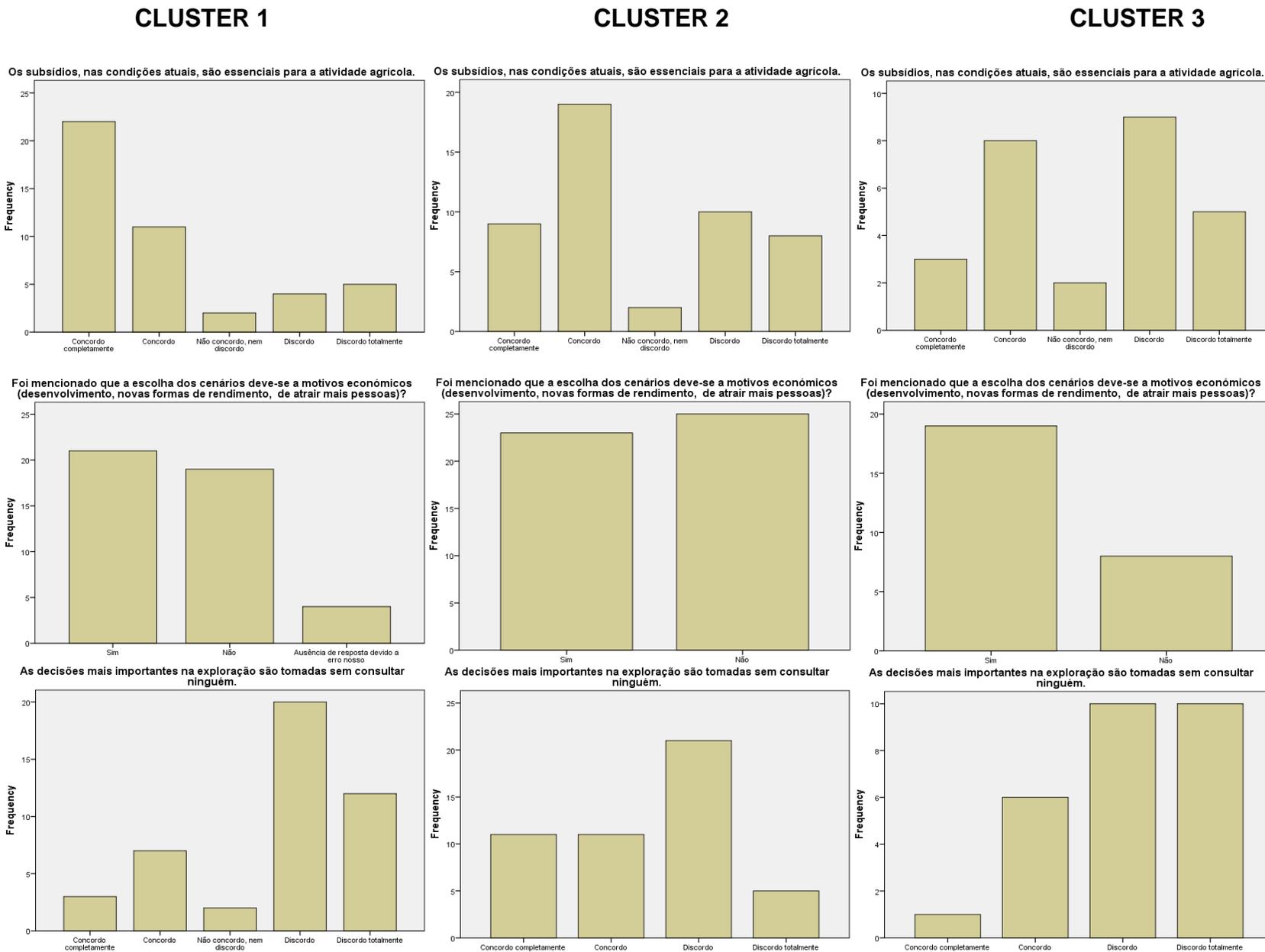
Foi mencionado que a escolha dos cenários deve-se a motivos ambientais ou biofísicos?



Foi mencionado que a escolha dos cenários deve-se a motivos ambientais ou biofísicos?



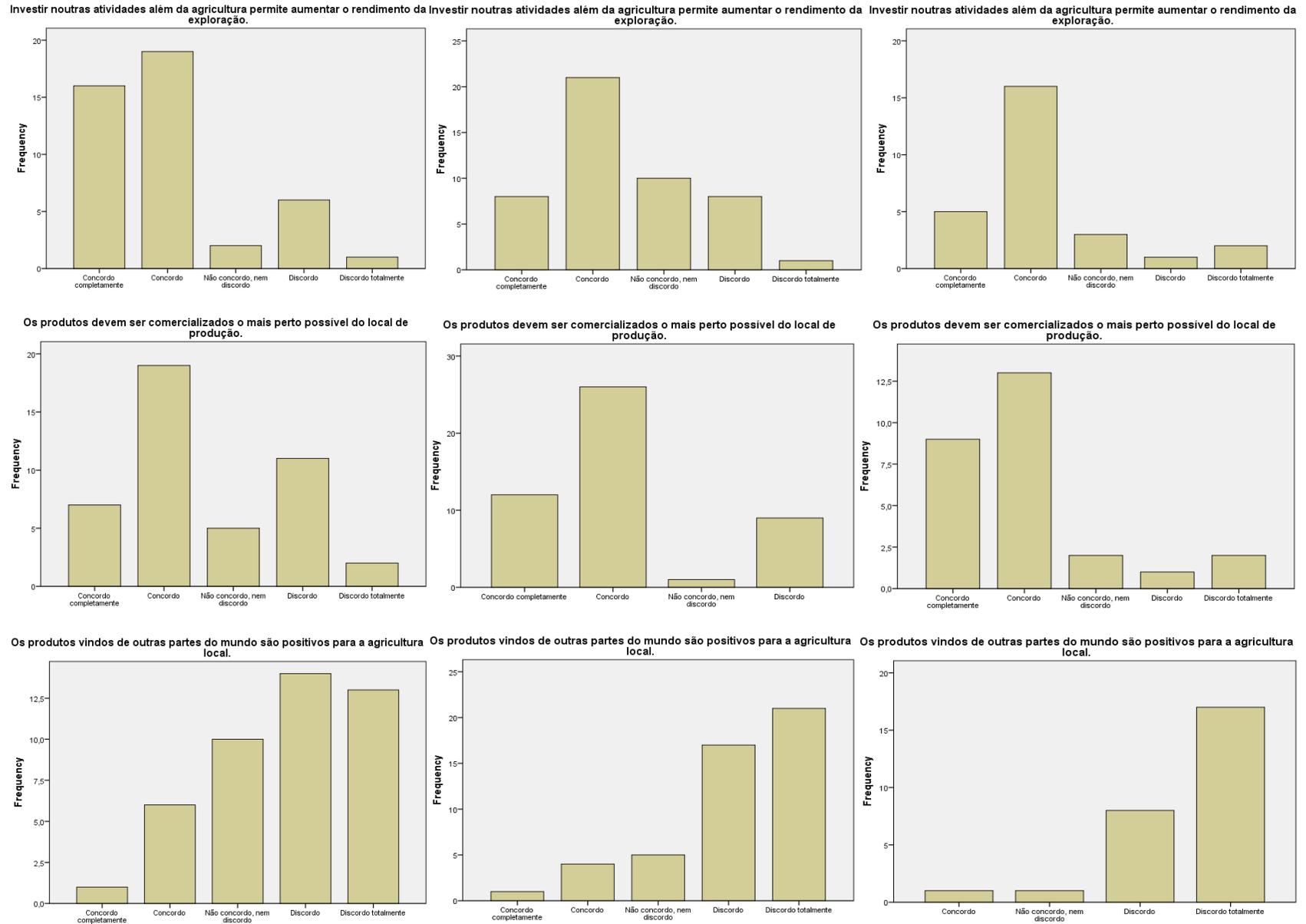
Fonte: Estatística Descritiva – Análise de frequências



**CLUSTER 1**

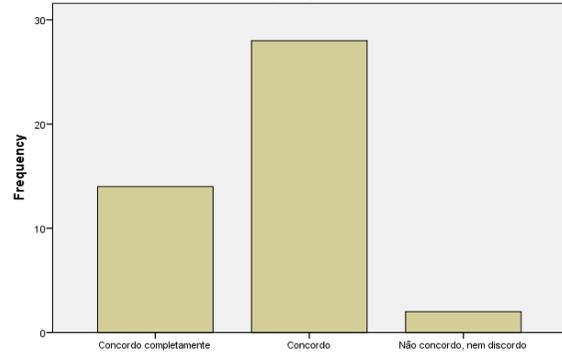
**CLUSTER 2**

**CLUSTER 3**

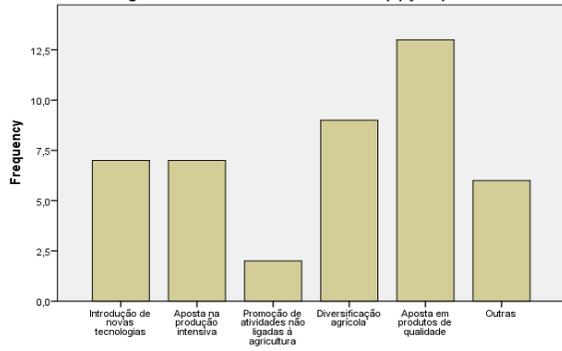


### CLUSTER 1

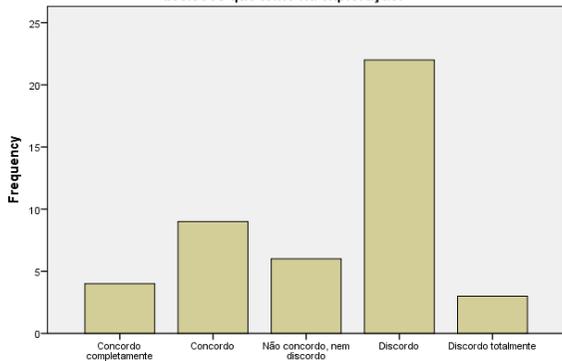
Relacionar-me com pessoas diferentes permite solucionar melhor os problemas na exploração.



Que caraterísticas considera fundamentais para a gestão de uma exploração agrícola de sucesso neste concelho? (opção1)

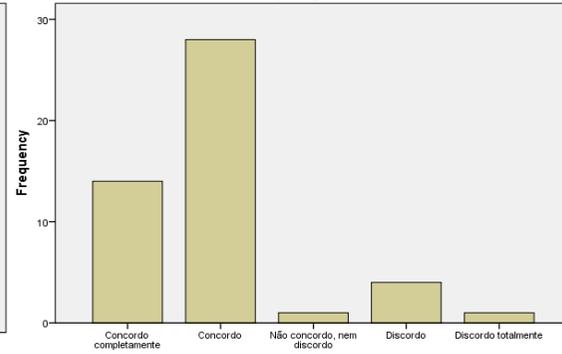


O estado ou outra entidade pública não devem ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.

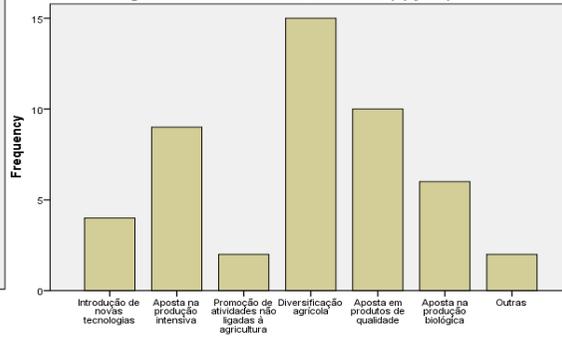


### CLUSTER 2

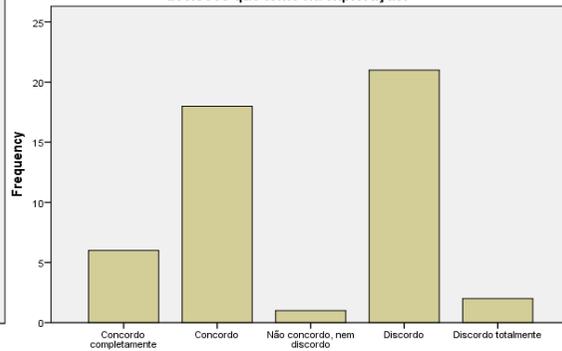
Relacionar-me com pessoas diferentes permite solucionar melhor os problemas na exploração.



Que caraterísticas considera fundamentais para a gestão de uma exploração agrícola de sucesso neste concelho? (opção1)

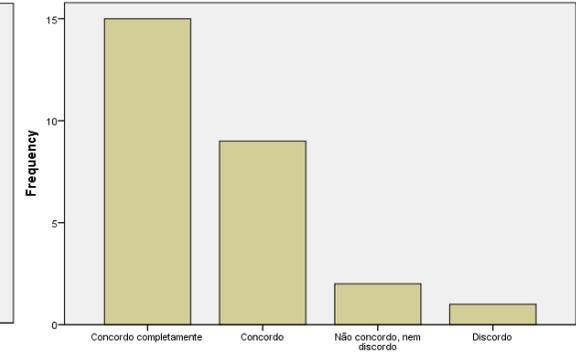


O estado ou outra entidade pública não devem ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.

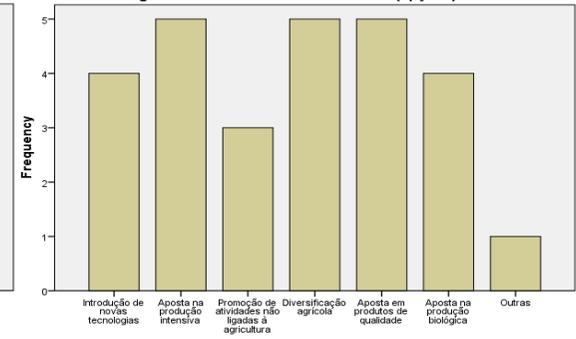


### CLUSTER 3

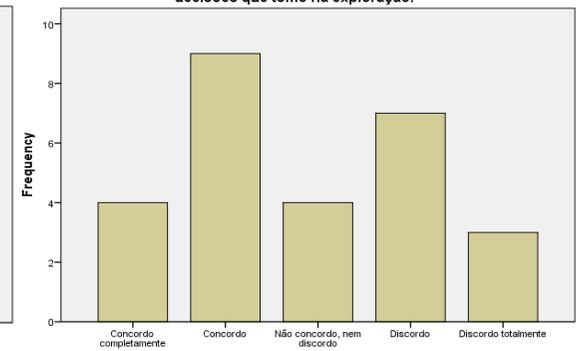
Relacionar-me com pessoas diferentes permite solucionar melhor os problemas na exploração.

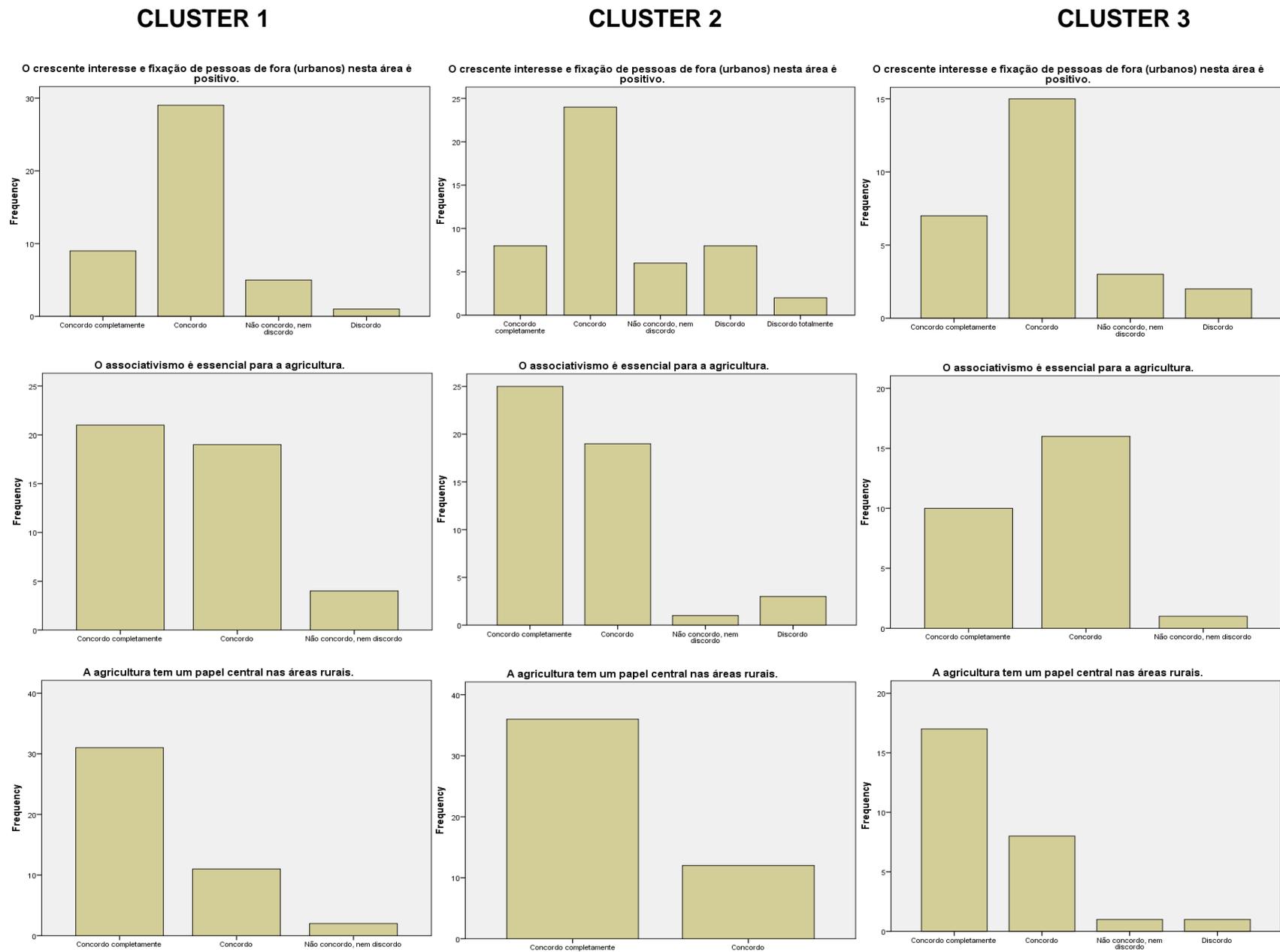


Que caraterísticas considera fundamentais para a gestão de uma exploração agrícola de sucesso neste concelho? (opção1)

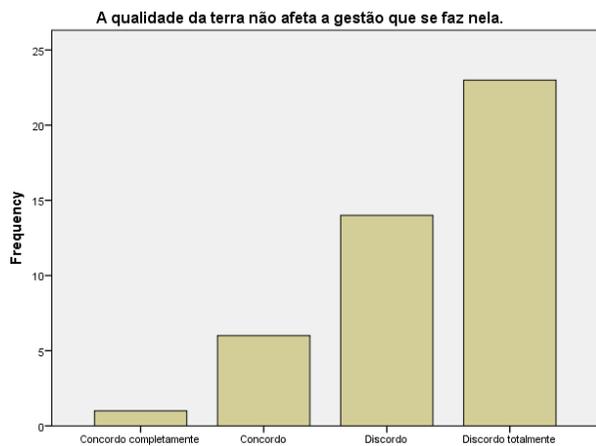


O estado ou outra entidade pública não devem ter nada a dizer sobre as decisões que tomo na exploração.

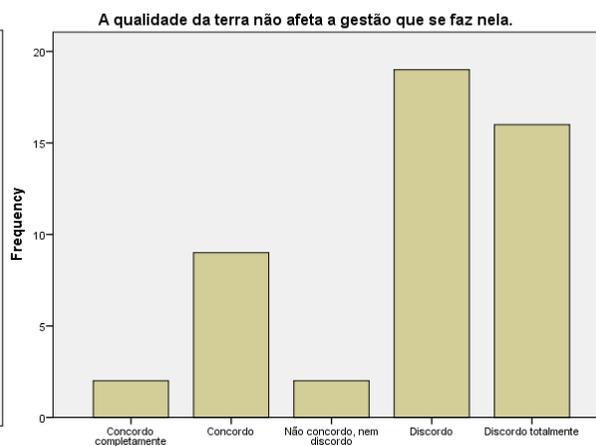




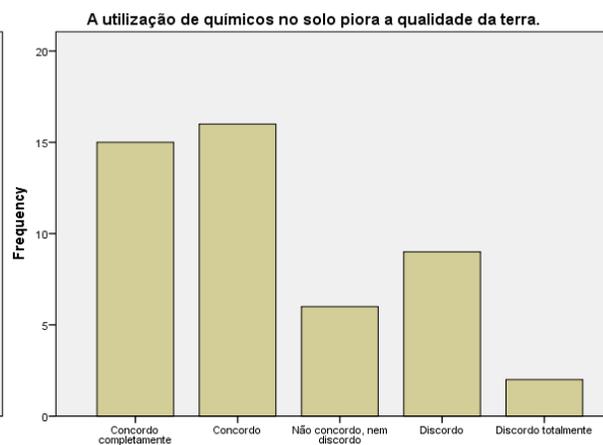
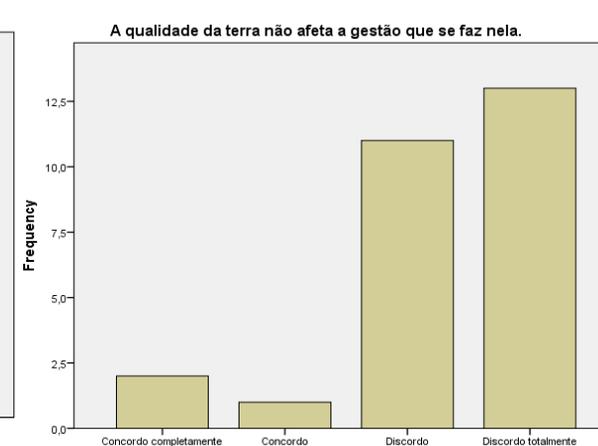
### CLUSTER 1



### CLUSTER 2

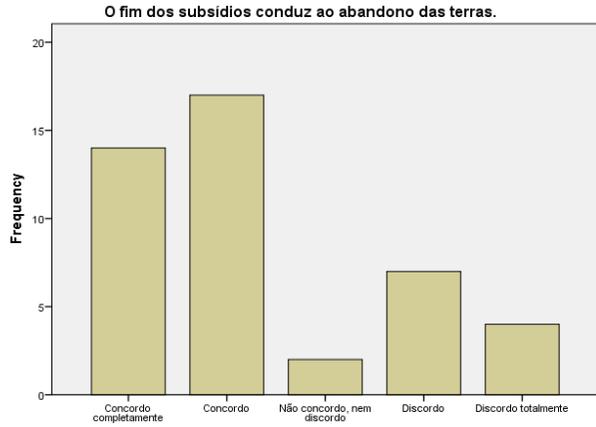


### CLUSTER 3

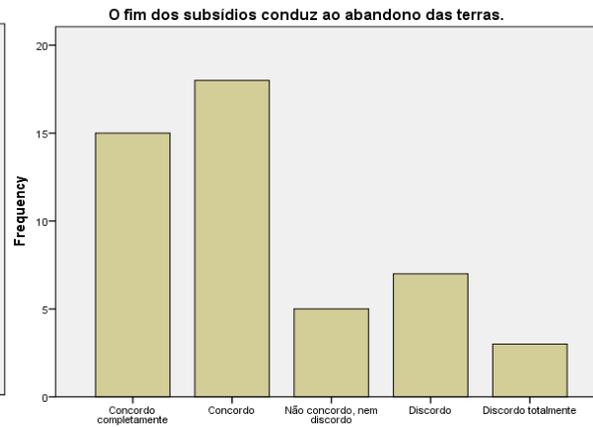


Fonte: Estatística Descritiva – Análise de frequências

**CLUSTER 1**



**CLUSTER 2**



**CLUSTER 3**

